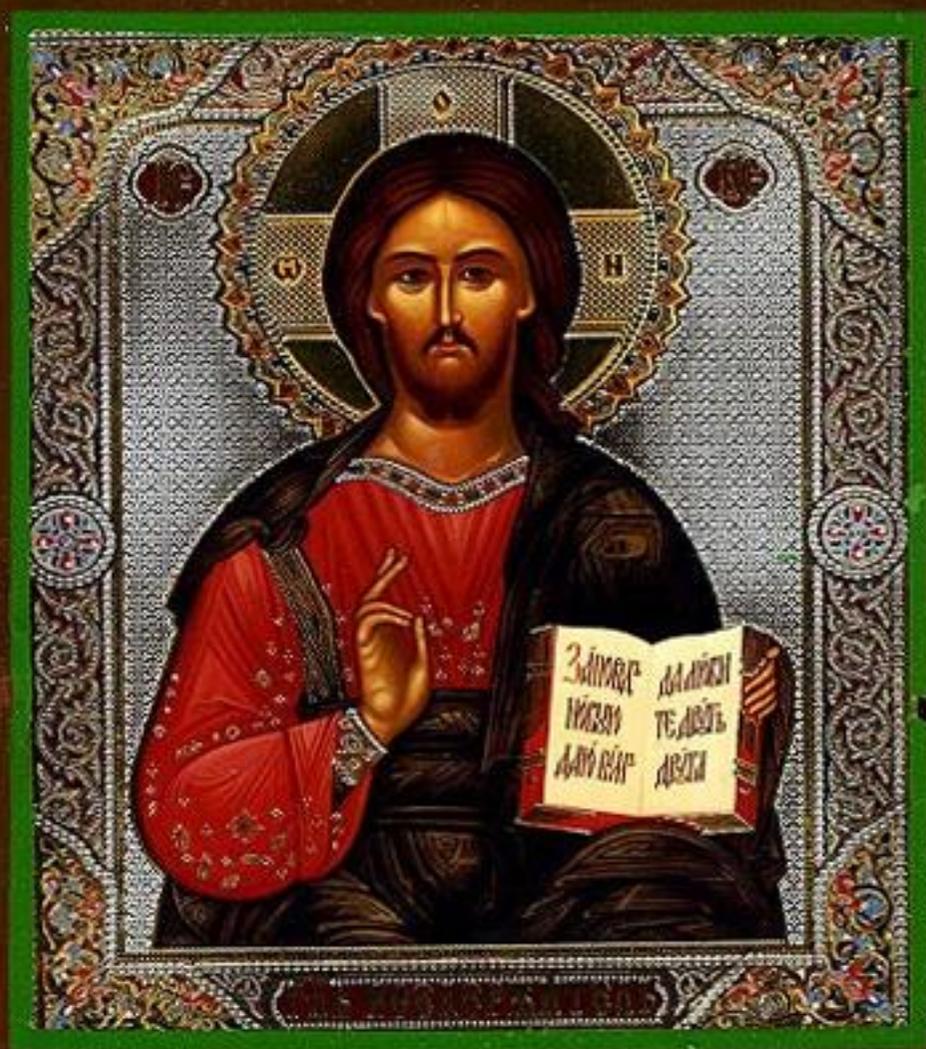


O Espiritismo E JESUS



José Gilbervan de Oliveira

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

José Gilbervan de Oliveira

O ESPIRITISMO E JESUS

A Fé raciocinada em
contraposição à Fé cega



Fortaleza
2011

Copyright © 2011 by José Gilbervan de Oliveira

Outras publicações do autor:

Deus Existe, Agora Eu Sei, Recife, Editora Livro Rápido, 2005

O Besouro Languebague, Recife, Gráfica Barreto, 2008

A Sabedoria dos Bichos, Recife, Gráfica Barreto, 2008

O autor é associado à União Brasileira de Escritores de Pernambuco, UBE-PE

E-mail: gilbervan_giba@hotmail.com

Fone: (81) 8807.2608

Capa

Sociedade Comunicação

Juscelino Guilherme

Coordenação de Design

John Barros

Diagramação

Indústrias Gráficas Barreto Limitada

Revisão

Giseuda de Oliveira Pontes

Luizandes Barreto

Marise Moraes

Bibliotecária

Carmem Araújo

O48e

Oliveira, José Gilbervan de.

O espiritismo e Jesus : a fé raciocinada em contraposição à fé cega / José Gilbervan de Oliveira. – Fortaleza : Gráfica LCR, 2011.

160 p.

Inclui referências bibliográficas.

ISBN 978-85-7915-061-6

1. Espiritismo. 2. Doutrina espírita. I. Título.

CDU: 133.7

Impressão:

GRÁFICA E EDITORA LCR

Tel. 85 3272.7844 | Fax. 85 3272.6069

Av. Israel Bezerra, 633 | Dionísio Torres | Fortaleza | CE
atendimento01@graficalcr.com.br | www.graficalcr.com.br

Este livro contém informações e conhecimentos que levam à reflexão. Obrigado pela sua leitura e por fazê-lo circular entre parentes e amigos. Abraços fraternos.

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	11
Um Pouco de Filosofia.....	13

Os Animais Irracionais Falam aos Humanos

Deus, Jesus, Kardec e o Espiritismo	23
Falando Sobre Jesus	81
Jesus e a Trindade	91
Por Que Mataram Jesus?	99
O Espiritismo e a Mulher	103
Depoimento Dos Que Já “Morreram”	107
Conclusão	117

Apêndice - O Recado Final dos Bichos

A Salvação	129
A Bíblia e Suas Controvérsias	137
Adão, Eva e o Pecado Original	149
Referências Bibliográficas	159

Prefácio

A Maiêutica no Espiritismo

Ao ler e reler este livro de José Gilbertvan de Oliveira fomos ao encontro de corajosa forma de descrever as verdades da Doutrina Espírita. O autor surge arrojado no estilo pedagógico de usar a filosofia, dentro dos parâmetros alegóricos próprios do pensamento socrático.

Maiêutica pura num processo multiplicador de perguntas e respostas em torno de casos concretos nascentes da ideia espírita a partir da codificação da Doutrina trazida por Allan Kardec no ano de 1857.

Livro instigante com a sublime projeção dos conceitos religiosos, na perspectiva de Deus, Jesus, Kardec e do Espiritismo, promovendo ou aplainando caminhos na eterna busca da verdade.

Há pressa no texto do Gilbertvan que tenta a clareza de um diálogo usando da ciência dos mitos, numa autêntica e objetiva forma mitológica para aclarar fábulas que se consubstanciam em realidades plausíveis na ótica filosófica da razão.

Um despertar de fé na proporção exata de desejar a paz do mundo pela união dos valores tangidos no Evangelho de Jesus. Estreante nos estudos da Doutrina Espírita, após a publicação de Deus Existe, Agora Eu Sei, bem como enveredando na literatura infantil o nosso Bevan optou

pela conversa franca com os animais. Usa como nunca a técnica das “Fábulas de Esopo” e conta suas histórias de bom senso na temática do Espiritismo lapidado por Kardec e o Espírito da Verdade.

A conversa com os “bichos” tem uma dimensão Cristã inexecedível. Paira acima da má fé ou teimosia dos racionais em separar a unicidade deífica. Somos tocados quase sempre pela vaidade de querer o “nosso credo” com o melhor e o mais verídico.

Quanta briga nessa eterna procura da Paz dos Sonhos! – O certo, o consciencial, o autêntico tem a roupagem da sinceridade que o Gilbervan repassa nas conversas de verossimilhança com os irracionais na pureza de intenções.

Um livro ousado este que prefaciamos com o sadio orgulho de trabalhar em consonância às regras de amor ao próximo nessa belíssima tentativa de unir homens e mulheres da Criação Divina, no patamar da igualdade tão desejada para o campo religioso das prédicas de Jesus de Nazaré.

Um exercício de fôlego que brinca com a filosofia, rebatendo conceitos e mandando recados, por indução, aos descrentes da vida além da vida e da justiça da reencarnação tão necessária ao crescimento do ser humano.

Os escritos de Gilbervan evoluem a cada página. Ele usa a metodologia da simplicidade e fala em Jesus, Espiritismo, mulher e desencarnados tudo para a conclusão com diretivas e análises bíblicas das controvérsias que envolvem Adão, Eva e o pecado original.

Repercuta também com expressiva conversa sobre a salvação desse maravilhoso povo de Deus que somos todos nós.

No mais é ler o que se segue e sorrir tal qual o riso de criança ao saborear os livrinhos de dulcíssimas teorias das verdades maiêuticas.

Paulo Eduardo Mendes

Introdução

Este livro é essencialmente um instrumento cultural de difusão de ideias, transmissão de conceitos e, ainda, um instrumento de condensação e acumulação de conhecimento. Intrinsecamente é um livro de formação e de transformação. Destina-se às pessoas de todas as crenças e religiões, uma vez que o seu maior objetivo é transmitir conhecimento e informação. Presta-se especialmente àqueles que têm mente aberta e sabem que os paradigmas não são permanentes e devem ser quebrados.

Quanto mais nos acercamos dos conhecimentos universais existentes, mais capacitados estaremos para duvidar e criticar certas verdades pre-estabelecidas, em prol de uma existência mais racional e proveitosa em todos os sentidos.

Por que a ideia de que são os bichos quem nos mostram as lições? Para chamar a atenção, ficar evidente a clareza, a obviedade e importância de todo o conteúdo dos assuntos aqui tratados; e se até os irracionais os percebem, como nós, os humanos, não?

Para nós seres pensantes, racionais, dotados de inteligência e comprometidos com o bem e em sintonia com o Universo, torna-se imperioso que tenhamos discernimento, façamos uso da razão sem esquecer que

somos responsáveis pelos nossos atos e só colhemos o que plantamos. Por isso mesmo, é dever cívico de cada um externar os seus convictos sentimentos e verdades, a bem da humanidade, desde que referida convicção advenha da reflexão, da fé e da sintonia com o Criador. Temos o dever de nos expor, por questão de consciência íntima e em nome de uma consciência maior, coletiva e universal.

Quanto ao resultado que este livro trará, observo introdutoriamente: ao lê-lo com a devida atenção e acuidade, daremo-nos conta da nossa imperfeição e pequenez temporária, diante da grandiosidade, real figura e personalidade de Jesus, estampada e apresentada. Porém, e em seguida, perceber-nos-emos grandes e importantes no contexto da criação Divina, nos planos de Deus. Esse processo ampliará a nossa consciência e a nossa razão, ao ponto de nos levar a sentirmo-nos incomodados, culpados e reprovados diante da iminência de um erro, uma falta que estejamos prestes a cometer, e o mais importante e animador, a certeza, a esperança e a consolação de que nós temos conserto, temos jeito e que um dia alcançaremos o objetivo que Deus tem para nós, a tão almejada eterna felicidade e a paz espiritual.

Entretanto, será bom lê-lo até o fim. Não desista se achar que alguma coisa está em desacordo com o que você conhece, acredita ou pensa; vá até o fim, afinal de contas a fé deve ser ecumênica e este livro não tem o propósito e nem o interesse de que você mude sua opção religiosa. Entenda-o como uma informação a mais, até mesmo para reforçar a sua fé e a sua crença.

Na nossa consciência – no seu maior grau de pureza, perfeição e alcance – estão registrados, gravados os planos de Deus para cada um de nós, sendo ela, portanto, a maior autoridade que nos fala, por toda nossa existência. O espírito santo teológico nada mais é do que o grito da consciência de cada um.

Um Pouco de Filosofia

Ganha quem leva a vida a sério, mas trata as coisas sérias com simplicidade e leveza. Ganha quem se adapta às situações novas com facilidade e ajusta-se aos novos tempos, conhecimentos e descobertas que surgem a todo momento, com o uso da razão. Ganha quem é flexível e está aberto ao novo, ao desconhecido, uma vez que muitas das coisas ditas conhecidas e acabadas que aí estão são criação da mente humana, muitas vezes eivadas de vaidade e de interesses próprios, por vezes escusos e pragmáticos sem levar em conta a essência da verdade. Da Natureza ainda desconhecemos quase tudo. São infindáveis os mistérios ainda a serem revelados.

A felicidade está dentro de cada um de nós; dentre as muitas variáveis necessárias a alcançá-la, estão o descomplicar, o desapegar-se da matéria e a capacidade do indivíduo de adaptar-se às coisas e às situações novas constantemente surgidas diante das adversidades e da impermanência da vida.

A felicidade está ainda e acima de tudo no amor que doamos; e quando esse amor é despretenso, desmedido, gratuito e sem barreiras, ele pode ser comparável

a um mergulho em águas profundas, ao saltar-se de um penhasco, quando nada impede que se chegue lá, até o outro. Um amor tão grande e natural que nos leva a uma sintonia fina e automática com a Natureza; condutor de uma energia transformadora, energizante e revigorante que transmite paz, alegria, satisfação e mais amor, cada vez mais amor e aí não tem mais fim, é somente amor, a essência do viver. Amemos, portanto, desenfreadamente.

Façamos essa experiência: num shopping, solte o seu amor, deixe-o fluir e sinta-se abraçando a todos e confirme o que estou dizendo. Imagine esse amor sendo praticado 24 horas!... Você chega a ficar meio abobalhado, envolvido que está por uma sensação constantemente gostosa, com seu íntimo inflado por uma energia incontida, que somente Deus explica, Ele que está acima de qualquer coisa.

Existe também uma estreita relação entre a felicidade e a utilidade do ser, o sentir-se útil. Para sentir-se útil, necessariamente, o indivíduo tem que fazer coisas úteis. Para fazer coisas úteis, o indivíduo tem, acima de tudo, de viver o presente; o passado já se foi e o futuro pode até nem chegar, aqui na Terra, é claro. Para viver o presente, eficiente e eficazmente, na sua plenitude e ainda ter a certeza e a sensação do dever cumprido, ou seja, sentir-se útil, pode parecer simples, mas não é. O indivíduo tem que fracionar o seu dia de 24 horas em minutos, pois somente assim perceberá o tempo ir-se. Assim terá a possibilidade de ficar vigilante para não desperdiçá-lo; monitorando-o, bem como suas ações, e perseguindo-o, terá a devida certeza de sua aplicabilidade integral e, se nesse ínterim foram feitas coisas úteis, esse indivíduo, inexoravelmente, sentir-se-á plenamente preenchido e satisfeito com ele mesmo. Portanto, tem que se viver o presente, minuto a minuto, sentir-se parte da Natureza e

praticar atos, ações e pensamentos positivos. Do contrário, além de não nos sentirmos preenchidos, nos sentiremos inúteis – se existe pecado, talvez este seja um dos maiores, aos olhos do Criador, que nada fez de inútil. Tudo que Ele fez tem um sentido e um fim essencial e contrariar isto é mortal para o espírito.

Ao escrever este parágrafo inspirei-me na minha mãe que faz uso, naturalmente, deste método. Ela é Maria Lima de Oliveira, casada com Afonso Justino de Oliveira. Tem 93 anos, criou 15 filhos e já escreveu 5 livros. O papai já está na espiritualidade. Aproveito este espaço para homenagear o casal mais sábio, prudente, sereno, equilibrado e flexível que conheço.

Não se trata de ser um “workaholic” – viciado em trabalho –, posto que, no sentido em que estou falando, o tempo empregado num necessário entretenimento, numa sesta após o almoço, numa conversa com os amigos e familiares, é tempo útil e utilizado corretamente.

Conecte-se em sintonia fina com o Cosmos, com o Universo, com o Criador de todas as coisas. Deus está conosco no sucesso, nas coisas boas da vida, mas temos dúvida se Ele está nas adversidades, nas vicissitudes. As adversidades, as vicissitudes, acontecem porque fazem parte do curso normal e natural das coisas, e para muitos representam um problemão, mas quando o indivíduo os encara com a devida naturalidade e sabedoria, então Deus chega também junto e transforma este problemão em “probleminha”.

Essa sintonia é que nos torna exclusivos, únicos, cada um à sua maneira, filhos de Deus. Ela representa a nossa escolha em Deus, em contraponto com muitas pessoas desavisadas que interpretam certas passagens da Bíblia como se existissem pessoas e raças escolhidas

de Deus. Deus não escolhe ninguém, muito menos uma raça em detrimento das outras, todos são seus filhos. No entanto, sim, nós O escolhemos, do contrário Deus seria tudo, menos Deus.

Acreditamos que é importante ver sempre o lado positivo das situações e fazer valer o bom humor para recuperar o controle sobre o que pensamos. Entendemos que é fundamental aprender a focar o positivo e procurar o aspecto lúdico da vida. Um mesmo acontecimento pode ser encarado com sentimento de humor e ser facilmente ultrapassável ou, pelo contrário, ser vivido com dor. Há mulheres e homens infelizes somente porque um dos parceiros chega tarde em casa – lamentável, não? – e há mulheres e homens felizes, mesmo diante de uma grande tragédia – glorioso, não?

Quando controlamos as emoções – para isso usamos a razão e a inteligência – e amparamo-nos na fé, ficamos menos dependentes dos acontecimentos. Quando estamos com a emoção tensa, bloqueamos a nossa racionalidade e reagimos por puro instinto, como animais irracionais, fazendo-se mister que nada decidamos nesse momento de tensão, pois nestas condições, os trinta segundos iniciais são cruciais, podendo induzir-nos a cometer os maiores erros de nossas vidas. Tensos, ficamos impossibilitados de pensar para depois agir, por isso é recomendado dar um tempo, silenciar e só agir depois que se estiver com a racionalidade recuperada. Temos que perceber que mais importante do que aquilo que se passa à nossa volta é o que pensamos e a maneira e a atitude que incrementamos para enfrentar os “problemas”. Nós somos o resultado dos nossos pensamentos. Os pensamentos determinam as nossas emoções. Pensar bem significa sentir-se bem. Às vezes, com uma simples mudança de pensamentos, resolvemos um “problema”.

O ser humano pensa constante e ininterruptamente, podendo estes pensamentos serem conscientes ou inconscientes, restando, por conseguinte, tão-somente gerenciá-los e proteger as nossas emoções com o fim de termos a nossa mente como nossa aliada.

Tem gente que é um eterno escravo das culpas, prisioneiro do passado e servo das preocupações futuras, tornando-se vítima, portanto, de suas mazelas psíquicas. É imprescindível que gerenciemos a construção dos nossos pensamentos e protejamos as nossas emoções, do contrário ficaremos à deriva e ao alcance fácil de influências de espíritos menos esclarecidos e à mercê dos transtornos psíquicos, confirmando a máxima de que os nossos maiores inimigos estão dentro de nós e não fora, no exterior.

Lembremos que tempo é questão de prioridade. Prioridade é aquilo que é essencial. Essencial é aquilo que está em primeiro lugar. Não confundamos essencial com fundamental. Fundamental é aquilo que dá fundamento para se chegar ao essencial.

O fundamental é apenas a escada. Todas as vezes que o fundamental nos ocupa mais que o essencial, estamos complicando as coisas e conseqüentemente nos complicando. Façamos com que a vida valha a pena.

Na concepção do homem existem duas verdades: a absoluta e a relativa. A absoluta é toda emanada de Deus e a relativa, toda emanada do homem. Em essência, somente existe a verdade absoluta, pois a relativa é condicional e cada indivíduo pode ter a sua e esta é tratada de indivíduo para indivíduo, uma vez que ela é decorrente diretamente da visão de cada um, baseada na expectativa, na vivência, na experiência e no conhecimento, digamos, no “mundinho” de cada um.

Isto significa dizer que apesar das verdades serem absolutas, só a percebemos de forma relativa. No entanto,

nestas verdades relativas reside a individualidade de cada um de nós. Portanto, mesmo efêmeras, elas devem ser respeitadas pois, espiritualmente falando, o indivíduo de hoje não é o indivíduo de ontem e com certeza não será o de amanhã, uma vez que a Lei do progresso espiritual nos impõe e nos leva a esta verdade absoluta, Verdade de Deus.

Finalmente, acreditamos que só exista uma verdade. O resto são pontos de vista relativos a cada indivíduo e cujas interpretações estão na visão de cada um. A verdade liberta e não aprisiona. Por isso, quando Jesus disse “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8:32), Ele se referia à Verdade Divina, somente percebida pelos Espíritos Puros.

A lei da impermanência das coisas assevera-nos, sabiamente, que nada é definitivo. No entanto, como o Criador nada fez e nada faz de inútil, na Natureza “nada se perde e tudo se transforma”, pois Ele está sempre e continuamente criando.

É oportuno frisar que às leis universais estão subordinados os elementos material e espiritual. A ciência natural ocupa-se do elemento material e o Espiritismo – ciência, filosofia e religião – ocupa-se do elemento espiritual. Das leis que regem a vida espiritual, o homem tem pouco conhecimento; há muitos mistérios a serem desvendados, ainda. Digo desvendados porque o homem, na sua pequenez – e embora ele esteja em contínua, progressiva e evolutiva marcha espiritual – ainda não alcançou essas leis universais na íntegra. Eis a razão de tanta crença, nas superstições, nos dogmas, nas alegorias e nas lendas mitológicas. Uma grande parte da humanidade ainda é cega espiritual. O homem continuará assim até que reconheça a essência da sua natureza espiritual e até que tenha

alargado o seu horizonte moral. A conscientização – a luz – fatalmente virá, no devido tempo; pode ser num insight ou por pura intuição, independente de conhecimento propriamente dito. O orgulho e o egoísmo são seus maiores entraves; o amor e a humildade, o contraponto chave. Não é à toa que Jesus fez dos mais humildes e leigos os seus discípulos e disse que “um profeta só não é honrado em sua terra Natal” (João 4:44 e Marcos 6:4). No entanto, o encaminhamento e o andamento da marcha espiritual estão de acordo com os desígnios de Deus.

As leis universais são imutáveis, eternas e perfeitas, razão por que tudo é milagre na Natureza – não de maneira sobrenatural, como querem os povos primitivos, mas de maneira admirável – e isto testemunha a sabedoria Divina. Se existe alguma coisa de sobrenatural na Natureza, sem contestação, trata-se da criação das próprias leis e não algo delas decorrentes e consequentes, posto que os fatos e fenômenos inexplicáveis surgidos ao longo da história devem-se unicamente ao desconhecimento de certas e determinadas leis, especialmente das leis espirituais. Do contrário, tem que se admitir que Deus ou criou leis falhas, ou se esqueceu de fazer algumas leis, ou ainda fez e faz leis perfeitas, mas derroga-as, para permitir o “sobrenatural”, tão prejudicial aos menos avisados. Admitir qualquer uma dessas hipóteses é irracional, desabonador, inconsistente e incoerente com os atributos de Deus. Essa verdade já está sobejamente comprovada, apenas alguns não a enxergam.

Os Animais Irracionais
Falamos aos Humanos

Deus, Jesus, Kardec e o Espiritismo

A história a seguir dá o pontapé inicial deste livro. Ela é apenas um pretexto para eu, como narrador, introduzir o que os bichos querem dizer e registrar em nós, humanos, para a posteridade, a verdade absoluta e a relativa por eles pesquisadas.

É sabido que existem os animais racionais e os animais irracionais.

Os animais irracionais reservaram no seu calendário um dia para homenagear os animais racionais. Certa vez, para uma destas comemorações, resolveram convidar os animais racionais. Aceito o convite, os animais racionais formaram um grupo de representante da maior importância moral, ética e religiosa. Durante as comemorações os representantes dos animais racionais dividiram-se de modo que cada um ficou com um grupo de animais irracionais, por questão de educação e deferência. Lá pelas tantas, os componentes da comitiva dos animais racionais foram segregando-se dos grupos dos animais irracionais – o que era de se esperar – pois nas leis humanas, diferentemente das leis da física e da matemática, os semelhantes se atraem.

Observo e registro que os indivíduos escolhidos para compor a tão honrada representação foram os homens mais importantes dentre todos os humanos.

Ao mesmo tempo formou-se um grupo de animais irracionais composto dos mais importantes, com o objetivo de eleger um olheiro que assuntaria o que se passava dentro daquele grupo dos respeitáveis *homo sapiens*. Os irracionais queriam saber o que os racionais tanto conversavam, se podiam tirar algum proveito a seu favor, pois eram seres pensantes e inteligentes; após o que, elaborariam um relatório circunstanciado a ser submetido à apreciação de todos.

O olheiro observou que eles estavam descontraídos, conversavam, gesticulavam, gritavam, abraçavam-se, riam e até choravam – coisa de humanos. Discutiam assuntos sérios e amenidades e também faziam algazarra.

Num certo momento um componente teve de se afastar do grupo e após a sua ausência um comentou: – Cara bom, esse! E outro: – Pena que é protestante, evangélico!

A conversa continuou e mais outro se ausentou quando um dos componentes falou: – Inteligente esse cara, não? Então outro disse: – Pena que é católico!

A conversa continuou animada e mais outro teve que se ausentar, quando mais uma vez alguém disse: – Sujeito caridoso, esse! E outro complementou: – E temente a Deus!

Mas alguém se adiantou dizendo: – Pena que é testemunha de Jeová!

Mais uma vez outro se ausentou, alguém fez um comentário positivo sobre o mesmo e outro falou: – Pena que é budista!

Ainda uma vez outro teve de ausentar-se e um fulano disse: – É o melhor cara que já conheci. E outro: – Pena que é espírita!

E assim sucedeu, sempre que alguém se ausentava. Um elogio por parte de um e uma ressalva por parte de outro no que dizia respeito à religião.

No seu relatório o olheiro foi objetivo, narrando os acontecimentos literalmente da forma como haviam

ocorrido, sem dar uma opinião pessoal dos fatos. Muito embora tenha achado estranhos os comentários acontecidos sempre à saída de alguém daquela roda.

Colocou o relatório à disposição e à apreciação dos demais. Intrigou a todos essa multiplicidade de religião, chegando a causar espanto. Porém, mais espantoso ainda era cada um querer dizer que a sua era a melhor.

Fizeram várias cópias do dito relatório e distribuíram entre eles, tendo sido recomendado que levassem para as suas famílias e vizinhança também tomarem conhecimento. Foi agendada uma nova reunião para a semana seguinte, quando tomariam as providências necessárias ao caso, pois um absurdo destes não podia ficar impune.

Então, novamente se reuniram e quanto mais discutiam o assunto, menos entendiam. Aí a coisa pegou fogo. Até os mais sábios não alcançavam o porquê destas variedades de crenças e tradições religiosas.

Argumentavam entre si:

- Nós acreditamos em um só Deus e nem religião temos, mas sabemos que é importante seguir o que Jesus ensinou, praticou e recomendou: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, e que só o amor e o bem interessam.

Será que esses humanos não alcançam isso também? Ou seja, que tudo reside apenas e tão somente nisso? Por que essa variedade de corrente, de tradição religiosa? Como podem esses humanos complicar tanto uma coisa tão simples?!

Eles não conhecem a parábola do Bom Samaritano? Jesus mostrou e demonstrou cristalinamente, ao citar a dita parábola, que para ser cristão independe de religião, ensinando e dizendo a todos: vejam que o samaritano portou-se como cristão, amando a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ele mesmo! Dizendo-lhes e

mostrando-lhes ainda: preocupem-se menos com a forma e mais com o conteúdo; saiam da teoria e busquem a prática; mais vale ser e agir como cristão independentemente de religião, do que conhecer profundamente o Tripitaka, Livro Sagrado do Budismo; o Tanakh, Livro Sagrado do Judaísmo; o Livro dos Vedas, Livro Sagrado do Hinduísmo; a Bíblia, Livro Sagrado do Cristianismo; o Alcorão, Livro Sagrado do Islamismo e a Doutrina Espírita.

O leão adiantou-se e fez questão de esclarecer: – Os samaritanos eram considerados pessoas más, hereges e os fariseus, os sacerdotes e os religiosos judeus eram tido como bons. O fato de o próprio Jesus ser judeu dava ainda mais força à mensagem da parábola. Hoje, os termos foram invertidos. “Bom” e “samaritano” referem-se a qualidades positivas, e ser chamado de “fariseu” tem uma conotação certamente negativa.

Com essa parábola, Jesus mostrou que as pessoas são boas ou más, devido aos relacionamentos que estabelecem e não a algo que lhes é inerente desde que nasceram. Então, o que vocês humanos devem fazer é estabelecer um relacionamento íntimo com Deus.

E continuaram: – Não vêem que para esta exorbitância de correntes religiosas o Deus é único? E se são tantas é porque nenhuma detém a verdade absoluta? E mesmo que apenas uma delas fosse a verdadeira, mas se os seus membros não agissem como agiu o bom samaritano, estariam, a partir desta falta, toda sua filosofia e base religiosa prejudicadas, pois não adianta teoria sem a devida prática. Ou seja, não atenderia aos desígnios de Deus. Não entendem e nem compreendem que o Deus pode ser de diferentes religiões? Que muitos são os caminhos, mas única é a chegada? Que cada cristão pode ter o seu caminho, mas esse caminho não é o melhor nem o único? É simplesmente o caminho que melhor lhe atende?

Por isso, devem respeitar todos os outros caminhos e tomarem consciência de que a fé é uma energia única em todo ser, uma força transformadora, curativa, enriquecedora, fonte de paz, de sabedoria e de amor. Que a fé pode ser ecumênica e respeitosa, mas deve ser essencialmente racional.

A propósito, o macaco registrou o que pesquisou e extraiu do livro *O Espírito e o Tempo*, de J. Herculano Pires:

A crença pela crença, a fé pela fé, a obrigação e a necessidade de aceitar a tradição, como verdade absoluta, acabada e perfeita, são características dos horizontes primitivos, das fases de predomínio do instinto e do sentimento. Na proporção em que a razão se desenvolve, em que o homem aprende a pensar e a julgar, a fé cega, tradicional, já não pode satisfazê-lo. A fórmula comodista: "Creio porque creio", exigirá um substituto dinâmico e fecundo: "Creio porque sei".

A religião espiritual, desprovida de culto externo, iluminada pela razão, individualiza-se. O cristão não precisa do sacramento de um sacerdote, do beneplácito de uma igreja, mas tão-somente da pureza da sua própria consciência. O rito do batismo, que Pedro exige dos novos adeptos, juntamente com a circuncisão, repugna a Paulo, que o substitui pelo "batismo do espírito", ou seja, a elucidação evangélica, seguida do desenvolvimento mediúnico. O mediunismo profético se generaliza, porque "o espírito se derrama sobre toda a carne", e a fé, iluminada pela razão, deixa o terreno primário da crença, para elevar-se ao da convicção, através do conhecimento direto da realidade espiritual, tão clara e positiva quanto a material. A mediunidade desenvolvida encoraja os apóstolos, que se mantêm em contato com as forças espirituais, para enfrentar o poder temporal. Os mártires, os santos e os sábios encherão o mundo de espanto, com as luzes de uma nova e vigorosa concepção da vida, que eleva o homem acima de si mesmo.

É evidente que tudo isso não se realiza de um dia para outro, mas através de um lento processo de evolução so-

cial, econômica, cultural e espiritual. Jesus se chamava a si mesmo de sementeiro, porque conhecia o lento processo da sementeira e germinação das ideias. Sabia, também, que os princípios da sua doutrina, do seu ensino, teriam de sofrer as deformações naturais desse processo. Por isso anuncia, como vemos no Evangelho de João, a vinda do Consolador, do Paráclito, do Espírito da Verdade, incumbido de restabelecer a pureza da sementeira, separando o joio do trigo. O horizonte espiritual se abre em espirais crescentes sobre o mundo: primeiro, num círculo restrito de apóstolos e adeptos, oferece o modelo de uma nova ordem; depois, espalha-se pela Terra, modificando as consciências, mas comprometendo-se com os elementos da velha ordem; por fim, domina o mundo, mas impregnado das heranças mitológicas; e só então consegue romper as perspectivas apocalípticas de “um novo céu e uma nova terra”, através da Reforma Protestante e do Espiritismo.

Quando os homens atingiram o nível necessário de conhecimento, para voltarem à verdadeira concepção cristã, tornando-se capazes de compreender o que o Cristo havia ensinado e o que não pudera ensinar na sua época, segundo as suas próprias palavras, então a revolta sacudiu a Igreja e o Espírito derramou-se fartamente sobre toda a carne. Lutero encarnou a luta contra o paganismo idólatra que invadira, como terrível joio, a sementeira cristã. Combateu corajosamente o comércio de indulgências. Reclamou e impôs a volta ao Cristo e aos textos esquecidos do seu Evangelho. Mas, depois de Lutero viria o Espírito de Verdade, para estabelecer o retorno não somente à letra, aos textos, e sim ao próprio espírito do Evangelho, à essência espiritual do Cristianismo. E Kardec iniciaria o grande movimento doutrinário de restabelecimento do ensino de Jesus, sob a égide da Falange do Espírito de Verdade.

É por isso que vemos, na propagação do Espiritismo, repetirem-se os milagres da fé e da coragem dos cristãos primitivos. Completa-se, com a era do Consolador, o ciclo espiritual iniciado há dois mil anos, pelo próprio Cristo. Os mártires se entregavam às chamas e às feras, porque sabiam existir uma realidade supraterrena, e não apenas

por crerem nessa realidade. Entre os espíritas, veremos a mesma coisa. O escritor inglês Denis Bradley conclui o seu livro, "Rumo às Estrelas", declarando peremptoriamente: "Eu não creio. Eu sei." É essa convicção poderosa, resultante do desenvolvimento da mediunidade positiva, que faz o movimento espírita enfrentar todas as forças organizadas do mundo, desde o púlpito até a cátedra, para sustentar uma nova concepção da vida e do mundo.

Kardec explica, em A Gênese, capítulo primeiro, por que o Espiritismo só poderia surgir em meados do século dezenove, depois da longa fermentação dos princípios cristãos da Idade Média e do desenvolvimento das ciências na Renascença. Escreveu ele: "O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maioria das ciências. Só poderia, pois, aparecer, depois da elaboração delas. Nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo explicar-se apenas pelas leis da matéria." Como se vê, da conjugação dos elementos materiais e espirituais, em evolução simultânea, resulta no clima que permite ao mundo atingir a plenitude do horizonte espiritual, onde a mediunidade positiva se torna a fonte de esclarecimento e orientação dos problemas do espírito. Graças a ela, o homem se emancipa da tutela dos ritos e cultos primitivos.

O Cristianismo aparece como o verdadeiro arremate desse vasto processo. Jesus não se limita a condenar o apego ao ritualismo religioso no mundo judaico, Ele proclama a natureza espiritual de Deus, e conseqüentemente a do homem, filho de Deus. Ensina a universalidade do espírito, rompendo assim as barreiras de todos os preconceitos tribais, que dividiam a humanidade em grupos raciais ou religiosos. Mostra que o samaritano podia ser melhor que um príncipe da igreja judaica e adverte à mulher samaritana que Deus devia ser adorado, não através de fórmulas exteriores, em locais considerados sagrados, mas em espírito e verdade.

Quando observamos o fenômeno do aparecimento e da propagação do Cristianismo, primeiramente na Palestina, e depois no mundo, verificamos que se tratava de

uma verdadeira revolução. Mas a característica dessa revolução é precisamente o apelo à razão. O Cristianismo exigia das criaturas o uso desse poder misterioso do raciocínio, que as fazia senhoras de si mesmas, responsáveis pelos seus atos. Contra a autoridade das Escrituras e dos Rabinos, bem como da própria tradição.

Jesus proclamava a soberania da consciência. Limpar o vaso por dentro e não apenas por fora. Servir-se do sábado, em vez de escravizar-se a ele. Orar conscientemente, sabendo que Deus, sendo Pai, não dá pedra a quem lhe pede pão, nem cobra a quem lhe pede peixe.

Ao final da reunião, os animais verificaram e concluíram que não podiam mudar a situação – absurda, diziam eles – mas podiam fazer alguma coisa, qual seja, excluïrem do seu calendário o dia em homenagem aos animais racionais e instituïrem o dia dos animais irracionais, como forma de protesto. Assim o fizeram, mas com uma condição, com a qual todos acordaram: esse dia somente começará valer a partir do instante em que os humanos compreenderem a verdade segundo a qual chegará o dia e m que haverá um só rebanho e um só pastor. Está nos Evangelhos de Jesus, não sabem?!

Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco; é necessário também que eu as conduza; elas escutarão a minha voz, e não haverá senão um rebanho e um pastor. (João 10:16)

E registraram, conforme está no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec:

É necessário também recordar uma coisa, a saber: se cada época notável teve os seus reveladores; se espíritos eminentes vieram trazer aos homens, conforme os tempos e lugares, elementos de verdade e progresso, os germes por

eles semeados ficaram estéreis, muitas vezes. Suas doutrinas, mal compreendidas, deram origem a religiões que se excluem e se condenam injustamente, porque todas são irmãs e repousam sobre duas bases comuns: Deus e a imortalidade. Cedo ou tarde, elas se fundirão em vasta unidade, quando as névoas que envolvem o pensamento humano se houverem dissipado ao sol brilhante da verdade.

Do livro *Cristianismo e Espiritismo* de Léon Denis, extraíram e registraram:

É necessário também recordar uma coisa, a saber: se cada época notável teve os seus reveladores; se espíritos eminentes vieram trazer aos homens, conforme os tempos e lugares, elementos de verdade e progresso, os germes por eles semeados ficaram estéreis, muitas vezes. Suas doutrinas, mal compreendidas, deram origem a religiões que se excluem e se condenam injustamente, porque todas são irmãs e repousam sobre duas bases comuns: Deus e a imortalidade. Cedo ou tarde, elas se fundirão em vasta unidade, quando as névoas que envolvem o pensamento humano se houverem dissipado ao sol brilhante da verdade.

Concluíram: – Esses humanos são dignos de compaixão. Deus os abençoe.

Essa história ainda está para acontecer. Uns chamarão de profecia, outros de visão, outros de premonição e outros de presciência. Mas, o futuro encarregar-se-á de mostrar e comprovar que nós, irracionais, neste caso, estamos cobertos de razão. Ora se estamos! – disseram os animais.

Depois deste incidente os bichos continuaram a se reunir e passaram a pesquisar sobre os humanos e descobriram que a coisa é mais complicada e perniciosa do que pensavam, pois muitos dos erros ou enganos ligados aos assuntos religiosos eram intencionais e na maioria das vezes praticados por humanos estudiosos do assunto e

inteligentes, com o poder e o dom de disseminar conhecimentos e a palavra.

Observaram também que muitas das passagens bíblicas são tendenciosas, fantasiosas e machistas. A história de Adão e Eva, os milagres, a existência de céu e inferno – céu eternamente e inferno também eternamente – assim como o nascimento e morte de Jesus são histórias de antigamente, dos nossos antepassados, pois muita coisa mudou em face das descobertas científicas; sem falar que estamos engatinhando, ainda desconhecemos muitas leis naturais e pouco conhecemos dos mistérios Divinos. Contudo, descobriram que nem todos os humanos são desta estirpe, alguns são igualmente estudiosos destes assuntos, inteligentes, racionais, sábios e comprometidos com a verdade.

Pesquisaram e descobriram nos anais da história, muitas verdades e preciosidades ligadas aos assuntos religiosos, que nos apresentam a seguir.

E mais uma vez se perguntaram: – Por que vocês humanos continuam tão ignorantes nas coisas de Deus? Não vêem que o bem e o mal estão dentro de cada um de vós, não fora, no exterior? Resta-vos fazer a opção pelo Bem, posto que cada um tem o vosso céu e o vosso inferno gravados em vossas consciências. No dia da ressurreição, cada um será o vosso próprio juiz a julgar as vossas virtudes e vossas faltas. Faltas estas que determinarão o vosso lugar de pouso, pois tudo se dará em conformidade com o vosso crescimento e merecimento, até porque é questão também de sintonia com frequências. Os espíritos inferiores jamais se sintonizarão com a frequência dos espíritos superiores, ou seja, inexoravelmente, terão que ficar no chamado inferno, estado de consciência – necessário – que levará ao reconhecimento de vossas faltas e ao

consequente crescimento espiritual pelo arrependimento, pelo resgate, expiação e reabilitação destas faltas, até que alcançardes frequências superiores, sendo a mais elevada delas, o chamado céu, no último estágio, a frequência dos anjos ou espíritos puros!

Que a salvação no sentido empregado pelas religiões ortodoxas é uma utopia. Religião nenhuma salva, o indivíduo é que se salva pelas suas obras. Tudo reside no livre arbítrio, na responsabilidade dos atos, na razão e na consciência!

Que tão-somente o arrependimento não é tudo em relação à Salvação. O arrependimento determina apenas e tão-somente o início, porquanto essa tomada de consciência é necessária e imprescindível ao processo, ou seja, sem esta conscientização vocês humanos não darão partida em direção a ela. A Salvação advém de um processo que se concretiza em três atos: a conscientização/reconhecimento dos erros e o consequente arrependimento, a esperança consoladora de que a Salvação existe e é possível, e a certeza de que cada um a alcançará através do resgate de suas faltas.

Aí, em coro, desafiaram os bichos: – Quem de vocês, humanos – quem souber avisem-nos – já viu um juiz tereno dispensar o réu de cumprir a sua pena, mesmo que ele tenha chorado lágrimas de sangue por estar arrependido do ato vil? Se na terra isso não acontece, pois as leis de vocês humanos, embora pequenas e imperfeitas, não contemplam essas prerrogativas absurdas, como querem que as Leis Divinas as contemplem?!

Todos vocês humanos podem e um dia chegarão à perfeição que Jesus possui. Ele próprio mostrou em seus ensinamentos. Kardec diz:

Admiti as existências consecutivas e tudo se explicará, conforme a justiça de Deus. O que não puder fazer numa existência se fará em outra. É assim que ninguém escapa à lei do progresso, em que cada um será recompensado segundo o seu mérito real, e ninguém está excluído da felicidade suprema, a que todos podem pretender, quaisquer que sejam os obstáculos que tenham encontrado em seu caminho.

A propósito, aproveitando, de sã consciência, vocês humanos acham que Deus criaria um ser eternamente mal? Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra? A resposta a seguir é fornecida por Espíritos Superiores, Espíritos de Luz no *Livro dos Espíritos* de Allan Kardec:

Se houvessem demônios, eles seriam obra de Deus, e Deus seria justo e bom se houvesse criado seres devotados eternamente ao mal e infelizes? Se há demônios, eles habitam em teu mundo inferior e em outros semelhantes. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo, um Deus mau e vingativo, e creem lhe serem agradáveis pelas abominações que cometem em seu nome.

Indagou a vaca:

- Não será mais justo e racional aceitar que existem espíritos imperfeitos, ainda não de todo puros, inferiores que, aproveitando vossos pensamentos negativos, vossas baixas e más virtudes, vossos desejos puramente carnis, por simpatia e em sintonia com vossas más aspirações, acercam-se de vós, ora opinando, ora influenciando, ora dirigindo e direcionando vossas ações e atitudes e criando e recriando em vós pensamentos levianos e desprezíveis?

E concluiu:

- A diferença entre aquele e este outro é que aquele, segundo vós mesmos afirmais, infernizam vossa vida eter-

na e gratuitamente, enquanto este outro também inferniza vossas vidas, mas pela abertura que dais em conformidade com os vossos maus pensamentos. Do mesmo modo os bons pensamentos atraem os bons espíritos, os espíritos superiores e puros. Diante de vós que somente pensais positivo, até que um espírito inferior poderá intentar alguma ação, mas logo desistirá, pois será improfícuo. O “orai e vigiai” a que Jesus se referiu é quanto aos vossos pensamentos.

Vocês humanos têm que entender que a humanidade não se divide em duas partes: os que se salvam e os que se perdem. O caminho da salvação pelo progresso é franqueado a todos. Todos o percorrem de estância em estância, de vida em vida; todos ascendem para a paz e a felicidade, mediante a provação e o trabalho. Todas as almas são perfectíveis e suscetíveis de educação; devem percorrer os mesmos caminhos e chegar da vida inferior à plenitude do conhecimento, da sabedoria e da virtude, tudo depende de seus atos e de suas obras, ou seja, de merecimento, exatamente ao contrário do que pregam certas tradições religiosas. A ideia iníqua do pecado de um só homem, recaindo sobre todos, é uma falácia, não há proscricção nem queda coletiva; as responsabilidades são pessoais.

É necessário e oportuno lembrar – frisaram os bichos – que são inúmeros e inesgotáveis os assentamentos históricos, oriundos de diversos lugares e épocas, sobre acontecimentos incomuns, sobrenaturais. Ainda que muitos não passem de lendas, superstições e fanatismo religioso, não dá para descartar tudo, ainda mais em se levando em conta a seriedade dos envolvidos e as evidências materiais. Sócrates, por exemplo, talvez o mais brilhante dos filósofos gregos – viveu por volta de quatrocentos anos antes de Cristo e foi um de seus precursores, assim como Krishna, Zoroastro, Hermes, Fo-Hi, Lao Tse, Shidharta, Maomé e Confúcio – declarou publicamente que um Es-

pírito, a quem chamou Daemon, lhe fazia companhia todo o tempo e com ele dialogava naturalmente, como se faz com qualquer vivente. A Bíblia, sendo um dos mais ricos documentos da História humana, traz uma vasta coleção de narrativas de fatos extraordinários, incluindo a conversação entre humanos e personagens extra-humanos. Ela registra Moisés falando com o próprio Deus, com anjos etc. Porém, bem antes, vasculhando-se os registros das culturas egípcias, gregas, chinesas e outras mais, encontraremos pistas de que o sobrenatural sempre esteve próximo ao homem, sendo um importante elemento para sua evolução. Também há indícios de influências superiores de diversos gêneros, espalhados por diversos pontos.

Não foram os médiuns, nem os espíritas que criaram os Espíritos ao contrário, foram os Espíritos que fizeram haja espíritas e médiuns. Não sendo os Espíritos mais do que as almas dos homens, é claro que há Espíritos desde quando há homens – por conseguinte, desde todos os tempos eles exerceram influência salutar ou pernicioso sobre a Humanidade. (*O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.)

Damos-vos conta e notícias da existência de registros de rascunhos bem definidos do mapa-múndi encontrados em civilizações muito remotas, bem mais antigas que a descoberta de todos os continentes. Tais gravuras só poderiam ser traçadas ou inspiradas por quem pudera ter observado o globo do alto. Para uma pessoa comum daquela geração, que mal sabia contar as coisas, estaria acima de sua condição imaginar e traçar a silhueta do planeta. Tais ocorridos confeccionaram ou colaboraram para a formação de religiões, culturas e lendas. Muito embora nenhuma delas tinha elucidado todos os mistérios. Outras, ao contrário, até multiplica-

ram as questões, considerando que submete seus adeptos a crenças mirabolantes. O Espiritismo, no entanto, que é ciência, filosofia e religião, vem em vosso socorro, para explicar e desmistificar tudo isso. Vem na hora certa, no momento das grandes transformações, alertando o vosso espírito para que não se perca o fruto sagrado de quantos trabalharam, sofreram e se sacrificaram com vista ao crescimento espiritual de toda vossa humanidade. Com as provas da sobrevivência, vem reabilitar o Cristianismo que a Igreja deturpou, semeando, de novo, os eternos ensinamentos de Jesus Cristo nos vossos corações. Com as verdades da reencarnação, vem explicar o absurdo das teorias igualitárias absolutas, cooperando na restauração do verdadeiro caminho do vosso progresso. Nestes tempos dolorosos em que as mais penosas transições se anunciam ao espírito do homem, só o Espiritismo pode representar o valor moral onde se encontre o apoio necessário à edificação do futuro.

Advertem-nos os bichos, com base em suas pesquisas, que o nosso orbe, a Terra, não é o único planeta habitado por seres – inteligentes ou não. Existem diversos outros mundos, a exemplo de Júpiter, onde os espíritos lá encarnados e desencarnados são muito mais avançados, em todos os sentidos, que nós humanos, porquanto lá eles não se ressentem de paixões iguais às nossas e a dor física não lhes alcança, só para citar algumas características específicas, devido ao apurado grau de elevação espiritual, uma vez que a reencarnação nestes diversos mundos reveste-se de matéria própria e condizente com o adiantamento do seus indivíduos, com certeza uma matéria muito menos densa que a nossa.

E citaram do livro *A Grande Síntese*, de Pietro Ubaldi:

Se vossa consciência já não vos faz mais admirar qualquer nova possibilidade, como podeis negar a priori uma forma de existência diferente daquela do vosso corpo físico? Pelo menos, deveis alimentar a dúvida a respeito da sobrevivência que o vosso Eu interno vos sugere a cada momento, e que inconscientemente, por instinto, sonhais em todas as vossas aspirações e obras. Como podeis acreditar que vossa Terra pequenina, que vedes navegar pelo espaço como um grãozinho de areia no infinito, contenha a única forma possível de vida no Universo? Como podeis acreditar que vossa vida de dores e alegrias fictícias e contraditórias possa representar toda a vida de um ser?

Destaco que pouco a pouco os bichos, como que tomados de uma consciência universal e usando um raciocínio lógico – coisa de Deus – apresentam a nós humanos o Espiritismo como sendo a melhor opção para condução de uma vida, dentro dos princípios cristãos pregados e exemplificados por Jesus, tendo em vista conter toda sua doutrina – de moral, justiça e de amor – sem entretanto esquecerem – e respeitando portanto – as demais tradições e crenças religiosas.

– E o que é o Espiritismo – indagou a serpente? Com base nas pesquisas, em coro todos responderam:

– Espiritismo é o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: *O Livro dos Espíritos*, quanto à sua parte filosófica; *O Livro dos Médiuns*, quanto à parte prática e experimental; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, quanto à parte moral e enfim *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*. Ele revela conceitos novos e mais aprofundados a respeito de Deus, do Universo, dos Homens, dos Espíritos e das Leis que regem a vida; revela o que somos, de onde viemos, para onde vamos,

qual o objetivo da nossa existência e qual a razão da dor e do sofrimento, conforme está no *Evangelho Segundo o Espiritismo* (cap. VI - 4):

O Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra - atraí para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.

A Doutrina Espírita, segundo o Conselho Espírita Internacional, tem como conceito básico o seguinte:

DEUS, Inteligência Suprema, Causa Primeira de todas as coisas;
JESUS, o Guia e Modelo;
ALLANKARDEC, o Codificador da Base Fundamental.

O Espiritismo é a Terceira Revelação de Deus para com vosso mundo. É o Consolador prometido por Jesus que, sob os novos esclarecimentos doutrinários, vem elucidar as grandes questões acerca da Natureza da vossa existência, trazendo com isso esperança e conforto para vocês humanos projetarem o vosso futuro. Os fenômenos sobrenaturais vivenciados em diversas partes do globo terrestre, por dentre todas as gerações, foram sinais da influência dos Espíritos - sob o conhecimento e consentimento do Criador - para promover o interesse da raça humana nas questões inerentes ao plano superior e, desta forma, promover o próprio progresso dos homens. A primeira revelação foi através de Moisés e a segunda é personificada em Jesus Cristo.

Na verdade, Jesus não veio trazer-vos nenhuma religião. Até a palavra cristianismo foi invenção dos homens.

Jesus, bem como outros mestres iluminados que Deus vos enviou, veio vos exemplificar a Verdade, que um dia será conquista de todos. Jesus Cristo veio e vos ensinou através da Sua exemplificação e profetizou a Doutrina Espírita – a Terceira Revelação – como doutrina a ser seguida e como forma de imortalizar os seus ensinamentos, pois Ela é uma consequência destes. Além do mais, Ela existe desde a Criação, por isso só soma ao Cristianismo.

Ela representa o retorno de Jesus que é justamente o Consolador que Ele prometeu. O Consolador é a complementação dos ensinamentos de Jesus. O Espiritismo vos dá todas as respostas capazes de sossegar o vosso coração, de falar ao vosso entendimento, preenchendo as lacunas deixadas pela cultura humana. O Espiritismo preenche todas as expectativas anunciadas por Jesus por ocasião de sua passagem entre vós. Repetimos – frisaram os bichos – o Espiritismo vos diz de onde viestes, para onde vais e o que estais fazendo na Terra e, mais do que isso, vos ensina como viver.

E elucidaram o assunto, citando do livro *O Consolador*, psicografado por Francisco Cândido Xavier e ditado pelo Espírito Emmanuel:

Em vossos dias, o Espiritismo, que representa o Consolador prometido pelo Cristo aos séculos posteriores à sua vinda ao mundo, é uma extraordinária mensagem do Céu à Terra, e faz-se necessário aquilatar-lhe o valor. Ainda existem multidões de Espíritos rebeldes, porém, a consciência terrena, em suas características gerais, está agora apta a receber, depois de tantos anos de lutas, o conhecimento espiritual que lhe fará desprezar os últimos resquícios da materialidade inconsciente, aprendendo a discernir os seus erros. Espalhando a boa nova da imortalidade a doutrina de amor abrirá novos horizontes à esperança dos homens, conduzindo-os à

aquisição do tesouro espiritual, reservado por Deus a todas as suas criaturas.

Quando todos os homens compreenderem o sentido de suas magníficas lições, o vosso planeta terá atingido uma nova fase evolutiva e o Espiritismo terá concluído, entre vós, a sua sagrada e gloriosa missão.

A girafa aproveitou e deu a sua contribuição: – A propósito, vejam o que respondeu sobre o assunto o iluminado Espírito Emmanuel, quando perguntado se Moisés transmitiu ao mundo a lei definitiva.

O profeta de Israel deu à Terra as bases da Lei divina e imutável, mas não toda a Lei, integral e definitiva. Até agora, a Humanidade da era cristã recebeu a grande Revelação em três aspectos essenciais: Moisés trouxe a missão da Justiça, o Evangelho a revelação insuperável do Amor e o Espiritismo em sua feição de Cristianismo redivivo, traz, por sua vez, a sublime tarefa da Verdade. No centro das três revelações encontra-se Jesus Cristo, como o fundamento de toda a luz e de toda a sabedoria. É que, com Amor, a Lei manifestou-se na Terra no seu esplendor máximo – a Justiça e a Verdade nada mais são que os instrumentos divinos de sua exteriorização, com aquele Cordeiro de Deus, alma da redenção de toda a Humanidade. A justiça, portanto, lhe aplanou os caminhos, e a Verdade esclarece os seus divinos ensinamentos. Eis por que, com o Espiritismo simbolizando a Terceira Revelação da Lei, o homem terreno se prepara, aguardando as sublimadas realizações do seu futuro espiritual, nos milênios porvindouros. (*O Consolador*, por Emmanuel, psicografado por Chico Xavier.)

Aliás, continuou a girafa: – Vocês humanos devem reconhecer que receberam e receberão sempre as revelações divinas de conformidade com a sua posição evolutiva.

E o elefante extraiu e registrou do livro *Cristianismo e Espiritismo*, de Léon Denis:

Noutra ocasião, a propósito de um cego de nascença, encontrado de passagem, os discípulos perguntam a Jesus: “Mestre, quem foi que pecou? Foi este homem, ou seu pai, ou sua mãe, para que ele tenha nascido cego?” (João 9: 1-2).

A pergunta indica, antes de tudo, que os discípulos atribuíam a enfermidade do cego a uma expiação. Em seu pensamento, a falta precedera a punição; tinha sido a sua causa primordial. É a lei da consequência dos atos, fixando as condições do destino. Trata-se aí de um cego de nascença. A falta não se pode explicar senão por uma existência anterior.

Daí essa ideia da penitência, que reaparece a cada momento nas Escrituras. “Fazei penitência”, dizem elas constantemente, isto é, praticai a reparação, que é o fim da vossa nova existência; retificai vosso passado, espiritualizai-vos, porque não saireis do domínio terrestre, do círculo das provações, senão depois de “haverdes pago até o último ceutil.” (Mateus 5:26)

Em vão tem procurado os teólogos explicar doutro modo, que não pela reencarnação, essa passagem do Evangelho. Chegaram a raciocínios pelo menos estranhos. Assim foi que o sínodo de Amsterdam não pode sair-se da dificuldade senão com esta declaração: “o cego de nascença havia pecado no seio de sua mãe”.

– Que gracinha! – exclamaram os bichos.

Jesus havia prometido enviar o Consolador conforme suas auspiciosas promessas por ocasião de sua passagem e vida toda de amor pela Terra, razão por que nos envia um de seus mais lúcidos discípulos – Allan Kardec – para dar início à sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz do Consolador prometido ao mundo.

Então os animais irracionais observaram que o Consolador prometido por Jesus está registrado nos evangelhos:

Se vós me amais, guardai meus mandamentos; e eu pedirei a meu Pai, e ele vos enviará um outro conso-

lador, a fim de que permaneça eternamente convosco: o Espírito de Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis porque permanecerá convosco e estará em vós. (João 15:26-27 e 16:12-15). Mas o consolador, que é o Santo-Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará relembrar de tudo aquilo que eu vos tenha dito. (João 14:26)

Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, que procede do Pai, e que Eu vos hei-de enviar da parte do Pai, Ele dará testemunho a meu favor. E vós também haveis de dar testemunho, porque estais comigo desde o princípio. (João 15:26-27) Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não sois capazes de as compreender por agora. Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, há-de guiar-vos para a Verdade completa. Ele não falará por si próprio, mas há-de dar-vos a conhecer quanto ouvir e anunciar-vos o que há-de vir. Ele há-de manifestar a minha glória, porque receberá do que é meu e vo-lo dará a conhecer. Tudo o que o Pai tem é meu; por isso é que Eu disse: 'Receberá do que é meu e vo-lo dará a conhecer. (João 16:12-15)

Os animais irracionais com base em pesquisa, estudos e conversando entre si, observaram e concluíram: estando os homens em expiação na Terra, Deus, como bom pai, não os entregou à própria sorte, sem guias. Eles têm primeiro seus Espíritos protetores ou anjos guardiães, que velam por eles e se esforçam para conduzi-los ao bom caminho; têm ainda os Espíritos em missão na Terra, Espíritos superiores encarnados de quando em quando entre eles para lhes iluminar o caminho através de seus trabalhos e fazer a humanidade avançar. Se bem que Deus tenha gravado sua lei na consciência, ele achou que devia formulá-la de maneira explícita; mandou primeiro Moisés, mas as leis de Moisés estavam ajustadas aos homens de seu tempo; ele só lhes falou da vida terrestre, de penas e de recompensas temporais. O Cristo veio depois dar

cumprimento à lei de Moisés através de um ensinamento mais elevado: a pluralidade das existências, a vida espiritual, mais as penas e as recompensas morais. Moisés os conduziu pelo medo, o Cristo pelo amor e pela caridade.

A própria doutrina que os espíritos ensinam hoje não tem nada de novo; é encontrada em fragmentos na maior parte dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia, e está inteira no ensinamento de Cristo. Então o que vem fazer o Espiritismo? Vem confirmar novos testemunhos, demonstrar, por fatos, verdades desconhecidas ou mal compreendidas, restabelecer em seu verdadeiro sentido as que foram mal interpretadas.

O Espiritismo, entretanto, não é uma descoberta moderna; os fatos e princípios sobre os quais ele repousa perdem-se na noite dos tempos, pois encontramos seus vestígios nas crenças de todos os povos, em todas as religiões, na maior parte dos escritores sagrados e profanos; só que os fatos, não completamente observados, foram muitas vezes interpretados segundo as ideias supersticiosas da ignorância, e não foram deduzidas todas as suas consequências.

O Espiritismo, mais bem entendido hoje, acrescenta para os incrédulos a evidência à teoria; prova o futuro com fatos patentes; diz em termos claros e sem equívoco o que o Cristo disse em parábolas; explica as verdades desconhecidas ou falsamente interpretadas; revela a existência do mundo invisível ou dos Espíritos, e inicia o homem nos mistérios da vida futura; vem combater o materialismo, que é uma revolta contra o poder de Deus; vem enfim estabelecer entre os homens o reino da caridade e da solidariedade anunciado pelo Cristo. Moisés lavrou, o Cristo semeou, o Espiritismo vem colher.

Haja vista que o principal foco deste livro é a Doutrina Espírita, os bichos não poderiam deixar de registrar,

por oportuno, a síntese a seguir, elaborada pelo próprio Allan Kardec em *O Espiritismo em Sua Expressão Mais Simples*, a saber:

O Espiritismo suaviza a amargura das tristezas da vida; acalma os desesperos e as agitações da alma, dissipa as incertezas ou os terrores do futuro, elimina o pensamento de abreviar a vida pelo suicídio; da mesma forma torna felizes os que aderem a ele, e está aí o grande segredo de sua rápida propagação.

Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras; mas é independente de qualquer culto particular. Seu propósito é provar, aos que negam ou duvidam que a alma existe, que ela sobrevive ao corpo, que ela sofre depois da morte as consequências do bem e do mal que fez durante a vida corpórea; ora, isto é de todas as religiões.

Como crença nos espíritos, também não se afasta de qualquer religião, ou de qualquer povo, porque em todo lugar onde há homens há almas ou espíritos; que as manifestações são de todos os tempos, e o relato delas acha-se em todas as religiões, sem exceção. Pode-se, portanto, ser católico, grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e acreditar nas manifestações dos espíritos, e conseqüentemente ser Espírita; a prova é que o Espiritismo tem aderentes em todas as seitas.

Como moral, ele é essencialmente cristão, porque a doutrina que ensina é tão-somente o desenvolvimento e a aplicação da do Cristo, a mais pura de todas, cuja superioridade não é contestada por ninguém, prova evidente de que é a lei de Deus; ora, a moral está a serviço de todo mundo.

O Espiritismo, sendo independente de qualquer forma de culto, não prescrevendo nenhum deles, não se ocupando de dogmas particulares, não é uma religião especial, pois não tem nem seus padres nem seus templos. Aos que indagam se fazem bem em seguir esta

ou aquela prática, ele responde: Se sua consciência pede para fazê-lo, faça-o; Deus sempre leva em conta a intenção. Em resumo, ele não se impõe a ninguém; não se destina àqueles que têm fé ou àqueles a quem essa fé basta, mas à numerosa categoria dos inseguros e dos incrédulos; ele não os tira da Igreja, visto que eles se separaram dela moralmente em tudo, ou em parte; ele os faz percorrer os três quartos do caminho para entrar nela; cabe a ela fazer o resto.

Os Espíritos não sendo senão almas, não se pode negar os Espíritos sem negar a alma. Sendo admitidas as almas ou Espíritos, a questão reduzida à sua mais simples expressão é esta: As almas dos que morreram podem comunicar-se com os vivos? O Espiritismo prova a afirmativa pelos fatos materiais; que prova se pode dar de que isso não é possível? Se assim é, todas as negações do mundo não impedirão que assim seja, pois não se trata nem de um sistema, nem de uma teoria, mas de uma lei da natureza; ora, contra as leis da natureza, a vontade do homem é impotente; é preciso, querendo ou não, aceitar suas conseqüências, e adequar suas crenças e seus hábitos.

- Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas.
- Deus é eterno, único, imaterial, imutável, Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom. Deve ser infinito em todas as suas perfeições, pois se supuséssemos um único de seus atributos imperfeito, ele não seria mais Deus.
- Deus criou a matéria que constitui os mundos; também criou seres inteligentes que chamamos de Espíritos, encarregados de administrar os mundos materiais segundo as leis imutáveis da criação, e que são perfectíveis por sua natureza. Aperfeiçoando-se, eles se aproximam da Divindade.
- O espírito propriamente dito é o princípio inteligente; sua natureza íntima nos é desconhecida; para nós ele é imaterial, porque não tem nenhuma analogia com o que chamamos matéria.
- Os Espíritos são seres individuais; têm um envoltório etéreo, imponderável, chamado perispírito, espécie de

corpo fluídico, semelhante à forma humana. Povoam os espaços, que percorrem com a rapidez do raio, e constituem o mundo invisível.

- A origem e o modo de criação dos Espíritos nos são desconhecidos; só sabemos que são criados simples e ignorantes, quer dizer, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, mas com igual aptidão para tudo, pois Deus, em sua justiça, não podia isentar uns do trabalho que teria imposto aos outros para chegar à perfeição. No princípio, ficam em uma espécie de infância, sem vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência.
- Desenvolvendo-se o livre arbítrio nos Espíritos ao mesmo tempo que as ideias, Deus lhes diz: “Vocês podem aspirar à felicidade suprema, assim que tiverem adquirido os conhecimentos que lhes faltam e cumprido a tarefa que lhes imponho. Então trabalhem para seu engrandecimento; este é o objetivo; irão atingi-lo seguindo as leis que gravei em sua consciência.”
- Em consequência de seu livre arbítrio, uns tomam o caminho mais curto, que é o do bem, outros o mais longo, que é o do mal.
- Deus não criou o mal; estabeleceu leis, e essas leis são sempre boas, porque ele é soberanamente bom; aquele que as observasse fielmente seria perfeitamente feliz; mas os Espíritos, tendo seu livre arbítrio, nem sempre as observaram, e o mal veio de sua desobediência. Pode-se então dizer que o bem é tudo o que é conforme à lei de Deus e o mal tudo o que é contrário a essa mesma lei.
- Para cooperar, como agentes do poder divino, com a obra dos mundos materiais, os Espíritos revestem-se temporariamente de um corpo material. Pelo trabalho de que sua existência corpórea necessita, eles aperfeiçoam sua inteligência e adquirem, observando a lei de Deus, os méritos que devem conduzi-los à felicidade eterna.
- A encarnação não foi imposta ao Espírito, no princípio, como uma punição; ela é necessária ao seu desenvolvimento e para a realização das obras de Deus, e todos devem resignar-se a ela, tomem o caminho do bem

- ou do mal; só que os que seguem o caminho do bem, avançando mais rapidamente, demoram menos a chegar ao fim e lá chegam em condições menos penosas.
- Os Espíritos encarnados constituem a humanidade, que não está circunscrita à Terra, mas que povoa todos os mundos disseminados pelo espaço.
 - A alma do homem é um Espírito encarnado. Para auxiliá-lo no cumprimento de sua tarefa; Deus lhe deu, como auxiliares, os animais; que lhe são submissos e cuja inteligência e caráter são proporcionais às suas necessidades.
 - O aperfeiçoamento do Espírito é o fruto de seu próprio trabalho; não podendo, em uma única existência corpórea, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que devem conduzi-lo ao objetivo, ele aí chega por uma sucessão de existências, dando em cada uma delas alguns passos adiante no caminho do progresso.
 - Em cada existência corpórea o Espírito deve cumprir uma missão proporcional a seu desenvolvimento; quanto mais ela for rude e laboriosa, maior seu mérito em cumpri-la. Cada existência é, assim, uma prova que o aproxima do alvo. O número de suas existências é indeterminado. Depende da vontade do Espírito de abreviá-las, trabalhando ativamente em seu aperfeiçoamento moral; assim como depende da vontade do operário que tem de realizar um trabalho abreviar o número de dias para sua execução.
 - Quando uma existência foi mal empregada, não aproveitou o Espírito, que deve recomeçá-la em condições mais ou menos penosas, em razão de sua negligência e de sua má vontade; assim é que, na vida, podemos ser obrigados a fazer no dia seguinte o que não fizemos no anterior, ou a refazer o que fizemos mal.
 - A vida espiritual é a vida normal do Espírito: ela é eterna; a vida corpórea é transitória e passageira: é apenas um instante na eternidade.
 - No intervalo de suas existências corpóreas, o Espírito é errante. Não por duração determinada; nesse estado o espírito é feliz ou infeliz de acordo com o bom ou mau emprego de sua última existência; ele estuda as

causas que apressaram ou retardaram seu desenvolvimento; toma resoluções que tentará pôr em prática na próxima encarnação e escolhe, ele mesmo, as provas que considera mais adequadas ao seu progresso; mas algumas vezes ele se engana, ou sucumbe não mantendo como homem as resoluções que tomou como Espírito.

- O Espírito culpado é punido pelos sofrimentos morais no mundo dos Espíritos, e pelas penas físicas na vida corpórea. Suas aflições são conseqüências de suas faltas, quer dizer, de sua infração à lei de Deus; de modo que constituem simultaneamente uma expiação do passado e uma prova para o futuro; é assim que o orgulhoso pode ter uma existência de humilhação, o tirano uma vida de servidão e o rico mau uma encarnação de miséria.
- Há mundos apropriados aos diferentes graus de avanço dos Espíritos, onde a existência corpórea acha-se em condições muito diferentes. Quanto menos o Espírito é adiantado, mais os corpos de que se reveste são pesados e materiais; à medida em que se purifica, passa para mundos superiores moral e fisicamente. A Terra não é o primeiro nem o último, mas um dos mundos mais atrasados.
- Os Espíritos culpados são encarnados em mundos menos adiantados, onde expiam suas faltas pelas tribulações da vida material. Esses mundos são para eles verdadeiros purgatórios, dos quais depende deles sair, trabalhando em seu progresso moral. A Terra é um desses mundos.
- Deus, sendo soberanamente justo e bom, não condena suas criaturas a castigos perpétuos pelas faltas temporárias; oferece-lhes em qualquer ocasião meios de progredir e reparar o mal que elas praticaram. Deus perdoa, mas exige o arrependimento, a reparação e o retorno ao bem, de modo que a duração do castigo é proporcional à persistência do Espírito no mal; conseqüentemente, o castigo seria eterno para aquele que permanecesse eternamente na mau caminho, mas, assim que um sinal de arrependimento entra no coração

do culpado, Deus estende sobre ele sua misericórdia. A eternidade das penas deve assim ser entendida no sentido relativo, e não no sentido absoluto.

- Os Espíritos, encarnando-se, trazem com eles o que adquiriram em suas existências precedentes; é a razão por que os homens mostram instintivamente aptidões especiais; inclinações boas ou más que lhes parecem inatas. As más inclinações naturais são os vestígios das imperfeições do Espírito, dos quais ele não se despojou inteiramente; são também os indícios das faltas que ele cometeu, e o verdadeiro pecado original. A cada existência ele deve lavar-se de algumas impurezas.
- O esquecimento das existências anteriores é uma graça de Deus que, em sua bondade, quis poupar ao homem lembranças freqüentemente penosas. Em cada nova existência, o homem é o que ele fez de si mesmo; é para ele um novo ponto de partida - ele conhece seus defeitos atuais, sabe que esses defeitos são a consequência dos que tinha, tira conclusões do mal que pode ter cometido, e isso lhe basta para trabalhar, corrigindo-se. Se tinha outrora defeitos que não tem mais, não tem mais que preocupar-se com eles; bastam-lhe as imperfeições presentes.
- Se a alma ainda não existiu, é que foi criada ao mesmo tempo que o corpo; nessa suposição, ela não pode ter nenhuma relação com as que a precederam. Pergunta-se, então, como Deus, que é soberanamente justo e bom, pode tê-la feito responsável pelo erro do pai do gênero humano, maculando-a com um pecado original que ela não cometeu. Dizendo, ao contrário, que ela traz ao renascer o germe das imperfeições de suas existências anteriores, que ela sofre na existência atual as conseqüências de suas faltas passadas, dá-se do pecado original uma explicação lógica que todos podem compreender e admitir, porque a alma só é responsável por suas próprias obras.
- A diversidade das aptidões inatas, morais e intelectuais, é a prova de que a alma já viveu; se tivesse sido criada ao mesmo tempo que o corpo atual, não estaria de acordo com a bondade de Deus ter feito umas mais avançadas que as outras. Por que selvagens e

homens civilizados, bons e maus, tolos e brilhantes? Dizendo-se que uns viveram mais que os outros e mais adquiriram, tudo se explica.

- Se a existência atual fosse única e devesse decidir sozinha sobre o futuro da alma para a eternidade, qual seria o destino das crianças que morrem em tenra idade? Não tendo feito nem bem nem mal, elas não merecem nem recompensas nem punições. Segundo a palavra do Cristo, sendo cada um recompensado segundo suas obras, elas não têm direito à felicidade perfeita dos anjos, nem merecem ser dela privadas. Diga-se que poderão, em uma outra existência, realizar o que não puderam naquela que foi abreviada, e não há mais exceções.
- Pelo mesmo motivo, qual seria a sorte dos cretinos, idiotas? Não tendo nenhuma consciência do bem e do mal, não tem nenhuma responsabilidade por seus atos. Deus seria justo e bom tendo criado almas estúpidas para destiná-las a uma existência miserável e sem compensações? Admita-se, pelo contrário, que a alma do idiota e do cretino é um Espírito em punição dentro de um corpo impróprio para exprimir seu pensamento, onde ele é como um homem fortemente aprisionado por laços, e não se terá mais nada que não seja conforme com a justiça de Deus.
- Em suas encarnações sucessivas, o Espírito, sendo pouco a pouco despojado de suas impurezas e aperfeiçoado pelo trabalho, chega ao termo de suas existências corpóreas; pertence então à ordem dos Espíritos puros ou dos anjos, e goza simultaneamente da vida completa de Deus e de uma felicidade imperturbável pela eternidade.
- O Espiritismo não é uma luz nova, mas uma luz mais brilhante, porque surgiu de todos os pontos do globo através daqueles que viveram. Tornando evidente o que era obscuro, põe fim às interpretações errôneas, e deve unir os homens em uma mesma crença, porque não há senão um Deus, e suas leis são as mesmas para todos; ele marca enfim a era dos tempos preditos pelo Cristo e pelos profetas.
- Os males que afligem os homens na terra têm como causa o orgulho, o egoísmo e todas as más paixões.

Pelo contato de seus vícios, os homens tornam-se reciprocamente infelizes e punem-se uns aos outros. Que a caridade e a humildade substituam o egoísmo e o orgulho, então eles não quererão mais prejudicar-se; respeitarão os direitos de cada um e farão reinar entre eles a concórdia e a justiça.

- Mas como destruir o egoísmo e o orgulho, que parecem inatos no coração do homem? – O egoísmo e o orgulho estão no coração do homem, porque os homens são espíritos que seguiram desde o princípio o caminho do mal, e que foram exilados na terra como punição desses mesmos vícios; é o seu pecado original, de que muitos não se despojaram. Através do Espiritismo, Deus vem fazer um último apelo para a prática da lei ensinada pelo Cristo: a lei de amor e de caridade.
- Tendo a Terra chegado ao tempo marcado para tornar-se uma morada de felicidade e de paz, Deus não quer que os maus Espíritos encarnados continuem a trazer para ela a perturbação, em prejuízo dos bons; é por isso que eles deverão deixá-la. Irão expiar seu empedernimento em mundos menos evoluídos, onde trabalharão de novo para seu aperfeiçoamento em uma série de existências mais infelizes e mais penosas ainda que na Terra.
- Eles formarão nesses mundos uma nova raça mais esclarecida, cuja tarefa será levar o progresso aos seres atrasados que neles habitam, pelos conhecimentos que já adquiriram. Só sairão para um mundo melhor quando tiverem merecido, e assim por diante, até que tenham atingido a purificação completa: Se a terra era para eles um purgatório, esses mundos serão seu inferno, mas um inferno de onde a esperança nunca está banida.
- Enquanto a geração proscrita vai desaparecer rapidamente; surge uma nova geração, cujas crenças serão fundadas no Espiritismo cristão. Nós assistimos à transição que se opera, prelúdio da renovação moral cuja chegada o Espiritismo marca.
- O objetivo essencial do Espiritismo é o melhoramento dos homens. Não é preciso procurar nele senão o que

pode ajudá-lo para o progresso moral e intelectual.

- O verdadeiro Espírita não é o que crê nas manifestações, mas aquele que faz bom proveito do ensinamento dado pelos Espíritos. Nada adianta acreditar se a crença não faz com que se dê um passo adiante no caminho do progresso e que não o faça melhor para com o próximo.
- O egoísmo, o orgulho, a vaidade, a ambição, a cupidez, o ódio, a inveja, o ciúme, a maledicência são para a alma ervas venenosas das quais é preciso a cada dia arrancar algumas hastes, e que tem como contraveneno: a caridade e a humildade.
- A crença no Espiritismo só é proveitosa para aquele de quem se pode dizer: hoje está melhor do que ontem.
- As aflições na Terra são os remédios da alma; elas salvam para o futuro, como uma operação cirúrgica dolorosa salva a vida de um doente e lhe devolve a saúde. É por isso que o Cristo disse: "Bem-aventurados os aflitos, pois eles serão consolados."
- Nas suas aflições, olhe abaixo de você e não acima; pense naqueles que sofrem ainda mais que você.
- Homens de todas as castas, de todas as seitas e de todas as cores, vocês são todos irmãos, pois Deus os chama a todos para ele; estendam-se pois as mãos, qualquer que seja sua maneira de adorá-lo, e não atirem o anátema, pois o anátema é a violação da lei de caridade proclamada pelo Cristo!
- Com o egoísmo, os homens estão em luta perpétua; com a caridade, estarão em paz. A caridade, constituindo a base de suas instituições, pode assim, por si só, garantir a felicidade deles neste mundo; segundo as palavras do Cristo, só ela pode também garantir sua felicidade futura, pois encerra implicitamente todas as virtudes que podem levá-los à perfeição. Com a verdadeira caridade, tal como a ensinou e praticou o Cristo, não mais o egoísmo, o orgulho, o ódio, a inveja, a maledicência; não mais o apego desordenado aos bens deste mundo. É por isso que o Espiritismo cristão tem como máxima: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

Depois de Allan Kardec, surgiram célebres estudiosos comprometidos com o a Doutrina Espírita, a Terceira Revelação, o Consolador prometido. Os bichos pesquisaram e em complemento ao que foi dito até aqui julgaram, por acharem indispensáveis e de grande valia para nós humanos, os destaques que registram a seguir, extraídos de livros do próprio Kardec e de outros renomados autores. Entendem eles e afirmam que ditos destaques são tão profundos e evidentes, que não comportam quaisquer explicações e/ou esclarecimentos introdutórios, ou seja, tentar explicar o óbvio é desnecessário, e se são óbvios ululantes, ainda mais, eles se autoexplicam. Argumentaram que não podem deixar de apresentá-los, pois com certeza ajudarão a nós humanos a nos conscientizarmos, a entender e a alcançar com mais propriedade a profundidade da Doutrina Espírita, os ensinamentos de Jesus que foram postergados para o momento oportuno e certo.

Para que as compilações não fiquem muito extensas, está registrado somente o coração dos assuntos, mas recomendam-nos os bichos a leitura integral das obras aqui citadas.

- Em *Cristianismo e Espiritismo* de Léon Denis, sobre a Doutrina Espírita, Terceira Revelação:

Obra dos grandes Espíritos do espaço, que vêm aos milhares instruir e moralizar a Humanidade, apresenta um cunho impessoal e universal. Sua missão é esclarecer, coordenar todas as revelações do passado, contidas nos livros sagrados das diversas raças humanas e veladas sob a parábola e o símbolo. A nova revelação, livre de qualquer forma material, manifesta-se diretamente à Humanidade, cuja evolução intelectual tornou-se apta para abordar os altos problemas do destino. Preparada pelo trabalho das ciências naturais, sobre as quais se apoia, e

pelos conhecimentos lentamente adquiridos pelo espírito humano, fecunda esses trabalhos e conhecimentos e os liga por forte vínculo, formando um todo sólido.

A revelação cristã havia sucedido à revelação mosaica; a revelação dos Espíritos vem completá-la. Cristo a anunciou, e pode acrescentar-se que ele próprio preside a esse novo surto do pensamento.

O Espírito encontra-se no outro mundo com suas aquisições morais e intelectuais, seus predicados e defeitos, tendências, inclinações e afeições. O que somos moralmente neste mundo, ainda o somos no outro; disso procede a nossa felicidade ou sofrimento. Nossos gozos são tanto mais intensos, quanto melhor nos preparamos para essa vida do espaço, onde o espírito é tudo e a matéria é nada, quase; onde já não há necessidades físicas a satisfazer, nem outras alegrias senão as do coração e da inteligência.

Para as almas inclinadas à materialidade, a vida do espaço é uma vida de privações e misérias; é a ausência de tudo o que lhes pode ser agradável. Os Espíritos que souberam emancipar-se dos hábitos materiais e viver pelas altas faculdades da alma, nele acham, ao contrário, um meio de acordo com as suas predileções, um vasto campo oferecido à sua atividade. Não há nisso, realmente, senão uma aplicação lata da lei das atrações e afinidades, nada senão as conseqüências naturais dos nossos atos, que sobre nós recaem.

O desenvolvimento gradual do ser lhe engendra fontes cada vez mais abundantes de sensações e impressões. A cada triunfo sobre o mal, a cada novo progresso, estende-se o seu círculo de ação, o horizonte da vida se dilata. Depois das sombrias regiões terrestres em que imperam os vícios, as paixões, as violências, descerram-se para ele as profundezas estreladas, os mundos de luz com os seus deslumbramentos, os seus esplendores, as suas inebriantes harmonias. Após as vidas de provações, sacrifícios e lágrimas, a vida feliz, a alegria das divinas afeições, as missões abençoadas ao serviço do eterno Criador.

Ao contrário, o mau uso das faculdades, a reiterada fruição dos prazeres físicos, as satisfações egoísticas, nos

restringem os horizontes, acumulam a sombra em nós e em torno de nós. Em tais condições, a vida no espaço não nos oferece mais que trevas, inquietações, torturas, com a visão confusa e vaga das almas felizes, o espetáculo de uma felicidade que não soubemos merecer.

A alma, depois de um estágio de repouso no espaço, renasce na condição humana; para ela traz as reservas e aquisições das vidas pregressas. Desse modo se explicam às desigualdades morais e intelectuais que diferenciam os habitantes do nosso mundo. A superioridade inata de certos homens procede de suas obras no passado. Nós somos Espíritos mais jovens, ou mais velhos; mais ou menos trabalhamos, mais ou menos adquirimos virtudes e saber. Assim, a infinita variedade dos caracteres, das aptidões e das tendências, deixa de ser um enigma.

Entretanto, a alma reencarnada nem sempre consegue utilizar, em toda a plenitude, os seus dons e faculdades. Dispõe aqui de um organismo imperfeitíssimo, de um cérebro que nenhuma das recordações de outrora registrou. Neles não pode encontrar todos os recursos necessários à manifestação de suas ocultas energias. Mas o passado permanece nela; suas intuições e tendências são disso uma revelação patente.

As faculdades inatas em certas crianças, os meninos prodígios: artistas, músicos, pintores, sábios, são luminosos testemunhos da evidência dessa lei.

Também, às vezes, almas geniais e orgulhosas renascem em corpos enfermiços, sofredores, para humilhar-se e adquirir as virtudes que lhes faltavam: paciência, resignação, submissão.

Todas as existências penosas, as vidas de luta e sofrimento explicam-se pelas mesmas razões. São formas transitórias, mas necessárias, da vida imortal; cada alma as conhecerá por sua vez. A provação e o sofrimento são outros tantos meios de reparação, de educação, de elevação, é assim que o ser apaga um passado culposo e readquire o tempo perdido. É desse modo que os caracteres se retemperam, que se ganha experiência e o homem se prepara para novas ascensões. A alma que sofre procura Deus, lembra-se de

o invocar e, por isso mesmo, aproxima-se Dele.

As almas se atraem em razão de suas afinidades, constituem grupos ou famílias cujos membros se acompanham e mutuamente se auxiliam através de sucessivas encarnações. Laços potentes as vinculam; inúmeras vidas transcorridas em comum lhes proporcionam essas similitudes de opiniões e de caráter, que em tantas famílias se observam. Há exceções. Certos Espíritos mudam às vezes de meio, para mais rapidamente progredir. Nisso, como em todos os atos importantes da vida, há uma parte reservada à vontade livre do indivíduo, que pode, numa certa medida e conforme o grau de elevação, escolher a condição em que renascerá; mas há também à parte do destino, ou da lei divina que, lá em cima, fixa a ordem dos renascimentos.

A pluralidade das existências da alma e sua ascensão na escala dos mundos constituem o ponto essencial dos ensinamentos do moderno espiritualismo. Nós vivemos antes do nascimento e reviveremos depois da morte.

Nossas vidas são paradas sucessivas da grande viagem que empreendemos em nosso itinerário para o bem, para a verdade, para a beleza eterna.

Com a doutrina das preexistências e das reencarnações, tudo se liga, se esclarece e compreende; a justiça divina se patenteia; a harmonia se estabelece no Universo e no destino.

A alma já não é formada com todas as peças por um Deus caprichoso, que distribui, ao acaso e bel-prazer, o vício ou a virtude, a imbecilidade ou o gênio. Criada simples e ignorante, ela se eleva pelas próprias obras, a si mesma se enriquece, colhendo no presente o que em vidas anteriores semeou. E continua semeando para as futuras encarnações.

A alma, por conseguinte, constrói o próprio destino; degrau a degrau, sobe do estado rudimentar e inferior a mais alta personalidade; da inconsciência do selvagem ao estado desses sublimes seres que iluminam a rota da História e passam pela Terra como lampejo divino.

Assim considerada, a reencarnação torna-se consoladora e fortificante verdade, um símbolo de paz entre os

homens; a todos indica a senda do progresso, a grande eqüidade de um Deus que não pune eternamente, mas permite ao culpado resgatar-se pela dor. Posto que inflexível, essa lei sabe proporcionar a reparação à falta e, depois do resgate, faculta a reabilitação. Fortalece a fraternidade humana, ensinando aqueles a quem pudessem causar estranheza às desigualdades sociais e as diferenças de condição, que os homens todos tem, realmente, a mesma origem e o mesmo futuro. Não há deserdados nem privilegiados, pois o resultado final será o mesmo para todos, desde que o saibam conquistar.

A lei de reencarnação põe um freio às paixões, mostrando as consequências dos nossos atos, das nossas palavras, dos nossos pensamentos a recaírem sobre a nossa vida atual e sobre as futuras vidas, nelas semeando germen de felicidade ou de infortúnio. Graças a ela cada qual aprende a vigiar-se a si mesmo, a acautelar-se, a preparar cuidadoso o seu futuro.

O homem que uma vez compreendeu toda a grandeza dessa doutrina, não mais poderá acusar Deus de injustiça e parcialidade. Saberá que cada qual, no mundo, ocupa o seu lugar, que toda alma está sujeita às provações que mereceu ou desejou. Agradecerá ao Eterno o lhe proporcionar, com os renascimentos, o meio de reparar as faltas e adquirir, mediante trabalho constante, uma parcela do seu poder, um reflexo da sua sabedoria, uma centelha do seu amor.

Tal o destino da alma humana, nascida na fraqueza, na penúria das faculdades e dos meios de ação, mas é chamada, elevando-se, a realizar a vida em si mesma, em toda a plenitude; a alcançar todas as riquezas da inteligência, todas as delicadezas do sentimento, tornando-se um dia colaboradora de Deus.

Essa a missão do ser e o seu grandioso objetivo: colaborador de Deus, isto é, destinado a realizar em torno de si, em missões cada vez mais grandiosas, a ordem, a justiça, a harmonia; a atrair seus irmãos inferiores, a conduzi-los às divinas eminências; a subir com eles, de esfera em esfera, para o supremo objetivo, para Deus –

o Ser perfeito, lei viva e consciente do Universo, eterno foco de vida e de amor.

Essa participação na obra infinita é, de começo, assaz inconsciente; o ser colabora sem o saber e, às vezes, até sem o querer, na ordem universal; depois, à medida que percorre a rota, essa colaboração se torna cada vez mais consciente. Pouco a pouco a razão se lhe esclarece; a alma apreende a profunda harmonia das coisas, penetra as suas leis, a elas se associa intimamente por seus atos.

Quanto mais se desenvolvem as suas faculdades e aumentam as suas qualidades afetivas, tanto mais se afirma e acentua a sua participação no divino concerto dos seres e dos mundos.

Essa ascensão da alma, edificando ela própria o seu futuro e conquistando os seus postos, esse espetáculo da vida individual e coletiva, prosseguindo de estádio em estádio, na superfície das terras do espaço, progredindo e aperfeiçoando-se sempre, a elevar-se para Deus, melhor nos faz compreender a utilidade da luta, a necessidade da dor para a educação e purificação dos seres.

Tudo se explica e se esclarece na obra divina, quando a contemplamos do alto. A lei do progresso rege a vida infinita e faz o esplendor do Universo. As lutas do Espírito contra a matéria, sua ascensão pela dor, tal a grandiosa epopéia que os céus contam a Terra e que a voz dos invisíveis repete a todos os que tem sede de verdade. É o ensino que é preciso difundir, a fim de que o encadernamento dos efeitos e das causas a todos se patenteie, e, com ele, a solidariedade dos seres e o amor divino que envolve toda a Criação.

O mesmo sucede com o grande Foco divino. Sem o pensamento de Deus que ilumina as profundezas do Cosmos, sem essa luz imorredoura, tudo permaneceria imerso em trevas. Esse pensamento, porém, não aparece em todo o seu esplendor senão aos seres que se tornaram dignos de o compreender, àqueles cujo senso íntimo se descerrou à grande voz do infinito, a esse eterno sopro que perpassa nos mundos e fecunda as almas e os universos. Deus, em sua pura essência, dizem os Espíritos, é qual oceano de

chamas. Deus não tem forma, mas pode revestir uma para aparecer às almas elevadas. É a recompensa concedida às grandes dedicações, às existências de sacrifício e de renúncia. Há nisso uma espécie de materialização, bem diferente de tudo o que podemos imaginar. Mesmo sob esse aspecto sensível, a majestade de Deus é de tal ordem, que os Espíritos mais puros mal lhe podem suportar o brilho. Têm eles o privilégio de contemplar, sem véu, a Divindade, e declaram que a linguagem humana é paupérrima para permitir uma descrição, pálida que seja, do divino Foco.

Em tal caso, a sabedoria consiste em aceitarmos, sem murmurar, a própria sorte; em desempenharmos fielmente a tarefa, em nos prepararmos, assim, para situações que se irão melhorando à proporção que, pelos nossos progressos, obtivermos acesso a melhores sociedades, livres dos jugos que pesam sobre os mundos inferiores.

Graças à doutrina dos Espíritos, o homem compreende, finalmente, o objetivo da existência; nela vê um meio de educação e reparação; cessa de maldizer o destino e acusar Deus. Sente-se livre, ao mesmo tempo, dos pesadelos do nada e do inferno, e das ilusões de um ocioso paraíso, porque a vida futura não é mais uma beatífica, inútil contemplação, a eterna imobilidade dos eleitos ou o suplício sem fim dos condenados; é a evolução gradual; é, depois do círculo das provas e transmigrações, o círculo da felicidade e sempre a vida ativa e progressiva, a aquisição, pelo trabalho, de uma soma crescente de ciência, poder, moralidade; é participação cada vez mais extensa na obra divina, sob a forma de missões diversas – missões de dedicação e de ensinamentos, ao serviço da Humanidade.

Sobre o perdão, as penas, o céu e o inferno, extraíram e registraram o seguinte:

- Em *Conhecendo o Espiritismo*, de L. Neilmoris:

As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou da sua desgraça. E, como os Espíritos estão por toda parte, não existe um lugar circunscrito

ou fechado que possamos chamar de paraíso, inferno ou purgatório. Existe o estado moral dos Espíritos. Quanto aos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados, conforme é mais ou menos adiantado o mundo em que habitam. Inferno e paraíso são simples alegorias – por toda parte há Espíritos ditosos ou infelizes. Os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia, e, quando são perfeitos, podem reunir-se onde queiram. Por “purgatório” devem-se entender dores físicas e morais, ou seja, o tempo da expiação. Quase sempre é neste mundo que fazemos o nosso “purgatório”, onde Deus nos concede a chance de expiarmos as nossas faltas. Então, o que se deve entender por purgatório? Nada mais é que um estado de sofrimento físico e moral, consistindo, geralmente, nas provas da vida corporal, até que consigamos superar nossas provas, elevando-nos ao estado de Espíritos bemaventurados.

- *Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec:*

Por que Deus faria para o homem uma lei do perdão, se ele mesmo não devesse perdoar? Disso resultaria que o homem que perdoa aos seus inimigos e lhe faz o bem pelo mal, seria melhor do que Deus que permanece surdo ao arrependimento daquele que o ofendeu, e lhe recusa, pela eternidade, o mais ligeiro alívio!

Deus que está por toda a parte e tudo vê, deve ver as torturas dos condenados. Se é insensível aos seus gemidos, durante a eternidade, é eternamente sem piedade; se não tem piedade, não é infinitamente bom.

A isso, responde-se que o pecador que se arrepende antes de morrer, experimentaria a misericórdia de Deus, e que então o maior culpado pode encontrar graça diante dele.

Isso não se coloca em dúvida e concebe-se que Deus não perdoe senão ao arrependido, e seja inflexível para com os endurecidos; mas se ele é cheio de misericórdia para a alma que se arrepende, antes de ter deixado o seu corpo, por que cessaria de sê-lo para aquela que se arrepende depois da morte? Por que o arrependimento

não teria eficácia senão durante a vida, que é apenas um instante, e não teria mais durante a eternidade, que não tem fim? e a bondade e a misericórdia de Deus estão circunscritas em um tempo dado, elas não são infinitas e Deus não é infinitamente bom.

O dogma da eternidade absoluta das penas é, pois, irreconciliável com o progresso da alma, uma vez que a ele oporia um obstáculo invencível. Esses dois princípios se anulam, forçosamente um pelo outro; se um existe, o outro não pode existir. Qual dos dois existe? A lei do progresso é patente; é uma lei natural, lei divina, imprescritível; uma vez, pois, que ela existe, e que não pode se conciliar com a outra, é que a outra não existe. Se o dogma da eternidade das penas fosse uma verdade, Santo Agostinho, São Paulo e muito outros, não teriam jamais visto o céu se tivessem morrido antes do progresso que trouxe a sua conversão”.

- Em *A Gênese*, de Allan Kardec:

Se a razão repele, por incompatível com a bondade de Deus, a ideia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, frequentemente infligidas por uma única falta, os suplícios do inferno que não podem abrandar o mais ardente o mais sincero arrependimento, ela se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, não fecha nunca a porta do retorno, e estende, sem cessar, a mão ao naufrago, em lugar de empurrá-lo para o abismo.

A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo colocou no Evangelho, mas sem defini-lo mais do que muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo, no sentido do que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Por essa lei o homem explica todas as aparentes anomalias que a vida humana apresenta; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma a vida abreviada; a desigualdade das aptidões intelectuais e morais, pela antiguidade dos Espíritos que tem, mais ou menos, aprendido e progre-

dido, e que traz, em renascendo, o que adquiriu de suas existências anteriores.

Com a doutrina da criação da alma em cada nascimento, vem-se cair no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnis: não são solidários com um passado em que não existiam; com a doutrina do nada depois da morte, toda relação cessa com a vida; eles não são solidários quanto ao futuro. Pela reencarnação, são solidários quanto ao passado e quanto ao futuro; as suas relações se perpetuam no mundo espiritual e no mundo corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da Natureza; o bem tem um objetivo, o mal as suas consequências inevitáveis.

- Em *Depois da Morte*, de Léon Denis:

Segundo as diferentes doutrinas religiosas, a Terra é o centro do Universo e o céu estende-se como uma abóbada sobre nós. É na sua parte superior, dizem, que está a morada dos bemaventurados – o inferno, habitação dos condenados, prolonga suas sombrias galerias nas próprias entranhas do globo. A ciência moderna, de acordo com o ensino dos Espíritos, mostrando-nos o Universo semeado de inumeráveis mundos habitados, deu golpe mortal nessas teorias.

O céu está por toda parte – por toda parte, o incomensurável, o insondável, o infinito – por toda parte, um fervilhamento de sóis e de esferas, entre as quais o nosso planeta é apenas mesquinha parcela. No meio dos espaços não existem moradas circunscritas para as almas. Tanto mais livres quanto mais puras forem, estas percorrem a imensidade e vão para onde as levam suas afinidades e simpatias. Os Espíritos inferiores, sobrecarregados pela densidade de seus fluídos, ficam ligados ao mundo onde viveram, circulando em sua atmosfera ou envolvendo-se entre os seres humanos.

As alegrias e as percepções do Espírito não procedem do meio que ele ocupa, mas de suas disposições pessoais

e dos progressos realizados. Embora, com o perispírito opaco e envolto em trevas, o Espírito atrasado pode encontrar-se com a alma radiante, cujo invólucro sutil se presta às delicadas sensações, às mais extensas vibrações. Cada um traz em si sua glória ou sua miséria. A condição dos Espíritos na vida de além túmulo, sua elevação, sua felicidade, tudo depende da respectiva faculdade de sentir e de perceber, que é sempre proporcional ao seu grau evolutivo. Aqui mesmo, na Terra, vemos os gozos intelectuais aumentarem com a cultura do espírito. As obras literárias e artísticas, as belezas da civilização, as concepções sublimes do gênio humano são incompreensíveis ao selvagem e também a muitos dos nossos concidadãos. Assim, os Espíritos de ordem inferior, como cegos no meio da natureza resplandecente, ou como surdos em um concerto, permanecem indiferentes e insensíveis diante das maravilhas do infinito. Esses Espíritos, envolvidos em fluídos espessos, sofrem as leis da atração e são inclinados para a matéria. Sob a influência dos apetites grosseiros, as moléculas do seu corpo fluídico fecham-se às percepções externas e os tornam escravos das mesmas forças naturais que governam a Humanidade.

Não há que insistir neste fato, porque ele é o fundamento da ordem e da justiça universais.

Sobre o Julgamento Final, extraíram e registraram o seguinte:

- Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec:

Toda moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, quer dizer, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, ele mostra essas virtudes como sendo o caminho da felicidade eterna. Bem-aventurados, disse ele, os pobres de espírito, quer dizer, os humildes, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que tem puro o coração; bem-aventurados os que são brandos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei

aos outros o que quereíeis que vos fizesse; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; fazei o bem sem ostentação; julgai a vós mesmos antes de julgar os outros. Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar, e ele mesmo dá exemplo; orgulho e egoísmo, eis o que não cessa de combater, mas faz mais do que recomendar a caridade, coloca-a claramente, e em termos explícitos, como condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que Jesus deu ao julgamento final, é preciso, como em muitas outras coisas, separar a figura e a alegoria. A homens como aqueles a quem falava, ainda incapazes de compreenderem as coisas puramente espirituais, devia apresentar imagens materiais surpreendentes e capazes de impressionar; para melhor ser aceito, devia mesmo não se afastar muito das ideias vigentes, quanto à forma, reservando sempre para o futuro a verdadeira interpretação de suas palavras e pontos sobre os quais não podia se explicar claramente. Mas, ao lado dessa parte acessória e figurada do quadro, há uma ideia dominante: a de felicidade que espera o justo e da infelicidade reservada ao mau.

Neste julgamento supremo, quais são os considerandos da sentença? Sobre o quê dirige o inquérito? O juiz pergunta se se cumpriu esta ou aquela formalidade, observou mais ou menos tal ou tal prática exterior? Não, ele não inquire senão de uma coisa: a prática da caridade, e sentencia dizendo: Vós que assististes vossos irmãos, passai à direita; vós que fostes duros para com eles, passai à esquerda. Ele se informa da ortodoxia da fé? Faz uma distinção entre aquele que crê de um modo e o que crê de outro? Não, porque Jesus coloca o Samaritano, considerado herético, mas que tem o amor ao próximo, acima do ortodoxo, que falta com a caridade. Jesus não fez, pois, da caridade, somente uma das condições de salvação, mas a única condição; se houvesse outras a serem preenchidas, ele as teria mencionado. Se coloca a caridade no primeiro plano das virtudes, é porque ela encerra, implicitamente, todas as outras: a humildade, a doçura, a benevolência, a indulgência, a justiça etc; e porque é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo”.

Exclamaram os bichos: – De onde vocês humanos tiraram e com base em que criaram outras formas e alegorias? Claro, da imaginação e com base em superstições e, mais grave ainda, suportado nas paixões terrenas, grosseiras, as quais alimentaram o seu egoísmo, orgulho e autoritarismo.

Vejam por outro ângulo, um enfoque complementar, o que os bichos descobriram e registraram:

- Em *Depois da Morte*, de Léon Denis:

Uma lei tão simples em seus princípios quanto admirável em seus efeitos preside à classificação das almas no espaço.

Quanto mais sutis e rarefeitas são as moléculas constitutivas do perispírito tanto mais rápida é a desencarnação, tanto mais vastos são os horizontes que se rasgam ao Espírito. Devido ao seu peso fluídico e às suas afinidades, ele se eleva para os grupos espirituais que lhe são similares. Sua natureza e seu grau de depuração determinam-lhe nível e classe no meio que lhe é próprio. Com alguma exatidão tem-se comparado a situação dos Espíritos no espaço à dos balões cheios de gases de densidades diferentes que, em virtude de seus pesos específicos, se elevam a alturas diversas. Mas, cumpre que nos apressemos em acrescentar que o Espírito é dotado de liberdade e, portanto, não estando imobilizado em nenhum ponto, pode, dentro de certos limites, deslocar-se e percorrer os páramos etéreos.

Pode, em qualquer tempo, modificar suas tendências, transformar-se pelo trabalho ou pela prova, e, conseqüentemente, elevar-se à vontade na escala dos seres.

É, pois, uma lei natural, análoga às leis da atração e da gravidade, a que fixa a sorte das almas depois da morte. O Espírito impuro, acabrunhado pela densidade de seus fluídos materiais, confina-se nas camadas inferiores da atmosfera, enquanto a alma virtuosa, de envoltório depurado e sutil, arremessa-se, alegre, rápida como o pensamento, pelo azul infinito. É também em si mesmo – e não fora de si, é em sua própria consciência que o Es-

pírito encontra sua recompensa ou seu castigo. Ele é seu próprio juiz. Caído o vestuário de carne, a luz penetra e sua alma aparece nua, deixando ver o quadro vivo de seus atos, de suas vontades, de seus desejos.

Momento solene, exame cheio de angústia e, muitas vezes, de desilusão. As recordações despertam em tropel e a vida inteira desenrola-se com seu cortejo de faltas, de fraquezas, de misérias. Da infância à morte, tudo, pensamentos, palavras, ações, tudo sai da sombra, reaparece à luz, anima-se e revive. O ser contempla-se a si mesmo, revê, uma a uma, através dos tempos, suas existências passadas, suas quedas, suas ascensões, suas fases numeráveis. Conta os estágios franqueados, mede o caminho percorrido, compara o bem e o mal realizados. Do fundo do passado obscuro, surgem, a seu apelo, como outros tantos fantasmas, as formas que revestiu através das vidas sucessivas.

Em uma visão clara, sua recordação abraça as longas perspectivas das idades decorridas; evoca as cenas sanguinolentas, apaixonadas, dolorosas, as dedicações e os crimes; reconhece a causa dos processos executados, das expiações sofridas, o motivo da sua posição atual. Vê a correlação que existe, unindo suas vidas passadas aos anéis de uma longa cadeia desenrolando-se pelos séculos. Para si, o passado explica o presente e este deixa prever o futuro. Eis para o Espírito a hora da verdadeira tortura moral. Essa evocação do passado traz-lhe a sentença temível, a increpação da sua própria consciência, espécie de julgamento de Deus. Por mais lacerante que seja, esse exame é necessário porque pode ser o ponto de partida de resoluções salutares e da reabilitação.

O grau de depuração do Espírito, a posição que ocupa no espaço representam a soma de seus progressos realizados e dão a medida do seu valor moral. É nisto que consiste a sentença infalível que lhe decide a sorte, sem apelo. Harmonia profunda! Simplicidade maravilhosa que as instituições humanas não poderiam reproduzir – o princípio de afinidade regula todas as coisas e fixa a cada qual o seu lugar. Nada de julgamento, nada de tri-

bunal, apenas existe a lei imutável executando-se por si própria, pelo jogo natural das forças espirituais e segundo o emprego que delas faz a alma livre e responsável. Todo pensamento tem uma forma, e essa forma, criada pela vontade, fotografa-se em nós como em um espelho onde as imagens se gravam por si mesmas. Nosso envoltório fluídico reflete e guarda, como em um registro, todos os fatos da nossa existência. Esse registro está fechado durante a vida, porque a carne é a espessa capa que nos oculta o seu conteúdo. Mas, por ocasião da morte, ele se abre repentinamente e as suas páginas distendem-se aos nossos olhos.

O Espírito desencarnado traz, portanto, em si, visível para todos, seu céu ou seu inferno. A prova irrecusável da sua elevação ou da sua inferioridade está inscrita em seu corpo fluídico. Testemunhas benévolas ou terríveis, as nossas obras, os nossos desígnios justificam-nos ou acusam-nos, sem que coisa alguma possa fazer calar as suas vozes. Daí o suplício do mau que, acreditando estarem os seus pérfidos desejos, os seus atos culpáveis profundamente ocultos, os vê, então, brotar aos olhos de todos – daí os seus remorsos quando, sem cessar, repassam diante de si os anos ociosos e estéreis, as horas impregnadas no deboche e no crime, assim como as vítimas lacrimosas, sacrificadas a seus instintos brutais. Daí também a felicidade do Espírito elevado, que consagrou toda a sua vida a ajudar e a consolar seus irmãos. Para distrair-se dos cuidados, das preocupações morais, o homem tem o trabalho, o estudo, o sono. Para o Espírito não há mais esses recursos. Desprendido dos laços corporais, acha-se incessantemente em face do quadro fiel e vivo do seu passado. Assim, os amargores e pesares contínuos, que então decorrem, despertam-lhe, na maior parte dos casos, o desejo de, em breve, tomar um corpo carnal para combater, sofrer e resgatar esse passado acusador.

Finalmente observaram os bichos que para o investigador espiritual sério, assim como para os que buscam conhecimento verdadeiro, a característica mais importante

é a honestidade. Isto significa a coragem para olhar para o que se apresenta no processo, pela habilidade de admitir as suas falhas, quando se tornam aparentes, e pela determinação de mudar os seus comportamentos em função do que se revela.

Acreditamos que quando vocês humanos tiverem uma visão holística em termos religiosos ou mesmo filosóficos, o entendimento das coisas divinas se alargará, pois terão a compreensão que identificará o Universo – a totalidade das coisas – como Deus. Terão a certeza religiosa, ou a teoria filosófica, de que Deus e o Universo são idênticos, junto com suas forças e leis no sentido mais amplo, incluindo aí toda a Doutrina Espírita.

Sobre os dogmas, os bichos frisaram:

Para acreditarem em tamanhas fantasias, devem desconhecer que a doutrina cristã ensinada por Jesus era desprovida de dogmas. Estes dogmas foram sendo instituídos por autoridades eclesiásticas aos longo dos séculos. Jesus não foi um instituidor de dogmas, um criador de símbolos; foi o iniciador do mundo no culto do sentimento, na religião do amor. Os apóstolos sabiam disso e foi assim que praticaram suas prédicas. Sua doutrina, toda luz e amor, dirige-se sobretudo aos humildes e aos pobres, às mulheres e aos homens do povo curvados sobre a terra, a essas inteligências esmagadas ao peso da matéria e que aguardam, na provação e no sofrimento, a palavra de vida que as deve reanimar e consolar.

E mais uma vez se perguntaram: – Por que é tão difícil para a Igreja aceitar a reencarnação? E eles mesmos responderam: – Pelo seu caráter extremamente subversivo aos preconceitos étnicos, culturais e sociais vigentes, já que o rico de hoje pode ser o pobre de amanhã; o branco de hoje pode ser o negro de amanhã. Também, no que diz

respeito aos dogmas tradicionais, que não são articuláveis à reencarnação. O inferno, por exemplo, deixaria de existir na sua consideração habitual para se tornar apenas um estado de consciência, que pode ser superado sem as mediações institucionais humanas. Disse o Mestre: “o Reino de Deus está dentro de vós” (Lucas 17:21)

Pesquisando, vejam o que encontraram no livro *Conhecendo o Espiritismo* de L. Nilmoris:

Podemos dizer que a humanidade entenderá a reencarnação sem necessariamente se tornar Espírita? Sem dúvida! Vejam os casos de Brian Weiss e Patrick Drouot, que afirmam a reencarnação por bases científicas, sem nunca ter ouvido falar de Kardec. Vale lembrar que o Espiritismo está fundamentado nas leis naturais que transcendem etnia, religião etc.

Existe algum movimento da Igreja no sentido de reconhecer a reencarnação como fato inconteste? O que sabemos é que eles aceitam, na alta teologia, a reencarnação. Não sabemos, porém, se, entre os adeptos, existe movimento nesse sentido, não sabemos.

O fato, porém, é que a verdade triunfará. Jesus, pessoalmente, afirma a seus discípulos: “Teria ainda muitas coisas que vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora”. Prova mais que evidente da necessidade de aguardar-se a evolução da humanidade, a fim de que pudesse suportar certos conteúdos que não poderiam ser franqueados ao entendimento limitado da época.

• Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* de Allan Kardec, extraíram e registraram o que segue:

A reencarnação fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de ressurreição; só os Saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nela. As ideias dos Judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não estavam claramente definidas, porque não tinham senão noções vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo. Eles acreditavam que um homem que viveu podia reviver, sem se inteirarem

com precisão da maneira pela qual o fato podia ocorrer; designavam pela palavra ressurreição o que o Espiritismo, mas judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a ressurreição supõe o retorno à vida do corpo que morreu, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo estão, desde há muito, dispersos e absorvidos. A reencarnação é o retorno da alma, ou Espírito, à vida corporal, mas em um outro corpo novamente formado para ela, e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição poderia, assim, se aplicar a Lázaro, mas não a Elias nem aos outros profetas. Se pois, segundo sua crença, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, uma vez que se tinha visto João criança, e se conheciam seu pai e sua mãe. João podia, pois, ser Elias reencarnado, mas não ressuscitado.

Ora, havia um homem, entre os Fariseus, chamado Nicodemos, senador dos Judeus, que foi à noite encontrar Jesus e lhe disse: Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor; porque ninguém poderia fazer os milagres que fazeis, se Deus não estivesse com ele. Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo. Nicodemos lhe disse: Como pode nascer um homem que já está velho? Pode ele entrar no ventre de sua mãe, para nascer uma segunda vez?

Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Se um homem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não vos espanteis do que eu vos disse, que é preciso que nasçais de novo. O Espírito sopra onde quer, e ouvis sua voz, mas não sabeis de onde ele vem e para onde ele vai. Ocorre o mesmo com todo homem que é nascido do Espírito.

Nicodemos lhe respondeu: Como isso pode se dar? Jesus lhe disse: Que! Sois mestre em Israel e ignorais essas coisas? Em verdade, em verdade vos digo que não dizemos senão o que sabemos, e que não testemunhamos senão o que vimos: e, entretanto, vós não recebeis

nosso testemunho. Mas se não credes quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis quando vos falar das coisas do Céu? (João, cap. III, v. de 1 a 12).

O pensamento de que João Batista era Elias e que os profetas poderiam reviver sobre a Terra, se encontra em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas relatadas acima. Se essa crença tivesse sido um erro, Jesus não teria deixado de combatê-la, como combateu tantas outras; longe disso, ele sancionou-a com toda a sua autoridade, e colocou-a como princípio e como uma condição necessária quando disse: Ninguém pode ver o reino dos Céus se não nascer de novo; e insiste, ajuntando: Não vos espanteis do que eu vos disse, que É PRECISO que nasçais de novo.

Estas palavras: “Se um homem não renasce da água e do Espírito”, foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo; mas o texto primitivo trazia simplesmente; não renascer da água e do Espírito, ao passo que, em certas traduções, a do Espírito se substituiu: do Santo-Espírito, o que não responde mais ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários feitos sobre o Evangelho, assim como será um dia constatado sem equívoco possível.

Para compreender o sentido verdadeiro dessas palavras, é preciso igualmente se reportar à significação da palavra água que não era empregada na sua acepção própria. Os conhecimentos dos antigos, sobre as ciências físicas, eram muito imperfeitos, pois acreditavam que a Terra tinha saído das águas e, por isso, consideravam a água como o elemento gerador absoluto; é assim que na Gênese está dito: “o Espírito de Deus era levado sobre as águas; fluava na superfície das águas; que o firmamento seja feito no meio das águas; que as águas que estão abaixo do céu se reúnam em só lugar, e que o elemento árido apareça; que as águas produzam os animais vivos que nadem na água e os pássaros que voem sobre a terra e sobre o firmamento.

Segundo essa crença, a água tornara-se o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inte-

ligente. Estas palavras: “Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significam, pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma.” Neste sentido é que foram compreendidas no princípio.

- De *Cristianismo e Espiritismo*, de Léon Denis, extraíram e registraram:

Na realidade, a questão da pluralidade das existências da alma jamais foi resolvida pelos concílios. Permaneceu aberta às resoluções da Igreja no futuro, e é esse o ponto que se faz preciso estabelecer.

Como a lei dos renascimentos, a pluralidade dos mundos acha-se indicada no Evangelho, em forma de parábola: “Há muitas moradas na casa de meu Pai. Eu vou a preparar-vos o lugar, e, depois que tiver ido e vos tiver preparado o lugar, voltarei e vos levarei comigo, a fim de que onde eu esteja, vós estejais também.” (João, XIV, 2 e 3).

A casa de meu Pai é o infinito céu; as moradas prometidas são os mundos que percorrem o espaço, esferas de luz ao pé das quais a nossa pobre Terra não é mais que mesquinho e obscuro planeta. É para esses mundos que Jesus guiará as almas que se ligarem a ele e à sua doutrina, mundos que lhe são familiares e onde nos saberá preparar um lugar, conforme os nossos méritos.

[...]

O cristianismo repousa inteiramente em fatos de aparição e manifestação dos mortos e fornece inúmeras provas da existência do mundo invisível e das almas que o povoam.

Essas provas são igualmente abundantes no Antigo e Novo Testamento. Num como noutro, encontram-se aparições de anjos, dos Espíritos dos justos, o dom de profecia e o dom de curar. Em o Novo Testamento são referidas as aparições do próprio Jesus, depois do seu suplício e sepultura.

A existência do Cristo havia sido uma constante comunhão com o mundo invisível. O filho de Maria era dotado de faculdades que lhe permitiam conversar com os Espíritos. Estes, muitas vezes, tornavam-se visíveis

ao seu lado. Seus discípulos ouviram, assombrados, conversar um dia no Tabor com Elias e Moisés.

Nos momentos críticos, quando uma questão o embarraça, como no caso da mulher adúltera, ele evoca as almas superiores e com o dedo traça na areia a resposta a dar, do mesmo modo que em nossos dias o médium, movido por força estranha, traça caracteres na ardósia.

Esses fatos são conhecidos, relatados, mas outros muitos, relacionados com essa permuta assídua com o invisível, permaneceram ignorados dos homens, mesmo daqueles que o cercavam.

As relações do Cristo com o mundo dos Espíritos se afirmam pelo constante amparo que do Além recebia o divino mensageiro.

Por vezes, apesar da sua coragem, da abnegação que inspira todos os seus atos, perturbado pela grandeza da tarefa, ele eleva a alma a Deus; ora, implora novas forças e é atendido. Grandioso sopro lhe bafeja a mente. Sob um impulso irresistível, ele reproduz os pensamentos sugeridos; sente-se reconfortado, socorrido.

Nas horas solitárias, seus olhos distinguem letras de fogo que exprimem as vontades do céu; soam vozes aos seus ouvidos, trazendo-lhe resposta às suas ardentes preces. É a transmissão direta dos ensinamentos que deve divulgar, são preceitos regeneradores para cuja propagação baixara à Terra. As vibrações do supremo pensamento que anima o Universo lhe são perceptíveis e lhe incutem esses eternos princípios que espalhará e que jamais se hão de apagar da memória dos homens. Ele percebe celestes melodias e seus lábios repetem as palavras escutadas, sublime revelação, mistérios ainda para muitos seres humanos, mas para ele confirmação absoluta dessa constante proteção e das intuições que lhe provem dos mundos superiores.

E quando essa grande vida terminou, quando se consumou o sacrifício, depois que Jesus foi pregado à cruz e baixou ao túmulo, seu Espírito continuou a afirmar-se por novas manifestações. Essa alma poderosa, que em nenhum túmulo poderia ser aprisionada, aparece

aos que na Terra havia deixado tristes, desanimados e abatidos. Vem dizer-lhes que a morte nada é. Com a sua presença lhes restitui a energia, a força moral necessária para cumprirem a missão que lhes fora confiada.

As aparições do Cristo são conhecidas e tiveram numerosos testemunhos. Apresentam flagrantes analogias com as que em nossos dias são observadas em diversos graus, desde a forma etérea, sem consistência, com que aparece à Maria Madalena e que não suportaria o mínimo contato, até a completa materialização, tal como pode verificar Tomé, que tocou com a própria mão as chagas do Cristo. Daí esse contraste nas palavras de Jesus: “Não me toque” – diz ele à Madalena – ao passo que convida Tomé a pôr o dedo nos sinais dos cravos: “Chega também a tua mão e mete-a no meu lado”.

Jesus aparece e desaparece instantaneamente. Penetra numa casa a porta fechadas. Em Emaús conversa com dois dos discípulos que o não reconhecem, e desaparece repentinamente. Acha-se de posse desse corpo fluídico, etéreo, que há em todos nós, corpo sutil que é o invólucro inseparável de toda alma e que um alto Espírito como o seu sabe dirigir, modificar, condensar, rarefazer à vontade. E a tal ponto o condensa, que se torna visível e tangível aos assistentes.

As aparições de Jesus depois da morte são mesmo a base, o ponto capital da doutrina cristã e foi por isso que São Paulo disse: “Se o Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé.” No Cristianismo não é uma esperança, é um fato natural, um fato apoiado no testemunho dos sentidos. Os apóstolos não acreditavam somente na ressurreição. Estavam dela convencidos.

E é por essa razão que a sua prédica adquiria aquele tom veemente e penetrante, que incutia uma convicção robusta. Com o suplício de Jesus o Cristianismo era ferido em pleno coração. Os discípulos, consternados, estavam prestes a se dispersarem.

O Cristo, porém, lhes apareceu e a sua fé se tornou tão profunda que, para a confessar, arrostando todos os suplícios. As aparições do Cristo depois da morte as-

seguraram a persistência da ideia cristã, oferecendo-lhe como base todo um conjunto de fatos.

Verdade é que os homens lançaram a confusão sobre esses fenômenos, atribuindo-lhes um caráter miraculoso. O milagre é uma postergação das leis eternas fixadas por Deus, obras que são da sua vontade, e seria pouco digno da suprema Potência exorbitar da sua própria natureza e variar em seus decretos.

Jesus, conforme a Igreja, teria ressuscitado com o seu corpo carnal. Isso é contrário ao primitivo texto do Evangelho. Aparições repentinas, com mudanças de forma, que se produzem em lugares fechados, não podem ser senão manifestações espíritas, fluídicas e naturais. Jesus ressuscitou, como ressuscitaremos todos, quando nosso espírito abandonar a prisão de carne.

Em Marcos e Mateus, e na descrição de Paulo (1.a Cor., XV), essas aparições são narradas de modo mais conciso. Segundo Paulo, o corpo do Cristo é incorruptível; não tem carne nem sangue. Essa opinião procede da mais antiga tradição. A materialidade só veio mais tarde, com Lucas. A narrativa se complica então e é enfeitada com particularidades maravilhosas, no intuito evidente de impressionar o leitor.

Esse modo de ver, como em geral toda teoria do milagre, resulta de uma falsa interpretação das leis do Universo. O mesmo sucede com a ideia do sobrenatural, que corresponde a uma concepção deficiente da ordem do mundo e das normas da vida. Na realidade, nada existe fora da Natureza, que é a obra divina em sua majestósissíma expansão. O erro do homem provém da acanhada ideia que ele faz da Natureza e das formas da vida, limitadas para ele à esfera traçada pelos seus sentidos. Ora, nossos sentidos apenas abrangem porção muitíssimo restrita do domínio das coisas. Além desses limites que eles nos impõem, a vida se desdobra sob aspectos ricos e variados, sob formas sutis, quintessenciadas, que se graduam, se multiplicam e renovam até ao infinito”.

Fora um fenômeno espírita, a aparição de Jesus no caminho de Damasco, o que havia feito de São Paulo um cristão; Paulo não conhecera o Cristo e, no momento dessa

visão, que decidiu do seu destino, bem longe estava de achar-se preparado para a sua ulterior tarefa. “Respirando sempre ameaças de morte contra os discípulos do Senhor”, munido contra eles de ordens de prisão, seguira para Damasco a fim de os perseguir. Nesse caso, não cabe invocar, como a respeito dos apóstolos se poderia fazer, um fenômeno de alucinação, provocado pela constante recordação do Mestre. Essa visão, ao demais, não foi isolada; em todo o subsequente curso de sua vida, Paulo manteve assíduas relações com o invisível, particularmente com o Cristo, de quem recebia as instruções indispensáveis à sua missão. Ele mesmo declara que haure inspirações nos colóquios secretos com o filho de Maria.

São Paulo não foi apenas assistido por Espíritos de Luz, de que se fazia o porta-voz e o intérprete. Espíritos inferiores por vezes o atormentavam, e era-lhe necessário resistir à sua influência. É assim que, em todos os meios, para educação do homem e desenvolvimento da sua razão, a luz e a sombra, a verdade e o erro se misturam. O mesmo se dá no domínio do moderno Espiritualismo, em que se encontram todas as ordens de manifestações, desde as comunicações do mais elevado caráter, até os grosseiros fenômenos produzidos por Espíritos atrasados. Mas esses também tem a sua utilidade, do ponto de vista dos elementos de observação e dos casos de identidade que fornecem a ciência.

São Paulo conhecia estas coisas. Lecionado pela experiência, ele advertia os profetas, seus irmãos, a fim de se conservarem em guarda contra tais ciladas. E acrescentava em consequência: “Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas” (I Cor., XIV, 32), isto é, é preciso não aceitar cegamente as instruções dos Espíritos, mas submetê-las ao exame da razão.

No mesmo sentido, dizia S. João: “Caríssimos, não creiais a todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus.” (Epist., IV,1).

[...]

Cansado de dogmas obscuros, de interesseiras teorias, de afirmações sem provas, o pensamento humano há

muito se deixou empolgar pela dúvida. Uma crítica inexorável joeirou rigorosamente todos os sistemas. A fé se extinguiu em sua própria fonte; o ideal religioso desapareceu. Concomitantemente com os dogmas, perderam o seu prestígio as elevadas doutrinas filosóficas. O homem esqueceu ao mesmo tempo o caminho dos templos e dos pórticos da sabedoria.

O objetivo do homem na terra é, porventura, levar uma vida faustosa e sensual? Não! Um povo não é grande, um povo não se eleva senão pelo trabalho, pelo culto da justiça e da verdade.

E quanto a milagres? – indagaram os bichos. Pesquisando encontraram o que segue extraído do livro *A Gênese*, de Allan Kardec:

Deus Faz Milagres?

Quanto aos milagres propriamente ditos, nada sendo impossível a Deus, sem dúvida ele os pode fazer; e os faz? Em outros termos: derroga as leis que estabeleceu? Não cabe ao homem prejulgar os atos da Divindade e subordiná-los à fraqueza do seu entendimento; entretanto, temos como critério de nosso julgamento, com respeito às coisas divinas, os atributos do próprio Deus. Ao soberano poder alia a soberana sabedoria, de onde é preciso concluir que ele nada faz de inútil.

Por que, pois, faria milagres? Para atestar o seu poder, diz-se; mas o poder de Deus não se manifesta, de maneira bem mais impressionante, pelo conjunto grandioso das obras da criação, pela sabedoria providente que preside às suas partes mais ínfimas como as maiores, e pela harmonia das leis que regem o Universo, do que por alguma pequenas e pueris derrogações que todos os prestigiatadores sabem imitar? Que se diria se um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desarranjasse o relógio que construísse, obra-prima da ciência, a fim de mostrar que desfez o que fez? Seu saber, ao contrário, não ressalta mais da regularidade e da precisão do movimento?

Mas, diz-se, a religião se apóia sobre fatos que não são

nem explicados e nem explicáveis. Inexplicados, talvez; inexplicáveis, é uma outra questão. Sabem-se as descobertas e os conhecimentos que o futuro nos reserva? Sem falar do milagre da Criação, o maior de todos sem contradita, e que hoje entrou no domínio da lei universal, não se vê já, sob o império do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, se reproduzirem os êxtases, as visões, as aparições, a visão à distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com o seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos de tempos imemoriais, considerados outrora como maravilhosos, e demonstrados, hoje, pertencerem à ordem das coisas naturais, segundo a lei constitutiva dos seres? Os livros sagrados estão cheios de fatos desse gênero. Qualificados de sobrenaturais, mas como são encontrados análogos, e mais, maravilhosos ainda, em todas as religiões pagãs da antiguidade, se a verdade de uma religião dependesse do número e da natureza destes fatos, não se saberia muito qual aquela que devesse prevalecer.

Falando Sobre Jesus

Os bichos, examinando tudo que pesquisaram sobre este assunto, concluíram e passaram a registrar:

- Se Jesus Cristo, o Mestre dos Mestres, tivesse deixado seus ensinamentos por escrito, teria evitado muitas controvérsias, interpretações diversas de suas parábolas e principalmente - temos absoluta convicção - desautorizaria a vocês humanos dizerem que ele foi diferente do resto dos seres humanos, a começar de como foi gerado e a que veio, pois, repetidas vezes Ele disse que qualquer um poderia fazer o que Ele fazia e até muito mais. Se ele não se atribuiu essas diferenças não cabia a mais ninguém tal assertiva. Condenaria a existência de dois deuses, o do antigo testamento, vingativo e vaidoso e o do novo testamento, benevolente e humilde. Teria dito que tudo isso é fruto da imperfeição e pequenez dos humanos e da necessidade de segurança e de afirmação, no mínimo.

Jesus teria dito ainda, que a grande sabedoria divina reside no livre arbítrio, na razão, na consciência e na inteligência. Que o livre arbítrio é uma faca de dois gumes - libera, ao mesmo tempo que aprisiona. O ho-

mem valendo-se dele, pode achar que tudo pode fazer. Sua consciência, porém, lhe diz que nem tudo deve e sua razão e inteligência entram para definir a ação correta, acertada. Que esta sábia providência divina, por si só, é mais que suficiente para encaixar o homem no bem, em busca da perfeição, a glória almejada por Deus; afinal, é isto que Ele quer. Que o Bem sempre vencerá o mal – é o que está determinado a acontecer a todo o ser humano – pois Deus nada faz de inútil; de outro modo Ele não seria Deus, perfeito. Que Deus, nosso Pai – afirmaram os bichos – não cobra nada de ninguém; a cobrança é feita automaticamente por este mecanismo, que torna o próprio indivíduo o seu cobrador, uma sabedoria ímpar, de grande e inigualável eficácia.

Finalmente, Ele teria dito: – Não me ofendam! Se sou diferente de vocês, onde está o mérito?! E o nosso Pai, o Deus, todo poderoso?! Não seria Ele, mas outro, um mesquinho, preterindo os outros filhos. Pela sua compreensiva sabedoria não apelaria ao uso de histórias fantasiosas a exemplo da vida de Adão e Eva. Apresentaria coisas mais convincentes, aliás, criaria filhos perfeitos, bastaria isto. Mas preferiu criá-los da forma que o fez, submetendo-os ao divino e sábio mecanismo. E uma vez que para se obter a salvação é necessário apenas ser gente, ser humano, na forma que Ele idealizou, praticando o bem, com humildade, perdão e amor no coração, tudo o mais é figuração, criação da nossa pequenez, pois – repito – o nosso Pai nada faz de inútil e o que estiver além disso é desnecessário, é inútil, fere a sua sabedoria, vai de encontro à sua essência. Claro, entendo – teria dito Jesus – que os floreios criados foram com boas intenções, mas muitas vezes tendenciosos, para atender a interesses pessoais e da época. Eu próprio falei por parábolas, ao invés de ser direto – visto que naquela época nem tudo

seria entendido na íntegra – postergando o entendimento para gerações futuras, já que nem todos os meus irmãos tinham o tamanho da minha espiritualidade – diferença que admito – e o conhecimento, a ciência, como um todo, ainda eram incipientes. E teria afirmado que o essencial é fixar-se no Bem e praticá-lo sem olhar a quem, deixando claro e evidente a inutilidade do resto. A verdade é a verdade, não precisa ser exaltada, ela por si só se basta; dispensa floreios.

Conforme consta do livro *A Caminho da Luz – História da Civilização à Luz do Espiritismo*, ditado a Chico Xavier pelo Espírito Emmanuel:

Jesus é membro Divino de uma Comunidade de seres angélicos, puros e perfeitos. Ele, apenas, já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos. A primeira verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no tempo e no espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção.

E continuaram os bichos: – Jesus foi o maior revolucionário de todas as épocas, não empunhou outra arma além daquelas que significam amor e tolerância, educação e esclarecimento. Condenou todas as hipocrisias, insurgiu-se contra todas as violências oficializadas, ensinando simultaneamente aos discípulos o amor incondicional à ordem, ao trabalho e à paz construtiva, à não-violência. É por essa razão que os Evangelhos constituem o livro da Humanidade, por excelência. Sua simplicidade e singeleza

transparecem na tradução de todas as línguas da Terra, prendendo a alma dos homens entre as luzes do Céu, ao encanto suave de suas narrativas.

Jesus não quer e nem necessita ser adorado, mas devemos ter um profundo agradecimento e respeito por Ele por nos incentivar, sustentar a caminhada em busca da evolução. Nossos destinos estão indelevelmente marcados pela sua lei de amor. Todos os nossos esforços na direção do progresso estão vinculados a este sentimento: a lei de amor. Assim, realmente, Ele deve representar para nós a figura de um grande Irmão, de um poderoso líder, de um grande Espírito que nos fortalece, encaminha e nos indica sentimentos que ainda não possuímos.

E prosseguindo na pesquisa, descobriram em *Cristianismo e Espiritismo* de Léon Denis, o seguinte trecho:

Qual a verdadeira doutrina do Cristo? Os seus princípios essenciais acham-se claramente enunciados no Evangelho. É a paternidade universal de Deus e a fraternidade dos homens, com as conseqüências morais que daí resultam; é a vida imortal a todos franqueada e que a cada um permite em si próprio realizar “o reino de Deus”, isto é, a perfeição, pelo desprendimento dos bens materiais, pelo perdão das injúrias e o amor ao próximo.

Para Jesus, numa só palavra, toda a religião, toda a filosofia consiste no amor.

O que Jesus quer não é um culto faustoso, não é uma religião sacerdotal, opulenta de cerimônias e práticas que sufocam o pensamento, não; é um culto simples e puro, todo de sentimento, consistindo na relação direta, sem intermediários, da consciência humana com Deus, que é o seu Pai.

Mais adiante, também acharam relevantes as palavras a seguir:

Veio Jesus, espírito poderoso, divino missionário, médium inspirado. Veio, encarnando-se entre os humildes, a fim de dar a todos o exemplo de uma vida simples e, entretanto, cheia de grandeza – a vida de abnegação e sacrifício, que devia deixar na Terra inapagáveis traços.

A grande figura de Jesus ultrapassa todas as concepções do pensamento. Eis por que não pode ela ter sido criada pela imaginação. Nessa alma, de uma serenidade celeste, não se nota mácula nenhuma, nenhuma sombra. Todas as perfeições nela se fundem, com uma harmonia tão perfeita que se nos afigura o ideal realizado.

Sua doutrina, toda luz e amor, dirige-se sobretudo aos humildes e aos pobres, a essas mulheres, a esses homens do povo curvados sobre a terra, a essas Inteligências esmagadas ao peso da matéria e que aguardam, na provação e no sofrimento, a palavra de vida que as deve reanimar e consolar.

E essa palavra lhes é prodigalizada com tão penetrante doçura, exprime uma fé tão comunicativa, que lhes dissipa todas as dúvidas e os arrasta a seguir as pegadas do Cristo.

O que Jesus chamava pregar aos simples “o evangelho do reino dos céus”, era por ao alcance de todos o conhecimento da imortalidade e do Pai comum, do Pai cuja voz se faz ouvir na serenidade da consciência e na paz do coração”.

Para embasar o seu raciocínio acerca do nascimento de Jesus, os bichos registraram o que descobriram, citando do livro de Edgard Armond, *Os Exilados de Capela*:

A respeito do nascimento de Jesus julgamos haver duas alternativas: aceitar a concepção sobrenatural, como consta do Evangelho de Matheus e de Lucas ou admitir o nascimento natural como querem várias correntes espiritualistas e materialistas.

Conquanto os evangelistas citados acima narrem um nascimento sobrenatural, o Evangelho em si mesmo, estudado no conjunto dos seus autores, oferece elementos sérios para se optar pelo nascimento natural.

A primeira das duas versões consta, como dissemos, de Matheus e de Lucas, mas não consta de João e de Marcos (também sinótico) sendo isso deveras estranhável, porque fato de tamanha importância ou significação espiritual, certamente que não ficaria esquecido deles, com um agravante de que Lucas não foi contemporâneo dos acontecimentos, pois viveu vários anos após a morte de Jesus e escreveu, mais que tudo, pelo que ouviu dizer por terceiros.

É verdade que a seu tempo ainda viviam Tiago em Jerusalém e João em Efeso, ótimos informantes, mas deles não recebia coisa diferente daquilo que eles mesmos informaram a outros, verbalmente ou por escrito, isto é: nenhuma referência ao nascimento sobrenatural.

Por outro lado, o erudito padre Jerônimo, encarregado pelo Papa Damaso I, em princípios do século IV, de selecionar e codificar os Evangelhos existentes na época, adotados por várias correntes sectárias diferentes e divergentes em número de 44, ao proceder ao seu importante trabalho, teria todo empenho em prestigiar a versão de Jesus-Deus, membro da Trindade Católica Romana, dando ainda maior ênfase à versão sobrenatural o que, aliás, não o fez.

Se, além de Matheus e de Lucas, outros documentos houvessem, provindos de apóstolos ou discípulos, com referência a esse nascimento sobrenatural, é evidente que tais informações seriam mantidas na codificação denominada Vulgata Latina, que até hoje faz fé em toda a cristandade, mas tal não aconteceu.

Como o nosso objeto não é discutir o assunto, citaremos unicamente o que disse João em sua Primeira Epístola Universal, Capítulo 4º., número 3: “todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio na carne, não é Deus”. Isto parece concludente.

Nas demais epístolas de Pedro e Judas, da mesma forma, nada encontramos que confirme o nascimento sobrenatural.

Pode-se, pois concluir ou, pelo menos, aceitar o nascimento natural, na concordância tácita dos cinco evangelistas: Pedro, João, Tiago, Judas e Marcos.

E os bichos adiantaram: – Jesus era um divino missionário, dotado de poderosas faculdades, um profeta e um médium incomparável. Ele próprio o afirma: “Eu não falei de mim mesmo, mas o Pai que me enviou é o mesmo que me prescreveu o que devo dizer e o que devo falar.” (João 12:49)

Mais uma vez citaram o livro de Léon Denis, *Cristianismo e Espiritismo*, para registrarem o que encontraram sobre a natureza e personalidade de Jesus:

A maior parte das moléstias nervosas provém das perturbações causadas por estranhas influências em nosso organismo fluídico, ou perispírito. A Medicina, que estuda simplesmente o corpo material, não pode descobrir a causa desses males e os remédios a eles aplicáveis. Por isso é quase sempre impotente para os curar. A ação fluídica de certos homens, firmados na vontade, na prece e na assistência dos Espíritos elevados, pode fazer cessarem essas perturbações, restituir ao invólucro fluídico dos doentes as suas vibrações normais e forçar a se retirarem os maus Espíritos. Era o que Jesus obtinha facilmente, como obtiveram, depois dele, os apóstolos e os santos.

Os conhecimentos difundidos entre os homens pelo moderno Espiritualismo, permitem melhor compreender e definir a alta personalidade do Cristo.

A todas as raças humanas, em todos as épocas da História, enviou Deus missionários, Espíritos superiores, chegados, por seus esforços e merecimentos, ao mais alto grau da hierarquia espiritual. Podem acompanhar-se através dos tempos, os sulcos dos seus passos. Suas frentes dominam, sobranceiras, a multidão dos humanos que eles tem o encargo de dirigir para as altitudes intelectuais.

Jesus é um desses divinos missionários e é de todos o maior. Destituído da falsa auréola da divindade,

mais imponente nos parece ele. Seus sofrimentos, seus desfalecimentos, sua resignação, deixam-nos quase insensíveis, se oriundos de um Deus, mas tocam-nos, comovem-nos profundamente em um irmão. Jesus é, de todos os filhos dos homens, o mais digno de admiração. É extraordinário no sermão da montanha, em meio à turba dos humildes. É maior ainda no Calvário, quando da cruz se estende sobre o mundo, na tarde do suplício. Nele vemos o homem que ascendeu à eminência final da evolução, e neste sentido é que se lhe pode chamar de deus, assim conciliando os apologistas da sua divindade com os que o negam. A humanidade e a divindade do Cristo representam os extremos de sua individualidade, como o são para todo ser humano. Ao termo de nossa evolução, cada qual se tornará um “Cristo”, será um com o Pai e terá alcançado a condição divina.

A passagem de Jesus pela Terra seus ensinamentos e exemplos, deixaram traços indeléveis. Sua influência se estenderá pelos séculos vindouros. Ainda hoje, ele preside aos destinos do globo em que viveu, amou, sofreu. Governador espiritual deste planeta, veio, com seu sacrifício, encarreirá-lo para a senda do bem, e é sob a sua direção oculta e com o seu apoio que se opera essa nova revelação que, sob o nome de moderno espiritualismo, vem restabelecer sua doutrina, restituir aos homens o sentimento dos próprios deveres, o conhecimento de sua natureza e dos seus destinos.

Por tudo isso e muito mais – continuaram os bichos – permitam-nos afirmar que vocês humanos estão na contramão e deixam de conhecer as verdades divinas, por incapacidade ou porque somente se preocupam em atender interesses próprios. Muitas das vezes, por serem incapazes de compreender os grandes homens, os homens pequenos procuram negá-los, exclamou o tigre.

Continuando, anotaram o que vai a seguir sobre Jesus, extraído do livro *A Personalidade de Jesus*, de Leopoldo Cirne:

Dissemos que a origem do altos poderes de que se achava investido Jesus provinha de sua elevada hierarquia espiritual, na qualidade de protetor e diretor do nosso planeta e de sua humanidade, a cujos destinos preside desde a sua formação, desempenhando assim, em relação à Terra, uma missão idêntica à que outros Espíritos, como ele puros e perfeitos, desempenham em relação aos outros mundos do Universo.

Sabemos com efeito – e a razão o sanciona – que, à medida que o Espírito progride, elevando-se na hierarquia espiritual, as missões de que é investido aumentam de importância, acompanhando o desenvolvimento de suas faculdades, de sorte que, de simples guia individual, que era no começo de sua carreira autônoma espiritual, passa ele sucessivamente a guiar as famílias, as cidades os povos, assumindo por fim a direção de um mundo, sempre em relação com o grau do seu adiantamento, desta sorte associando Deus as suas criaturas ao governo da sua criação, e fixando-lhes assim sublimes e grandiosos destinos, que nem sequer pode sonhar a nossa mesquinha inteligência.

Jesus, pois, é um desses Espíritos diretores e protetores de mundos, e a missão de dirigir a nossa Terra, com o concurso de outros Espíritos subordinados em pureza à sua por excelência, lhe foi outorgada, como um prêmio à sua perfeição imaculada, em épocas que se perdem na eternidade do passado. Alma “de uma serenidade celeste, em que não se nota a menor mácula” no inspirado dizer de Léon Denis, sempre em comunhão de amor e pensamento com o Pai, ele próprio nos dá testemunho de sua missão em relação à Terra, quando, interrogado por Pilatos no Pretório (João, cap. XVIII, v.37): “Logo tu és rei?” lhe respondeu: “Tu o dizes”. E quanto à anterioridade dessa missão, ela ressalta, para os que tem olhos de ver e ouvidos de ouvir, da invocação que dirigiu a Deus, nos momentos que precederam à sua entrega aos quadrilheiros (João, cap.XVII, v.5): “Tu, pois, agora, Pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que eu tive em ti antes que houvesse mundo.”

Jesus e a Trindade

Sobre a Trindade, disseram os bichos:
- Essa trindade é outro absurdo, vejam o que pesquisamos e extraímos do livro *O Consolador*, ditado pelo Espírito Emmanuel e psicografado por Chico Xavier.

Perguntando ao iluminado Espírito Emmanuel como deveria ser considerada, no Espiritismo, a chamada “Santíssima Trindade” da teologia católica, este respondeu:

Os textos primitivos da organização cristã não falam da concepção da Igreja Romana, quanto à chamada “Santíssima Trindade”. Devemos esclarecer, ainda, que o ponto de vista católico provém de sutilezas teológicas sem base séria nos ensinamentos de Jesus. Por largos anos, antes da Boa Nova, o bramanismo guardava a concepção de Deus, dividido em três princípios essenciais, que os seus sacerdotes denominavam Brama, Vishnu e Çiva.

Contudo, a Teologia, que se organizava sobre os antigos princípios do politeísmo romano, necessitava apresentar um complexo de enunciados religiosos, de modo a confundir os Espíritos mais simples, mesmo porque sabemos que se a Igreja foi, a princípio, depositária das tradições cristãs, não tardou muito que o sacerdócio

eliminasse as mais belas expressões do profetismo, inumando o Evangelho sob um acervo de convenções religiosas e roubando às revelações primitivas a sua feição de simplicidade e de amor.

Para esse desiderato, as forças que vinham disputar o domínio do Estado, em face da invasão dos povos considerados bárbaros, se apressaram, no poder, em transformar os ensinamentos de Jesus em instrumento da política administrativa, adulterando os princípios evangélicos nos seus textos primitivos, assimilando velhas doutrinas como as da Índia legendária e organizando novidades teológicas, com as quais o Catolicismo se reduziu a uma força respeitável, mas puramente humana, distante do Reino de Jesus, que na afirmação do Mestre, simples e profunda, não tem ainda fundamentos divinos na face da Terra.

- Vejam mais - disseram os bichos, com base no livro *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*, Bart D. Ehrman:

Havia, contudo, uma passagem-chave das Escrituras que os manuscritos-fonte de Erasmo não continham: tratava-se do relato de 1 João 5,7-8, que os pesquisadores chamaram de o parêntese joanino, encontrado nos manuscritos da Vulgata latina, mas não na vasta maioria dos manuscritos gregos, uma passagem que foi, por muito tempo, a predileta entre os teólogos cristãos, dado que é a única passagem na Bíblia inteira que delineia explicitamente a doutrina da Trindade, segundo a qual há três pessoas na divindade, com todas as três constituindo um só Deus. Na Vulgata, a passagem é lida assim: há três que conduzem o testemunho nos céus; o Pai, o Verbo e o Espírito e esses três são um; e há três que conduzem o testemunho na terra, o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um.

Trata-se de uma passagem misteriosa, mas inequívoca em seu apoio aos ensinamentos tradicionais da igreja

sobre o “Deus trino que é um”. Sem esse versículos, a doutrina da Trindade deve ser inferida de uma série de passagens combinadas para mostrar que Cristo é Deus, assim como o Espírito e o Pai, e que há, não obstante, um só Deus. Essa passagem, por seu turno, afirma a doutrina direta e sucintamente.

Mas Erasmo não a achou em seus manuscritos gregos, nos quais simplesmente se lê: “Pois há três que dão testemunho: O Espírito, a água e o sangue, e esses três são um”. Para onde foram “o Pai, o Verbo e o Espírito”? Eles não figuravam no manuscrito primário de Erasmo, nem em nenhum dos demais que ele consultou. Por isso, naturalmente, ele os deixou de fora de sua primeira edição do texto grego.

Foi isso, mais do que qualquer outra coisa, que tirou do sério os teólogos de seu tempo, que acusaram Erasmo de adulterar o texto, numa tentativa de eliminar a doutrina da Trindade e de desvalorizar o seu corolário, a doutrina da divindade plena de Cristo. Particularmente, Stunica, um dos editores-chefes da Poliglota Computense, veio a público desacreditar Erasmo e insistir em que, em edições futuras, ele restituísse o versículo ao seu lugar correto.

Com o desenrolar dos fatos, Erasmo – provavelmente em um momento de descuido – concordou em inserir o versículo em uma futura edição de seu Novo Testamento grego, sob uma condição: que seus adversários produzissem um manuscrito grego no qual o verso pudesse ser encontrado (achá-lo nos manuscritos latinos não era o bastante). Dessa forma, produziu-se um manuscrito grego. Na realidade, ele foi produzido nessa ocasião. Parece que alguém copiou o texto grego das epístolas e, quando chegou à passagem em questão, traduziu o texto latino para o grego, dando o parêntese joanino em sua forma teologicamente aproveitável, familiar. O manuscrito providenciado para Erasmo era, em outras palavras, uma produção do século XVI, feita sob encomenda.

Não obstante suas apreensões, Erasmo manteve a palavra e incluiu o parêntese Joanino na próxima e em todas as edições de seu Novo Testamento grego a partir de

então. Tais edições, como já ressaltai, tornaram-se a base para as edições do Novo Testamento grego que eram, à época, reproduzidas de tempos em tempos segundo as preferências de Stephanus, Beza e dos Elzevirs. Essas edições estabeleceram a forma do texto que os tradutores da Bíblia King James por fim usaram. E passagens tão familiares aos leitores da Bíblia – da King James, de 1622 em diante, até as modernas edições do século XX – incluem a mulher flagrada em adultério, os últimos doze versículos de Marcos e o parêntese joanino, mesmo que nenhuma delas possa ser encontrada nos manuscritos superiores e mais antigos do novo Testamento grego. Elas entraram na corrente da consciência dos leitores da Bíblia por mero acaso da história, por causa dos manuscritos a que Erasmo por acaso teve acesso e em um que foi feito sob encomenda para ele.

As várias edições gregas dos séculos XVI e XVII eram tão semelhantes que, por fim os impressores começaram a afirmar que elas eram o texto universalmente aceito por todos os pesquisadores e leitores do Novo Testamento grego – e realmente eram, dado que não havia discordância! A mais citada constatação encontra-se em uma edição produzida em 1633 por Abraão e Boaventura Elzevir (que eram tio e sobrinho), na qual eles dizem a seus leitores, em termos que desde então se tornaram célebres entre os pesquisadores, que “você agora têm o texto que é aceito por todos, no qual nada alteramos nem corrompemos”. O fraseado desta afirmação, especialmente as palavras “vocês agora têm o texto que aceito por todos”, gerou a expressão comum *Textus Receptus*, (abreviadamente TR), usada pela crítica textual para se referir à forma do texto grego baseada, não nos manuscritos mais antigos e melhores, mas na forma do texto originalmente publicado por Erasmo e difundido pelos impressores durante mais de 300 anos, enquanto os pesquisadores do texto bíblico não começassem a insistir em que o Novo Testamento grego devia ser estabelecido a partir dos princípios científicos baseados em nossos mais antigos e melhores manuscritos, não simplesmente reimpressos segundo o costume. Foi a

forma textual inferior *Textus Receptus* que se tornou a base das traduções inglesas mais antigas, incluindo a Bíblia King James e outras edições até quase o final do século XIX.

E do livro *A Personalidade de Jesus*, de Leopoldo Cirne, extraíram outras novidades sobre o assunto:

Essa doutrina, simples e grande ao mesmo tempo, devia elevar o espírito humano a alturas admiráveis, até o Foco divino, cuja irradiação todo homem pode sentir dentro em si mesmo. Como foi essa ideia simples e pura, que podia regenerar o mundo, transformada ao ponto de se tornar irreconhecível?

É o resultado das paixões e dos interesses materiais que entraram em jogo no mundo cristão depois da morte de Jesus?

A noção de Trindade, colhida numa lenda hindu que era a expressão de um símbolo, veio obscurecer e desnaturar essa alta ideia de Deus. A inteligência humana podia elevar-se a essa concepção do Ser eterno, que abrange o Universo e dá a vida a todas as criaturas: não pode a si mesma explicar como tres pessoas se unem para constituir um só Deus. A questão da consubstancialidade em nada elucida o problema. Em vão nos advertiriam que o homem não pode conhecer a natureza de Deus. Neste caso, não se trata dos atributos divinos mas da lei dos números e medidas, lei que tudo regula no Universo, mesmo as relações que ligam a razão humana à razão suprema das coisas.

Essa concepção trinitária, tão obscura, tão incompreensível, oferecia, entretanto, grande vantagem às pretensões da Igreja. Permitia-lhe fazer de Jesus-Cristo um Deus. Conferia ao poderoso Espírito, a que ela chama seu fundador, um prestígio, uma autoridade, cujo esplendor sobre ela recaía e assegurava o seu poder. Nisso está o segredo da sua adoção pelo concílio de Niceia. As discussões e perturbações que suscitou essa questão,

agitaram os espíritos durante tres séculos e só vieram a cessar com a proscricção dos bispos arianos, ordenada pelo imperador Constâncio, e o banimento do papa Líbero que recusava sancionar a decisão do Concílio.

A divindade de Jesus, rejeitada por tres concílios, o mais importante dos quais foi o de Antioquia (269), foi, em 325, proclamada pelo de Niceia, nestes termos: "A Igreja de Deus, católica e apostólica, anatematiza os que dizem que houve um tempo em que o Filho não existia, ou que não existia antes de haver sido gerado.

[...]

Assim, longe de externar a ideia sacrífica de que era Deus, em todas as circunstâncias Jesus fala do Ser infinito como a criatura deve falar do Criador, ou ainda como um subordinado fala do seu senhor.

Nem mesmo sua mãe acreditava na sua divindade, e todavia quem mais autorizado que ela a admití-la? Não recebera a visita do anjo que lhe anunciava a vinda do Menino, abençoado pelo Altíssimo e por sua graça concebido? Por que tenta, pois, embarçar-lhe a obra, imaginando que ele perdera o juízo? Há aí contradição patente.

Os apóstolos, por sua vez, não viam em Jesus senão um missionário, um enviado do Céu, um Espírito, sem dúvida superior por suas luzes e virtudes, mas humano. Sua atitude para com ele, sua linguagem, o provam claramente.

Se o tivessem considerado um Deus, não se teriam prosternado diante dele, não seria genuflexos que lhe teriam falado? – ao passo que a sua deferência e respeito não ultrapassavam o devido a um mestre, a um homem eminente. É, ao demais, esse título de mestre (em hebreu rabi) que lhe dispensavam habitualmente. Os Evangelhos dão testemunho disso: Quando lhe chamam Cristo, não vêem nesse qualificativo senão o sinônimo de enviado de Deus.

Se os primeiros cristão tivessem acreditado na divindade de Jesus, se dele houvesse feito um deus, sua religião ter-se-ia provavelmente submergido na multidão das

que o Império Romano admitia, cada qual exaltando divindades particulares. Os arroubos de entusiasmo dos apóstolos, a indomável energia dos mártires, tinham sua origem na ressurreição do Cristo. Considerando-o um homem semelhante a eles, viam nessa ressurreição a prova manifesto da sua própria imortalidade. São Paulo confirma com absoluta clareza essa opinião, quando diz: “Pois se não há ressurreição de mortos, nem Cristo ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, é logo vã a nossa pregação, é também vã a nossa fé. E somos assim mesmo convencidos por falsos testemunhos de Deus, dizendo que ressuscitou a Cristo, ao qual não ressuscitou, se os mortos não ressuscitam.

[...]

Assim, para os discípulos de Jesus, como para todos os que atentamente, e sem paixão, estudam o problema dessa existência admirável, o Cristo, segundo a expressão que a si próprio aplica, não é mais que o “profeta” de Deus, isto é, um intérprete, um porta-voz de Deus, um Espírito dotado de faculdades especiais, de poderes excepcionais, mas não superiores à natureza humana. Sua clarividência, suas inspirações, o dom de curar que possuía em tão elevado grau, encontram-se em épocas diversas e em diferentes graus, em outros homens.

Pode-se comparar a existência dessas faculdades nos médiuns de nossos dias, não agrupadas, reunidas como a do Cristo, mas dispersas, distribuídas por grande número de indivíduos. As curas de Jesus não são milagres, mas a aplicação de um poder fluídico e magnético, que novamente se encontra mais ou menos desenvolvido, em certos curadores da nossa época. Essas faculdades estão sujeitas a variações, a intermitências que no próprio Cristo se observam, como a provam os versículos do Evangelho de Marcos (VI, 4, 5): “Mas Jesus lhes dizia: Um profeta só deixa de ser honrado em sua pátria, em sua casa e entre seus parentes. E não podia ali fazer milagre algum.”

Todos os que têm de perto observado os fenômenos do Espiritismo, do magnetismo e da sugestão, e remontado

dos efeitos à causa que os produz, sabem que existe uma grande analogia entre as curas operadas pelo Cristo e as obtidas pelos que exercem modernamente essas funções. Como ele, mas com menos força e êxito, os curadores espíritas tratam dos casos de obsessão e possessão, e com o auxílio de passes, tocando os indivíduo pela imposição das mãos, libertam os doentes dos males produzidos pela influência dos Espíritos impuros, daqueles que a Escritura designa sob o nome de demônios: “À tarde, porém, apresentaram-lhe muitos endemoninhados, dos quais ele expelia os maus espíritos com a sua palavra; e curou todos os enfermos.” (Mateus, VII, 16).

Por Que Mataram Jesus?

Os bichos se perguntaram: – Por que mataram Jesus?
A seguir o que descobriam sobre este assunto:

Diz o Evangelho segundo S. João 11, 45-57.

Então, muitos dos judeus que tinham vindo a casa de Maria, ao verem o que Jesus fez, creram nele. Alguns deles, porém, foram ter com os fariseus e contaram-lhes o que Jesus tinha feito. Os sumos sacerdotes e os fariseus convocaram então o Conselho e diziam: «Que havemos nós de fazer, dado que este homem realiza muitos sinais miraculosos? Se o deixarmos assim, todos irão crer nele e virão os romanos e destruirão o nosso lugar santo e a nossa nação.» Mas um deles, Caifás, que era Sumo Sacerdote naquele ano, disse-lhes: «Vós não entendeis nada, nem vos dais conta de que vos convém que morra um só homem pelo povo, e não pereça a nação inteira.» Ora ele não disse isto por si mesmo; mas, como era Sumo Sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus devia morrer pela nação. E não só pela nação, mas também para congregar na unidade os filhos de Deus que estavam dispersos. Assim, a partir desse dia, resolveram dar-lhe a morte. Por isso, Jesus já não andava em público, mas retirou-se dali para uma região vizinha do deserto, para uma cidade chamada Efraim e lá ficou com os discípulos. Estava

próxima a Páscoa dos judeus e muita gente do país subiu a Jerusalém antes da Páscoa para se purificar. Procuravam então Jesus e perguntavam uns aos outros no templo: «Que vos parece? Ele virá à Festa?» Entretanto, os sumos sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem de que, se alguém soubesse onde Ele estava, o indicasse para o prenderem.

E de acordo com o Evangelho, segundo Lucas 19:45-48:

Depois, entrando no templo, começou a expulsar os vendedores. E dizia-lhes: «Está escrito: A minha casa será casa de oração; mas vós fizestes dela um covil de ladrões.» Ensinava todos os dias no templo, e os sumos sacerdotes e os doutores da Lei, assim como os chefes do povo, procuravam matá-lo. Não sabiam, porém, como proceder, pois todo o povo, ao ouvi-lo, ficava suspenso dos seus lábios.” E segundo Marcos 3:1-6. “Novamente entrou na sinagoga. E estava lá um homem que tinha uma das mãos paralisada. Ora eles observavam-no, para ver se iria curá-lo ao sábado, a fim de o poderem acusar. Jesus disse ao homem da mão paralisada: «Levanta-te e vem para o meio.» E a eles perguntou: «É permitido ao sábado fazer bem ou fazer mal, salvar uma vida ou matá-la?» Eles ficaram calados. Então, olhando-os com indignação e magoado com a dureza dos seus corações, disse ao homem: «Estende a mão.» Estendeu-a, e a mão ficou curada. Assim que saíram, os fariseus reuniram-se com os partidários de Herodes para deliberar como haviam de matar Jesus.

Mas - se questionaram os bichos - dizem que ele morreu na cruz para vos salvar, pagar vossos pecados!...

Então, o leopardo falou: - A verdade é que Ele não veio salvar ninguém, mas sim ensinar o caminho da salvação. Foi morto por contrariar interesses, conforme consta dos evangelhos. Muitos são os motivos de sua condenação pelos sacerdotes judeus, vejam vocês!

Jesus nunca foi aquele sujeito submisso, subserviente e “coitadinho” que certas áreas do cristianismo procuram

divulgar. Ao contrário, Ele sabia da Sua Missão e não media esforços para realizá-la.

Jesus foi um profeta e, como todos eles, desmascarou as hipocrisias e a falta de fé dos homens de sua época. Praticou o que acreditava e pregava; rompeu com tradições e costumes de sua época; desafiou os poderosos e trouxe novos ensinamentos.

Tudo que Jesus fez chocou e escandalizou os maiores, naqueles dias. Incomodou quando expulsou os vendedores do templo. Contrariou quando conversou com os pecadores e menos favorecidos; quando se alimentou e conviveu com os pagãos, considerados impuros. Foi assim quando se aproximou das mulheres samaritanas, um tabu à época, e quando curou judeus e pagãos.

Foi mais longe quando chamou os fariseus – poderosa facção político-religiosa – de hipócritas e aproveitadores. E mais escândalo Ele causou quando se propôs a perdoar as pessoas dos pecados que elas cometiam. Ele as curava e em seguida perdoava os seus pecados. A sua união com Deus permitia-Lhe isto, mas sempre dizia, após a cura, “vá e não peques mais” e as pessoas passavam a ter vida nova. Os poderosos falavam: “Ele é um impostor, pois só Deus pode perdoar.” Jesus retrucava: “Eu estou em Deus e Deus está em mim.”

Os doutores da Lei, os sacerdotes, os anciãos e os fariseus, incomodados e atingidos em cheio em seu orgulho e interesses, não sabiam mais o que fazer, aliás, sabiam, tinham que eliminá-lo, tratava-se de um simples judeu, filho de carpinteiro, sem eira e nem beira. No entanto, reconheciam, possuía poderes que eles não possuíam e com isso estava ficando muito popular. Jesus demonstrava na prática o quanto eles estavam distantes de Deus. O orgulho da classe sacerdotal estava destruído. Ele, em comunhão com Deus e agindo segundo Sua missão, trazia muitas novidades e novas mensagens. O poder dos

sacerdotes e a ordem injusta dos poderosos estavam em risco. Diante de tal risco e da incapacidade de aceitarem o Caminho, decidiram se livrar desse “falso Messias”.

Um fator a mais contribuiu para que estes poderosos quisessem eliminar o Mestre: o medo. O povo da Judéia estava à espera de um líder belicoso, que o conduzisse em uma guerra de libertação da dominação romana, através da força bruta como acontecia naquela época. Depois que Jesus “declarou” ser o Messias, aí foi que eles entraram em polvorosa, o receio de que Ele se propusesse ser este líder aumentou. Não entendiam e nem alcançaram que as Suas palavras, ensinamentos e exemplos fossem mais poderosos do que todo armamento do mundo. Ao matá-Lo seus opositores acreditavam estar impedindo que seu povo entrasse em guerra e fosse massacrado, como aconteceu algumas décadas após a Sua crucificação.

Quando alguém traz ao mundo verdades tão profundas, universais e atemporais, este alguém incomoda. Desperta, naqueles que lhe opõem, medo, insegurança, inveja, raiva e rancor. Eles não queriam seguir o caminho do Bem, pois seguir este caminho significava abrir mão de benesses, orgulho, ganância, poder. Significava transformar a própria consciência, o que se faz somente com dedicação, renúncia, esforço e humildade.

Daí então os poderosos da época resolveram matá-Lo. Eliminá-Lo seria a única e confortável solução. Mal sabiam que Sua morte e posterior “aparição” seriam os Seus últimos ensinamentos na Terra: “a alma sobrevive à morte, o mundo espiritual é uma realidade.”

A vida de Jesus foi uma vida de atitudes, uma vida de exemplos. Restava completa a sua mensagem: sua vida e morte, sua aparição já em espírito – a “ressurreição” – e a realização da promessa do Consolador, a Doutrina Espírita atuante, mas ainda compreendida insuficientemente nos dias de hoje.

O Espiritismo e a Mulher

Em suas andanças e pesquisas, os animais irracionais encontraram muita coisa de arrepiar, desrespeitosa, no entender deles, sobre a mulher. Mas ficaram deveras confusos e indignados quando verificaram que também na Bíblia, um livro considerado sagrado e de inspiração Divina, ela é desrespeitada e violentada no seu sagrado direito de ser, pensar e agir.

Felizmente – disseram eles – encontramos a Doutrina Espírita, na qual verificamos estar registrado um tratamento dado à mulher digno e de acordo com a vontade do Criador: respeito, consideração e amor a essa criatura Divina e abençoada.

Não obstante tenham verificado também, na própria Bíblia, que no tempo de Jesus a mulher era discriminada, perceberam, porém, que Ele a tratou como o maior dos seres divinos. Foi Ele quem restituiu à mulher a dignidade humana que lhe fora tirada, e o direito de ter exigências espirituais. A partir d’Ele, o lugar da mulher não se limitou mais ao lar doméstico. Por isso, no grupo dos seus seguidores mais íntimos vemos muitas mulheres, princi-

palmente galiléias. Os Evangelhos transmitiram o nome de algumas delas: Maria Madalena, que Jesus curara de “sete demônios”; Salomé, mãe de João e Tiago; Maria de Cléopas, prima ou irmã da mãe de Jesus; Suzana e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes Antipas. As mais ricas sustentavam a pequena comunidade com seus bens, mas Jesus não queria que o papel delas se restringisse apenas a isso.

O Evangelho segundo Lucas 8:1-3 diz:

Em seguida, Jesus ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, proclamando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Acompanhavam-no os Doze e algumas mulheres, que tinham sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes; Susana e muitas outras, que os serviam com os seus bens.

E registraram a seguir a maneira e a forma como o Espiritismo trata a mulher, na sociedade, no lar, enfim, em perfeita sintonia com a vontade de Deus:

Em O Livro dos Espíritos, cujas respostas foram dadas pelos Espíritos Superiores a Kardec, destacaram:

201. Em nova existência, pode o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa?

“Decerto; são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres.”

202. Quando errante, que prefere o Espírito: encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher?

“Isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar.”

Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres,

porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens.

(...)

817. São iguais perante Deus o homem e a mulher e têm os mesmos direitos?

“Não outorgou Deus a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?”

818. Donde provém a inferioridade moral da mulher em certos países?

“Do predomínio injusto e cruel que sobre ela assumiu o homem. É resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre homens moralmente pouco adiantados, a força faz o direito.”

819. Com que fim mais fraca fisicamente do que o homem é a mulher?

“Para lhe determinar funções especiais. Ao homem, por ser o mais forte, os trabalhos rudes; à mulher, os trabalhos leves; a ambos o dever de se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor.”

820. A fraqueza física da mulher não a coloca naturalmente sob a dependência do homem?

“Deus a uns deu a força, para protegerem o fraco e não para o escravizarem.”

Deus apropriou a organização de cada ser às funções que lhe cumpre desempenhar. Tendo dado à mulher menor força física, deu-lhe ao mesmo tempo maior sensibilidade, em relação com a delicadeza das funções maternas e com a fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados.

821. As funções a que a mulher é destinada pela Natureza terão importância tão grande quanto as deferidas ao homem?

“Sim, maior até. É ela quem lhe dá as primeiras noções da vida.”

822. Sendo iguais perante a lei de Deus, devem os homens ser iguais também perante as leis humanas?

“O primeiro princípio de justiça é este: Não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem.”

a) –Assim sendo, uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher?

“Dos direitos, sim, das funções, não. Preciso é que cada um esteja no lugar que lhe compete. Ocupe-se do exterior o homem e do interior a mulher, cada um de acordo com a sua aptidão. A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização. Sua escravização marcha de par com a barbaria. Os sexos, além disso, só existem na organização física. Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles. Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos.”

A Filosofia Espírita vos deixa bem claro que a condição de se ser mulher não indica que o homem deve subjugá-la, quer física ou moralmente, já que ambos possuem os mesmos direitos, apenas são diferentes as suas funções, que estão intimamente relacionadas à natureza da organização física de cada um.

Depoimento Dos Que Já “Morreram”

Os bichos fizeram questão de citar dois depoimentos de humanos que “morreram” e voltaram, em espírito, com a permissão e por ordens superiores, objetivando o engrandecimento espiritual da humanidade, para dar o testemunho de como é a vida após a morte física. Frisaram que os relatos daqueles que se foram e voltaram para dar o seu recado foram muitos e constam comprovadamente dos anais da história, mas registraram apenas estes dois, por questões práticas.

- No livro *Voltei*, ditado pelo Irmão Jacob – um espírita praticante – ao médium Francisco Cândido Xavier, elegeram o prefácio que é do próprio Jacob, pois ele havia prometido aos seus companheiros que, se permitido fosse, voltaria para dar o seu testemunho após o seu sepulcro. Ei-lo:

Enquanto no corpo, não formulamos a ideia exata do que seja a realidade, além da morte. Ainda mesmo quando o Espiritismo nos ajuda a pensar seriamente no assunto, debalde tentaremos calcular relativamente ao futuro, depois do sepulcro.

Os quadros sublimes ou terríveis no plano externo correspondem, de alguma sorte, à nossa expectativa; con-

tudo, os fenômenos morais, dentro de nós, são sempre fortes e inesperados.

Antes da passagem, tudo me parecia infinitamente simples!

Não passaria a morte de mera libertação do Espírito e mais nada. Seguiria nossa alma para esferas de julgamento, de onde voltaria a reencarnar, caso não se transferisse aos Mundos Felizes.

Compreendo hoje que aceitar esta fórmula seria o mesmo que menoscar a existência humana, declarando-se que o homem apenas renascerá na Terra, respirará entre as criaturas e, em seguida, se libertará do corpo de baixa condensação fluídica. Quantos conflitos, porém, entre o aparecimento e a desagregação do veículo carnal? Quantas lições entre a infância e o declínio das forças físicas?

Reconheço, presentemente, que as dificuldades não são menores para a alma liberta dos mais pesados impedimentos do plano material. Entre o ato de perder a carcaça de ossos e a iniciativa de reencarnação ou de elevação, temos o tempo, e o conteúdo desse tempo reside em nós mesmos. Quantos óbices a vencer, quantos enigmas a solucionar?

Acreditei que o fim das limitações corporais trouxesse inalterável paz ao coração, mas não é bem assim.

No fundo, em nossas organizações religiosas, somos uma espécie de combatentes prontos a batalhar a distância de nossa moradia e, quando nos julgamos de posse da vitória final, tornamos ao círculo doméstico para enfrentar, individualmente, a mesma guerra, dentro de casa. Vestimos a roupa da carne, a fim de lutar e aprender e, se muitas vezes sorvemos o desencanto da derrota, em muitas ocasiões nos sentimos triunfadores. Somos, então, filhos da turba distraída, companheiros de mil companheiros, cooperadores de mil cooperadores.

Chega, no entanto, o momento em que a morte nos reconduz à intimidade do lar interior. E se não houve de nossa parte a preocupação de construir, aí dentro, um santuário para as determinações divinas, quantos dias gastamos na limpeza, no reajustamento e na iluminação?

Oh! Meus amigos do Espiritismo, que amamos tanto!
É para vocês – membros da grande família que tanto desejei servir – que grafei estas páginas, sem a presunção de convencer! Não se acreditem quitados com a Lei, por haverem atendido a pequeninos deveres de solidariedade humana, nem se suponham habilitados ao paraíso, por receberem a manifesta proteção de um amigo espiritual! Ajudem a si mesmos, no desempenho das obrigações evangélicas! Espiritismo não é somente a graça recebida, é também a necessidade de nos espiritualizarmos para as esferas superiores.

Falo-lhes hoje com experiência mais dilatada.

Depois de muitos anos, nas lides da Doutrina, estou recompondo a aprendizagem, a fim de não ser o companheiro inadequado ou o servo inútil. Guardem a certeza de que o Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo não é apenas um conjunto brilhante de ensinamentos sublimes para ser comentado em nossas doutrinações – é Código de Sabedoria Celestial, cujos dispositivos não podemos confundir.

Agradeço, sensibilizado, a colaboração de Emmanuel e de André Luiz, nos registros humildes de meu refazimento espiritual, nestas páginas que endereço aos irmãos de ideal e serviço.

E pedindo a Jesus nos fortaleça a todos, no trabalho a que fomos conduzido, de modo a estendermos, além de nós, as bênçãos que nos felicitam, rogo também ajuda para mim mesmo, a fim de que a Luz Divina me esclareça e auxilie, dentro do novo caminho de trabalho e elevação, porque, se a experiência carnal amadurece e passa, a vida prossegue e a luta continua”.

- No livro *Nosso Lar*, ditado pelo Espírito André Luiz e psicografado por Francisco Cândido Xavier, os bichos destacaram a seguir trechos do seu depoimento na condição de espírito desencarnado. André Luiz é o pseudônimo de um médico sanitaria que viveu no Rio

de Janeiro nos idos de 1940; seus relatos são de grande valia à reflexão. Além deste livro, ele ditou para Francisco Cândido Xavier mais 15 outros livros cuja leitura os bichos recomendam. *Nosso Lar* foi adaptado ao cinema em setembro de 2010.

Eis o depoimento:

Eu guardava a impressão de haver perdido a ideia de tempo. A noção de espaço esvaía-se-me de há muito. Estava convicto de não mais pertencer ao número dos encarnados no mundo e, no entanto, meus pulmões respiravam a longos haustos.

Desde quando me tornara joguete de forças irresistíveis? Impossível esclarecer. Sentia-me, na verdade, amargurado duende nas grades escuras do horror.

Cabelos eriçados, coração aos saltos, medo terrível senhoreando-me, muitas vezes gritei como louco, implorei piedade e clamei contra o doloroso desânimo que me subjugava o espírito – mas, quando o silêncio implacável não me absorvia a voz estentórica, lamentos mais comovedores que os meus respondiam-me aos clamores. Outras vezes gargalhadas sinistras rasgavam a quietude ambiente. Algum companheiro desconhecido estaria, a meu ver, prisioneiro da loucura. Formas diabólicas, rostos alvares, expressões animais surgiam, de quando em quando, agravando-me o assombro. A paisagem, quando não totalmente escura, parecia banhada de luz alvacentas, como que amortalhada em neblina espessa, que os raios de Sol aquecessem de muito longe.

E a estranha viagem prosseguia. (...) Com que fim? Quem o poderia dizer? Apenas sabia que fugia sempre. O medo me impelia de roldão. Onde o lar, a esposa, os filhos?

Perdera toda a noção de rumo. O receio do ignoto e o pavor da treva absorviam-me todas as faculdades de raciocínio, logo que me desprendera dos últimos laços físicos, em pleno sepulcro! Atormentava-me a consciência: preferiria a ausência total da razão, o não-ser.

De início, as lágrimas lavavam-me incessantemente o rosto e apenas, em minutos raros, felicitava-me a bênção do sono. Interrompia-se, porém, bruscamente, a sensação de alívio. Seres monstruosos acordavam-me, irônicos – era imprescindível fugir deles.

Reconhecia, agora, a esfera diferente a erguer-se da poalha do mundo e, todavia, era tarde. (...) Verificava que alguma coisa permanece acima de toda cogitação meramente intelectual. Esse algo é a fé, manifestação divina ao homem. Semelhante análise surgia, contudo, tardiamente.

De fato, conhecia as letras do Velho Testamento e muitas vezes folheara o Evangelho. Entretanto, era forçoso reconhecer que nunca procurara as letras sagradas com a luz do coração. (...)

Em verdade, não fora um criminoso, no meu próprio conceito. A filosofia do imediatismo, porém, absorvera-me. A existência terrestre, que a morte transformara, não fora assinalada de lances diferentes da craveira comum.

Filho de pais talvez excessivamente generosos, conquistara meus títulos universitários sem maior sacrifício, compartilhara os vícios da mocidade do meu tempo, organizara o lar, conseguira filhos, perseguiu situações estáveis que garantissem a tranqüilidade econômica do meu grupo familiar, mas, examinando atentamente a mim mesmo, algo me fazia experimentar a noção de tempo perdido, com a silenciosa acusação da consciência. Habitara a Terra, gozara-lhe os bens, colhera as bênçãos da vida, mas não lhe retribuía ceitil do débito enorme. Tivera pais, cuja generosidade e sacrifícios por mim nunca avaliei – esposa e filhos que prendera, ferozmente, nas teias rijas do egoísmo destruidor. Possuía um lar que fechei a todos os que palmilhavam o deserto da angústia. Deliciara-me com os júbilos da família, esquecido de estender essa bênção divina à imensa família humana, surdo a comezinhos deveres de fraternidade.

[...]

Oh! Amigos da Terra! Quantos de vós podereis evitar o caminho da amargura com o preparo dos campos

interiores do coração? Acendei vossas luzes antes de atravessar a grande sombra. Buscai a verdade, antes que a verdade vos surpreenda. Suai agora para não chorardes depois.

“Suicida! Suicida! Criminoso! Infame!” gritos assim, cercavam-me de todos os lados. Onde os sicários de coração empedernido? Por vezes, enxergava-os de relance, escorregadios na treva espessa e, quando meu desespero atingia o auge, atacava-os, mobilizando extremas energias. Em vão, porém, esmurrava o ar nos paroxismos da cólera. Gargalhadas sarcásticas feriam-me os ouvidos, enquanto os vultos negros desapareciam na sombra.

Para quem apelar? Torturava-me a fome, a sede me escaldava. Comezinhos fenômenos da experiência material patenteavam-se-me aos olhos. Crescera-me a barba, a roupa começava a romper-se com os esforços da resistência, na região desconhecida. A circunstância mais dolorosa, no entanto, não é o terrível abandono a que me sentia votado, mas o assédio incessante de forças perversas que me assomavam nos caminhos ermos e obscuros. Irritavam-me, aniquilavam-me a possibilidade de concatenar ideias.

Desejava ponderar maduramente a situação, esquadriñar razões e estabelecer novas diretrizes ao pensamento, mas aquelas vozes, aqueles lamentos misturados de acusações nominais, desnorteavam-me irremediavelmente.

- Que buscas, infeliz! Aonde vais, suicida? Tais objurgatórias, incessantemente repetidas, perturbavam-me o coração. Infeliz, sim - mas, suicida? Nunca! Essas increpações, a meu ver, não eram procedentes. Eu havia deixado o corpo físico a contragosto. Recordava meu porfiado duelo com a morte. (...) O despertar na paisagem úmida e escura e a grande caminhada que parecia sem fim.

Por que a pecha de suicídio, quando fora compelido a abandonar a casa, a família e o doce convívio dos meus? O homem mais forte conhecerá limites à resistência emocional. Firme e resolutos a princípio, comecei por

entregar-me a longos períodos de desânimo e, longe de prosseguir na fortaleza moral, por ignorar o próprio fim, senti que as lágrimas longamente represadas visitavam-me com mais frequência, extravasando do coração.

A quem recorrer? (...) Castigava-me a fome todas as fibras e, nada obstante, o abatimento progressivo não me fazia cair definitivamente em absoluta exaustão.

Acentuava-se o desalento. Foi quando comecei a recordar que deveria existir um Autor da Vida, fosse onde fosse. Essa ideia confortou-me. Eu, que detestara as religiões no mundo, experimentava agora a necessidade de conforto místico. Médico extremamente arraigado ao negativismo da minha geração, impunha-se-me atitude renovadora. Tornava-se imprescindível confessar a falência do amor próprio, a que me consagrara orgulhoso.

E, quando as energias me faltaram de todo, quando me senti absolutamente colado ao lodo da Terra, sem forças para reerguer-me, pedi ao Supremo Autor da Natureza me estendesse mãos paternas, em tão amargurosa emergência. Quanto tempo durou a rogativa? Quantas horas consagrei à súplica, de mãos postas, imitando a criança aflita? Apenas sei que a chuva das lágrimas me lavou o rosto – que todos os meus sentimentos se concentraram na prece dolorosa. Estaria, então, completamente esquecido? Não era, igualmente, filho de Deus, embora não cogitasse de conhecer-lhe a atividade sublime quando engolfado nas vaidades da experiência humana? Por que não me perdoaria o Eterno Pai, quando providenciava ninho às aves inconscientes e protegia, bondoso, a flor tenra dos campos agrestes?

Ah! É preciso haver sofrido muito, para entender todas as misteriosas belezas da oração – é necessário haver conhecido o remorso, a humilhação, a extrema desventura, para tomar com eficácia o sublime elixir de esperança. Foi nesse instante que as neblinas espessas se dissiparam e alguém surgiu, emissário dos Céus. Um velhinho simpático me sorriu paternalmente. Inclinou-se, fixou nos meus os grandes olhos lúcidos, e falou: – Coragem, meu filho! O Senhor não te desampara.

Amargurado pranto banhava-me a alma toda. Emocionado, quis traduzir meu júbilo, comentar a consolação que me chegava, mas, reunindo todas as forças que me restavam, pude apenas inquirir: – Quem sois, generoso emissário de Deus? O inesperado benfeitor sorriu bondoso e respondeu: – Chama-me Clarêncio, sou apenas teu irmão. E, percebendo o meu esgotamento, acrescentou: – Agora, permanece calmo e silencioso. É preciso descansar para reaver energias.

Em seguida, chamou dois companheiros que guardavam atitude de servos desvelados e ordenou: – Prestemos ao nosso amigo os socorros de emergência.

Sorridente, o velhinho amigo apresentou-me o companheiro. Tratava-se, disse, do irmão Henrique de Luna, do Serviço de Assistência Médica da colônia espiritual. Trajado de branco, traços fisionômicos irradiando enorme simpatia, Henrique auscultou-me demoradamente, sorriu e explicou: – É de lamentar que tenha vindo pelo suicídio.

Enquanto Clarêncio permanecia sereno, senti que singular assomo de revolta me borbulhava no íntimo. Suicídio? Recordei as acusações dos seres perversos das sombras. Não obstante o cabedal de gratidão que começava a acumular, não calei a incriminação. – Creio haja engano – asseverei, melindrado –, meu regresso do mundo não teve essa causa. Lutei mais de quarenta dias, na Casa de Saúde, tentando vencer a morte. Sofri duas operações graves, devido a oclusão intestinal...

– Sim! – esclareceu o médico, demonstrando a mesma serenidade superior –, mas a oclusão radicava-se em causas profundas. Talvez o amigo não tenha ponderado bastante. O organismo espiritual apresenta em si mesmo a história completa das ações praticadas no mundo.

E inclinando-se, atencioso, indicava determinados pontos do meu corpo: – Vejamos a zona intestinal – exclamou – A oclusão derivava em elementos cancerosos, e estes, por sua vez, de algumas leviandades do meu estimado irmão, no campo da sífilis. A moléstia talvez não assumisse características tão graves, se o

seu procedimento mental no planeta estivesse enquadrado nos princípios da fraternidade e da temperança. Entretanto, seu modo especial de conviver, muita vez exasperado e sombrio, captava destruidoras vibrações naqueles que o ouviam. Nunca imaginou que a cólera fosse manancial de forças negativas para nós mesmos? A ausência de autodomínio, a inadvertência no trato com os semelhantes, aos quais muitas vezes ofendeu sem refletir, conduziam-no freqüentemente à esfera dos seres doentes e inferiores. Tal circunstância agravou, de muito, o seu estado físico. Depois de longa pausa, em que me examinava atentamente, continuou: – Já observou, meu amigo, que seu fígado foi maltratado pela sua própria ação; que os rins foram esquecidos, com terrível menosprezo às dádivas sagradas?

Singular desapontamento invadira-me o coração. Parecendo desconhecer a angústia que me oprimia, continuava o médico, esclarecendo: – Os órgãos do corpo somático possuem incalculáveis reservas, segundo os desígnios do Senhor. O meu amigo, no entanto, iludiu excelentes oportunidades, desperdiçando patrimônios preciosos da experiência física. A longa tarefa, que lhe foi confiada pelos Maiores da Espiritualidade Superior, foi reduzida a meras tentativas de trabalho que não se consumou. Todo o aparelho gástrico foi destruído à custa de excessos de alimentação e bebidas alcoólicas, aparentemente sem importância. Devorou-lhe a sífilis energias essenciais. Como vê, o suicídio é incontestável. Meditei nos problemas dos caminhos humanos, refletindo nas oportunidades perdidas. Na vida humana, conseguia ajustar numerosas máscaras ao rosto, talhando-as conforme as situações. Aliás, não poderia supor, noutra tempo, que me seriam pedidas contas de episódios simples, que costumava considerar como fatos sem maior significação. Conceituara, até ali, os erros humanos, segundo os preceitos da criminologia. Todo acontecimento insignificante, estranho aos códigos, entraria na relação de fenômenos naturais. Deparava-se-me, porém, agora, outro sistema de verificação das faltas cometidas. Não me defrontavam tribunais de tortura,

nem me surpreendiam abismos infernais~ contudo, benfeitores sorridentes comentavam-me as fraquezas como quem cuida de uma criança desorientada, longe das vistas paternas”.

Por último, os bichos registraram o que o iluminado e venerado Espírito Emmanuel, falou no final do prefácio do referido livro:

André Luiz vem contar a você, leitor amigo, que a maior surpresa da morte carnal é a de nos colocar face a face com a própria consciência, onde edificamos o céu, estacionamos no purgatório ou nos precipitamos no abismo infernal – vem lembrar que a Terra é oficina sagrada e que ninguém a menosprezará, sem conhecer o preço do terrível engano a que submeteu o próprio coração. Guarde a experiência dele no livro d’alma. Ela diz bem alto que não basta à criatura apegar-se à existência humana, mas precisa saber aproveitá-la dignamente – que os passos do cristão, em qualquer escola religiosa, devem dirigir-se verdadeiramente ao Cristo, e que, em nosso campo doutrinário, precisamos, em verdade, do “Espiritismo” e do “Espiritualismo”, mas, muito mais, de “Espiritualidade”.

Conclusão

Este livro é uma pequena síntese da Doutrina Espírita e tem por objetivo a divulgação dos ensinamentos de Jesus e dos Espíritos Superiores – seus discípulos diretos – inspiradores do pensamento dos autores que li e relaciono.

Almejo a todos que me deram a alegria da leitura, que tenham ficado com o coração tomado e inflado de puro amor e numa abstração da imperfeição de que nos é própria, sintam-se impelidos a tomarem o lugar de Jesus, isto é, imaginem-se como Ele, assim como o fiz e faço, permitindo a cada dia sentir-se-me mais perto d’Ele. Quando percebo então quão igual a mim Ele já foi e quão superior a mim, espiritualmente, Ele o é hoje, – e é aí onde reside o seu mérito –, porquanto tudo isso me faz perceber o quanto ainda estou distante do objetivo traçado, para todos nós, por Deus. Esse ímpeto de imaginação comparativa com o modelo de Jesus, introduzido no meu ser pela leitura das verdades que as instruções dos Espíritos contém – a Doutrina Espírita – levou-me e espero que leve você também, caro leitor, a perceber a longa caminhada de Jesus, até a sua perfeição, mostrando o que temos de

fazer para chegar até lá: reconhecer a nossa imperfeição, querer progredir e chegar à perfeição, objetivo maior de Deus para todo espírito, aqui como no Universo.

As páginas deste livro, se lidas com a devida atenção, repito, darão a todos o essencial entendimento da salvação: cada um é o responsável pelos seus atos e somente colherá o que plantar, porquanto cada um, diuturnamente, é quem está no comando de sua vida e será o responsável pelo seu destino, não cabendo em momento ou situação alguma terceirizar, responsabilizar os outros, conforme as prédicas de Jesus nos seus exemplos. Essa visão do modelo de Cristo – e a que nos induz o seu pensamento – imprime em nossas consciências o dever de viver o presente focado no bem, a despeito de nossas imperfeições, de maneira que podemos perfeitamente antever, como e qual será o nosso futuro, ou seja, após a “morte”, na espiritualidade, – lugar natural e eterno dos espíritos, pois essa vida terrena é apenas um pequeno instante se comparado com a eternidade – qual o quinhão que nos cabe, e com certeza será de acordo com o merecimento de cada um.

No futuro, a Doutrina Espírita estará presente em toda e qualquer manifestação religiosa. Primeiro, porque é a Doutrina de Jesus Cristo, segundo, porque os dogmas restarão caídos, um após o outro, como já caíram tantos outros, assim como os deuses, antes indevidamente concebidos e valorizados. Se os dogmas são a base dessas religiões ortodoxas, está tudo aí explicado. Eles cairão porque a ciência que já avançou muito, avançará mais e mais, e as Leis Divinas ainda não reveladas, e se já reveladas, a exemplo da Doutrina Espírita por Jesus, até hoje não entendidas e não alcançadas por muitos, por-se-ão a mostra, paulatinamente, à medida que os homens avançarem na moral, alargarem os seus pensamentos e suas inteligências

e ampliarem as suas consciências, porque diante de fatos e provas tão evidentes não haverá argumentos.

Mas não nos assustemos e nem nos angustiemos, pois toda religião é válida, Deus é justo e tudo alcança, e o seu perdão é infinito. A consciência de cada um é que é o seu medidor e termômetro, pois aquele que estiver se enganando ele mesmo se cobrará e aquele que estiver enganado, Deus o perdoará; no entanto não deixará de sentir o gosto da reprovação e da decepção por ter se enganado e deixado se enganar, por coisas tão vãs e fúteis, pois é bem certo que mesmo os bem intencionados com certeza desconfiam de tamanhas facilidades para se obter a tão falada salvação. Qual de nós comprará um carro por um valor irrisório, muito abaixo do valor de mercado, sem desconfiar que esse carro não foi roubado?! Ninguém, até mesmo o mais ingênuo, pois está na cara, como está na cara que essa forma simplificada de alcançar a salvação é irreal, utópica, pretensiosa e desrespeitosa. Todos nós que dela nos utilizamos, temos no íntimo a devida desconfiança e esse sentimento, por pequeno que seja, reforçado pelos ensinamentos do Cristo que Ele nos deixou e legou – o Evangelho como guia – pouco a pouco assumirá proporções auspiciosas e a nossa consciência se elevará às alturas, pois passará a entender a importância do livre arbítrio e a devida responsabilidade dos atos. Essa consciência, pouco a pouco aprimorada pelas sucessivas existências levará o homem à perfeição, a Jesus e a Deus.

Por ser pertinente, cito do livro *A Personalidade de Jesus*, de Leopoldo Cirne:

Em suas encarnações sucessivas, o Espírito, sendo pouco a pouco despojado de suas impurezas e aperfeiçoado pelo trabalho, chega ao termo de suas existências corpóreas; pertence então à ordem dos Espíritos puros ou

dos anjos, e goza simultaneamente da vida completa de Deus e de uma felicidade imperturbável pela eternidade. Mais uma vez tendo acompanhado e promovido o progresso das ciências, para a compreensão de uma revelação mais alta, como a que nos envia pelo Consolador, que o mundo se viu preparando para receber, ele revela a sua imensa sabedoria, essa sabedoria que lhe inspirava, com a singeleza das parábolas, os limites das revelações que comportavam as inteligências do seu tempo, sabedoria que, finalmente, mais do que se atesta pelo que disse, se denuncia pelo que deixou de dizer, como entre outras, se depreende desta alusão, no ensino que ministrou a Nicodemos, a propósito das vidas sucessivas, alto princípio que estranho fosse ignorado por um “mestre em Israel”. “Se, quando eu vos tenho falado das coisas terrenas, ainda assim me não credes, como me creereis, se eu vos falar das celestiais?” (João, cap. III, v. 12.)

Ora, são essas coisas celestiais, de que Ele não falou, nem podia falar, porque não seria compreendido, que constituem o seu tesouro, esse tesouro de sabedoria que Ele reserva para patentear aos seus guiados, quando, desembaraçando-se dos sudários da materialidade, se resolverem eles a gravitar definitivamente para essas regiões da luz, em que a verdade brilha desanuviada.

Espíritas, que, outrora ovelhas desgarradas, terminastes afortunadamente por escutar a voz do amoríssimo pastor a quem o Criador vos confiou e que procurais vos recolher ao desejado aprisco: uma larga estrada se desdobra ante os vossos passos; no seu extremo, braços abertos para vos receber e conduzir ao seio tranquilo da felicidade, vos aguarda Aquele que prometeu ao Pai não deixar que se perdesse uma só dessas ovelhas. Contemplai-O na sua soberana e impecável majestade; admirai a grandeza da sua estatura moral, precipitai-vos confiantes em seu regaço, e tereis encontrado o luminoso caminho que conduz às regiões serenas da verdade, da harmonia e da beleza eterna!.

Nós temos que nos conscientizar que “a grandiosidade de Deus não se encaixa em nenhuma religião”, como afirma a escritora Bartyra Soares e que, portanto, toda essa gama de tradição religiosa é desprezível se nenhuma delas comporta, através dos seus seguidores os ensinamentos de Cristo, entendido como tais (os que estão de acordo com Suas prédicas, exaustivamente exemplificadas por Ele, sem floreios e mais delongas), bastando tão somente agir como cristão. Porém, se todas essas tradições religiosas os contemplarem, não existe a mais verdadeira, podendo até cada cidadão ter a sua, conforme o Dalai Lama tem afirmado, mas é como disse antes, o tempo se encarregará de mostrar que a Doutrina Espírita é a que melhor viabiliza claramente o caminho da salvação, pois contempla na íntegra os ensinamentos de Jesus e a nossa caminhada, por ser longa, um dia fatalmente levar-nos-á a Ele. Paulatinamente nos mostrará essa saudável e feliz realidade, ou seja, todos um dia seguiremos por esta trilha.

E conforme Allan Kardec diz:

O Espiritismo, sendo independente de qualquer forma de culto, não prescrevendo nenhum deles, não se ocupando de dogmas particulares, não é uma religião especial, pois não tem nem seus padres nem seus templos. Aos que indagam se fazem bem em seguir esta ou aquela prática, ele responde: Se sua consciência pede para fazê-lo, faça-o; Deus sempre leva em conta a intenção. Em resumo, ele não se impõe a ninguém; não se destina àqueles que têm fé ou àqueles a quem essa fé basta, mas à numerosa categoria dos inseguros e dos incrédulos; ele não os tira da Igreja, visto que eles se separaram dela moralmente em tudo, ou em parte; ele os faz percorrer os três quartos do caminho para entrar nela; cabe a ela fazer o resto.

O Espiritismo veio trazer a fé raciocinada, em contraposição à fé cega.

A religião é o menos importante, o mais importante é o comportamento, são as ações e as atitudes morais. A religião serve de arrimo para aqueles que dela dependem para manter a sua conduta moral correta e se ligar a Deus, mas o fato de existirem várias tradições religiosas mostra, demonstra e evidencia, irrefutavelmente, que ela é prescindível, como já salientei. Porém, duas coisas são certas: 1 - praticar e manter-se de acordo com a Doutrina Espírita, aqui na terra, não é para qualquer um, é tarefa para os inteiramente comprometidos com a moral pregada por Jesus Cristo; 2 - por outro lado, na vida espiritual, após a "morte", o espírita leva vantagem por apoiar-se na fé raciocinada e, diante da realidade vivenciada face aos ensinamentos obtidos, tem uma visão antecipada dessa nova vida, condição essa, sem dúvida reconfortadora, pois não haverá surpresas, ele já sabe o que o espera na espiritualidade. Ainda mais que é sabido que o espírito, desnudo do corpo, tem a sua consciência ampliada, mais aclarada, alargada, condição essa inerente a todos os espíritos desencarnados. Imagine a surpresa, o susto e a decepção que sofrerá o indivíduo que se apoiou nos dogmas, tão somente nos dogmas. Isto que digo é apenas uma constatação, o espírita não é melhor do que ninguém e muito menos um privilegiado, um escolhido de Deus, mas não resta dúvida, essa conscientização é decorrência de seu progresso e adiantamento espiritual.

Não posso deixar de citar a seguir o que vai no livro *Depois da Morte*, de Léon Denis:

Dotada de consciência e de liberdade, a alma humana não pode recair na vida inferior, animal. Suas encarnações sucedem-se na escala dos mundos até que ela tenha adquirido

os três bens imorredouros, alvo de seus longos trabalhos: a Sabedoria, a Ciência e o Amor, cuja posse liberta-a, para sempre, dos renascimentos e da morte, franqueando-lhe o acesso à vida celeste. Pelo uso do seu livre-arbítrio, a alma fixa o próprio destino, prepara as suas alegrias ou dores. Jamais, porém, no curso de sua marcha – na provação amargurada ou no seio da luta ardente das paixões –, lhe será negado o socorro divino. Nunca deve esmorecer, pois, por mais indigna que se julgue – desde que em si desperta a vontade de voltar ao bom caminho, à estrada sagrada, a Providência dar-lhe-á auxílio e proteção.

A Providência é o espírito superior, é o anjo velando sobre o infortúnio, é o consolador invisível, cujas inspirações reaquecem o coração gelado pelo desespero, cujos fluídos vivificantes sustentam o viajor prostrado pela fadiga – é o farol aceso no meio da noite, para a salvação dos que erram sobre o mar tempestuoso da vida. A Providência é, ainda, principalmente, o amor divino derramando-se a fluxo sobre suas criaturas. Que solicitude, que previdência nesse amor! Não foi para a alma somente, para modelar a sua vida e servir de cenário aos seus progressos, que ela suspendeu os mundos no espaço, inflamou os sóis, preparou os continentes e formou os mares?

Só para a alma toda essa grande obra foi executada, só para ela é que forças naturais combinam-se e universos desabrocham no seio das nebulosas.

Em relação aos comentários que faço acerca da Bíblia, não há aqui nenhum propósito de desclassificá-la, mas o propósito de mostrar e demonstrar, especialmente aos desavisados ou fanáticos, que ela foi escrita pelos homens e na sua maior parte – essencialmente quanto aos dogmas – não foi inspirada, não revela a vontade de Deus e por isso é que se devem descartar os trechos absurdos, como alguns que destaquei. Observa-se que em se extraindo estas passagens extravagantes as religiões ortodoxas ficarão à deriva, sem base, sem fundamento.

Por ser muito esclarecedor, segue um texto extraído do livro *A Gênese*, de Allan Kardec:

Deus que é soberanamente bom, não pode impor ao homem o recomeço de uma série de misérias e de tribulações? Mas pode condenar o homem a um sofrimento perpétuo por alguns momentos de erro, antes que lhe dar os meios de reparar suas faltas? Será Deus, a própria clemência, mais impiedoso que o homem? O pensamento de que o nosso destino está fixado para sempre em razão de alguns anos de provas, ainda mesmo quando não tenha dependido de nós alcançarmos a perfeição sobre a Terra, tem qualquer coisa de doloroso, enquanto que a ideia contrária é eminentemente consoladora, pois ela nos dá e nos deixa esperançosos. Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra a pluralidade das existências, sem admitir uma hipótese à outra, diremos que, se podemos escolher, não existe ninguém que prefira um julgamento sem apelação e isso nos leva faltamente à pluralidade das existências.

Se não há reencarnação, há apenas uma existência corporal, isto é evidente. Se a existência corporal é única a alma do homem é criada quando do seu nascimento, conforme a crença vulgar. Diante disso, as almas são iguais ao nascerem ou são diferentes? Se são iguais, por que aptidões tão diversas? Se são desiguais é que Deus as criou assim. Esta parcialidade está conforme os atributos de Deus, que ama igualmente a todas as suas criaturas? E então, por que a superioridade inata concedida a algumas? Novamente isso nos leva à pluralidade das existências

Enfim, caro leitor, despeço-me à maneira dos bichos que pesquisaram e registraram do *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, a passagem seguinte:

Admiti as existências consecutivas e tudo se explicará, conforme a justiça de Deus. O que não puder fazer numa existência se fará em outra. É assim que ninguém escapa à lei do progresso, em que cada um será recompensado

segundo o seu mérito real, e ninguém está excluído da felicidade suprema, a que todos podem pretender, quaisquer que sejam os obstáculos que tenham encontrado em seu caminho.

[...]

O homem, consciente da sua inferioridade, tem, na doutrina da reencarnação, uma esperança consoladora. Se acredita na justiça de Deus, não pode esperar, por toda a eternidade, estar em pé de igualdade com aqueles que agiram melhor do que ele. O pensamento de que essa inferioridade não o deserdará para sempre do bem supremo, e que ele poderá superá-la por meio de novos esforços, o sustenta e lhe reanima a coragem. Qual é aquele que, no fim de seu caminho, não lamenta ter adquirido muito tarde uma experiência que não pode mais aproveitar. Essa experiência tardia não ficará perdida. Ele a aproveitará numa nova existência.

Nada ocorre sem a permissão de Deus, pois é Ele quem estabelece todas as leis que regem o Universo. Perguntai, então, porque fez tal lei ao invés de outra. Dando ao Espírito a liberdade de escolha, deixa-lhe toda a responsabilidade de seus atos e suas consequências, de maneira que nada entrava o seu futuro; o caminho do bem, como o do mal, lhe está aberto. Se sucumbe, resta-lhe a consolação de que nem tudo se acabou para ele; Deus, na sua bondade, lhe dá a oportunidade de recomençar o que foi mal feito. É necessário, aliás, distinguir o que é obra da vontade de Deus do que é da vontade do homem. Se um perigo vos ameaça, não fostes vós que criastes, mas Deus; contudo, pela própria vontade, a ele vos expondes, porque vedes um meio de adiantar-vos e Deus o permitiu.

APÊNDICE

O Recado Final dos Bichos

A Salvação

Os animais irracionais não puderam calar acerca de determinados pontos, que no entendimento deles eram profundamente esdrúxulos e absurdos, contemplados por várias crenças e tradições religiosas, a exemplo da salvação nos termos em que está colocado na Bíblia, ainda mais depois que compulsaram e estudaram a Doutrina Espírita. Estupefatos e consternados passaram a expor seu pensamento:

O elefante atacou:

- Os praticantes das religiões ditas ortodoxas - Catolicismo e Protestantismo - só para citar as mais conhecidas e que têm maior número de adeptos, enganam-se, num verdadeiro engodo a si mesmos, quando, para se sentirem confortados, acreditam em dogmas, crenças e alegorias, e numa simplificação absurda e pueril dizem que estarão salvos ao acreditar - e que somente estarão salvos, se e somente se assim acreditarem, vejam a infantilidade desta afirmação - que Jesus Cristo veio para salvá-los e morreu na cruz pelos seus pecados, por isso já estão perdoados, nada tendo mais a dever, repetimos, uma vez que é condi-

ção indispensável à salvação, essa aceitação, do contrário nunca alcançarão o tão sonhado céu.

O gafanhoto, perplexo, exclamou:

- Meu Deus, que deus é esse?! Então Deus, uma vez que aceitaram Jesus como o seu salvador e seu único filho, concede-lhes a graça. GRAÇA É UM PRESENTE DE DEUS, IMERECIDO - sim, imerecido, pois independe de mais nada, de merecimento algum, uma vez que aceitaram Jesus. A graça é uma compensação, é como se o sujeito tivesse 2% de valor, de merecimento e Ele concedesse os 98% - a graça, o presente imerecido, para que o indivíduo possa alcançar o céu. Dizem que tudo isso está na Bíblia, assim a interpretam ao seu bel prazer, um livro que tem as suas falhas como veremos mais adiante.

Diante disso tudo, perplexa, perguntou a cobra:

- Onde fica a responsabilidade dos atos de cada indivíduo e o "só se colhe o que se planta?" O arrependimento e o pagamento, o resgate dos seus erros, suas faltas? - disse pensativa. - Quem acredita nestas coisas compartilha do mesmo raciocínio que aquele que opta por ser evangélico da Igreja "X", porque lá se pode usar calças compridas e não da Igreja "Y", porque lá só se pode usar saias, por exemplo. Esquecem da verdade: ninguém escapa do "olhar de Deus, do grito da consciência e da morte física".

E a lagartixa afirmou:

- O pensamento doutrinário de Jesus está todo ele fincado em dois pilares, em duas colunas, quais sejam: a responsabilidade e o merecimento. Quanto à responsabilidade, quis Jesus demonstrar que o indivíduo responde por suas ações, pelos seus atos, pelo seu crescimento espiritual até chegar à perfeição. Quanto ao merecimento, quis Jesus demonstrar que o indivíduo, pelo esforço

individual, e pelo seu merecimento, alcançará o Reino do Céu, a perfeição estipulada por Deus, objetivo maior destinado a todos os seus filhos. Para que o indivíduo alcance a perfeição serão necessárias várias existências e foi por isso que Jesus falou de maneira velada. O sermão da montanha – as Bem-aventuranças – sintetiza toda a sua doutrina. Se nada mais Ele tivesse falado e exemplificado, o conteúdo moral nele encerrado dispensaria todo o resto. Nesse sentido, os próprios Evangelhos são seus complementos.

Então os bichos, parodiando, criticaram a fórmula da salvação acima, com a seguinte história:

- Qual o pai que mesmo fazendo de um tudo e tudo que estiver ao seu alcance consegue fazer de um filho aquilo que ele não queira? Ou conseguir que um filho abandone determinado vício, se isto não for de sua vontade? Pai nenhum, ou seja: tudo depende do querer do filho, isto é, a responsabilidade é unicamente do filho, nunca do pai, por transferência ou qualquer outra forma. Nem que o pai queira, usando de um supremo grau de altruísmo, trazer para si, por absoluta impossibilidade, por não existir Lei que permita isso, por ser incompatível com a justiça Divina. Agora, esse pai poderia fazer uma “conta de chegar”, criar um artifício, uma alegoria, uma ficção e convencionar, – claro enganando-se a si mesmo e aos outros – tal que, em esse filho acreditando cegamente no referido artifício, evidente – com total exclusão da razão – obteria alcançar tais objetivos, alheios à sua vontade, sem merecimento, mas pela graça – um presente imerecido – do seu mortal e pecador pai. É óbvio que isso seria um engodo. Imaginem isso tudo partindo de Deus; pela inspiração Divina, por determinação de Deus. Pois fica claro que foi o homem que colocou na Bíblia essa absurda equação da salvação. Mais uma vez a Doutrina

Espírita vem ao vosso socorro, nós humanos, informando e instruindo como chegar à perfeição, igualar-se ao vosso irmão Jesus e encontrar-se com Deus.

Perguntaram ao iluminado Espírito Emmanuel, se Deus concede o favor da GRAÇA que vós humanos, de cadeirinha, tanto almejais e esperais. Vejam o que ele respondeu:

São tão grandes as expressões da misericórdia divina que nos cercam o Espírito, em qualquer plano da vida, que basta um olhar à natureza física ou invisível, para sentirmos, em torno de nós, uma aluvião de graças. O favor divino, porém, como o homem pretende receber no seu antropomorfismo, não se observa no caminho da vida, pois Deus não pode assemelhar-se a um monarca humano, cheio de preferências pessoais ou subornado por motivos de ordem inferior. A alma, aqui ou alhures, receberá sempre de acordo com o trabalho da edificação de si mesma. É o próprio Espírito que inventa o seu inferno ou cria as belezas do seu céu. E tal seja o seu procedimento, acelerando o processo de evolução pelo esforço próprio, poderá Deus dispensar na Lei, em seu favor, pois a Lei é uma só e Deus o seu Juiz Supremo e Eterno.

- Meu Deus, que deus é esse - interrogaram-se novamente?! Só sendo mesmo o deus que consta do Velho Testamento, instituído pelos humanos daquela época: o deus que escolheu e privilegiou uma nação em detrimento do resto do mundo; o deus vingativo, vaidoso; o deus que gostava e exigia ser adorado, que castigava, que fez a mulher inferior ao homem etc.

Sobre Deus ter escolhido o povo de Israel, os Hebreus, vejam o que descobriram e extraíram do livro *A Caminho da Luz - História da Civilização à Luz do Espiritismo*, ditado pelo Espírito Emmanuel a Chico Xavier:

No reino de Israel sucederam-se as tribos e os enviados do Senhor. Todos os seus caminhos no mundo estão cheios de vozes proféticas e consoladoras, acerca d'Aquele que ao mundo viria para ser glorificado como o Cordeiro de Deus. A cada século renovam-se as profecias e cada templo espera a palavra de ordem dos Céus, através do Salvador do Mundo. Os doutores da Lei, no templo de Jerusalém, confabulam, respeitosos, sobre o Divino Missionário – na sua vaidade orgulhosa esperavam-no no seu carro vitorioso, para proclamar a todas as gentes a superioridade de Israel e operar todos os milagres e prodígios. E, recordando esses apontamentos da história, somos naturalmente levados a perguntar o porquê da preferência de Jesus pela árvore de David, para levar a efeito as suas divinas lições à Humanidade – mas a própria lógica nos faz reconhecer que, de todos os povos de então, sendo Israel o mais crente, era também o mais necessitado, dada a sua vaidade exclusivista e pretensiosa. “Muito se pedirá de quem muito haja recebido”, e os israelitas haviam conquistado muito, do Alto, em matéria de fé, sendo justo que se lhes exigisse um grau correspondente de compreensão, em matéria de humildade e de amor.

A verdade, porém, é que Jesus, chegando ao mundo, não foi absolutamente entendido pelo povo judeu. Os sacerdotes não esperavam que o Redentor procurasse a hora mais escura da noite para surgir na paisagem terrestre. Segundo a sua concepção, o Senhor deveria chegar no carro magnífico de suas glórias divinas, trazido do Céu à Terra pela legião dos seus Tronos e Anjos – deveria humilhar todos os reis do mundo, conferindo a Israel o cetro supremo na direção de todos os povos do planeta – deveria operar todos os prodígios, ofuscando a glória dos Césares. E, no entanto, o Cristo surgira entre os animais humildes da manjedoura – apresentava-se como filho de um carpinteiro e, no cumprimento de sua gloriosa missão de amor e de humildade, protegia as prostitutas, confundia-se com os pobres e com os humilhados, visitava as casas suspeitas para de lá arrancar os seus auxiliares e seguidores – seus companheiros

prediletos eram os pescadores ignorantes e humildes, dos quais fazia apóstolos bem amados. Abandonando os templos da Lei, era freqüentemente encontrado ao longo do Tiberíades, em cujas margens pregava aos simples a fraternidade e o amor, a sabedoria e a humildade.

O judaísmo, saturado de orgulho, não conseguiu compreender a ação do celeste emissário. Apesar da crença fervorosa e sincera, Israel não sabia que toda a salvação tem de começar no íntimo de cada um e, cumprindo as profecias de seus próprios filhos, conduziu aos martírios da cruz o divino Cordeiro.

As organizações dos doutores da Lei subsistiram no curso incessante dos tempos. Em balde esperaram eles outro Cristo, nestes dois milênios que ora chegam a termo. A realidade é que um sopro de amargura pesou mais fortemente sobre os destinos da raça, depois da ignominiosa tarde do Calvário. As sombras simbólicas, que caíram sobre o Templo de Jerusalém, acompanharam igualmente o povo escolhido em todas as direções, pelas estradas longas do mundo, com amplos reflexos no ambiente contemporâneo. Israel continua a cultuar o Deus Todo Poderoso dos seus profetas, seus rituais prosseguem em pontos isolados do orbe inteiro. É talvez a raça mais livre, mais internacionalista, mais fraternal, entre si, mas também a mais altiva e exclusivista do mundo. Apesar de não ter uma pátria e não obstante todas as perseguições e clamorosas injustiças experimentadas nas suas jornadas de sofrimento, Israel faz o seu roteiro através das cidades tumultuosas, esperando o Messias da sua redenção e da sua liberdade. Jesus acompanha-lhe a marcha dolorosa através dos séculos de lutas expiatórias e regeneradoras. Novos conhecimentos dimanam do Céu para o coração dos seus patriarcas e não tardará muito tempo para que vejamos os judeus compreendendo integralmente a missão sublime do verdadeiro Cristianismo e aliando-se a todos os povos da Terra para a caminhada salvadora, em busca da edificação de um mundo melhor.

E os bichos prosseguiram:

- Não vêm, vocês humanos, que diversos absurdos que estão na Bíblia decorrem do fruto da ignorância e da imperfeição espiritual, próprias do início da humanidade? Que tudo que se lhes apresentasse fora do normal era visto como mais um deus? Era deus a não acabar mais, deus para todos os gostos e situações! Não vê que até hoje, na Índia, a vaca ainda é sagrada? Épa, mas aí, nós bichos até que gostamos, pois é um dos nossos, tá ligado? Mas reconhecemos que isso é um absurdo igualmente a tantos outros. É uma pena que humanos desprovidos de razão, inteligência e bom senso, concebam e acreditem em tamanhas extravagâncias.

O Deus de vocês é o Deus único mostrado por Jesus - “a inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas” - e cujos atributos - eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom - somente Ele os detém. E se apenas um destes atributos for violado, ele já não será Deus, mas aquele deus dos homens ignorantes e supersticiosos, do início da humanidade; homens tão imperfeitos que criou os seus deuses com paixões grosseiras alcançado tão-somente pela visão dos cinco sentidos, repetimos, visão própria dos homens ignorantes daquela época.

Esses atributos dizem respeito tão-somente ao que a mente e o vosso conhecimento alcançam, frisaram os bichos. Vejam o que os Espíritos Superiores responderam e afirmaram sobre se estes atributos dão uma ideia completa de Deus:

Do vosso ponto de vista, sim, porque credes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita às vossas ideias e sensações, não

tem meios de exprimir. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir em grau supremo essas perfeições, porquanto, se uma lhe faltasse, ou não fosse infinita, já ele não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber.

Exclamaram e afirmaram os bichos: – Diante disso, vocês humanos acham que o deus do Velho Testamento chega aos menos aos pés do Deus de Jesus, do vosso Deus verdadeiro?!

E por unanimidade, fizeram questão de repetir e concluíram:

– A Salvação é um processo que se concretiza em três atos: a conscientização/reconhecimento dos erros e o conseqüente arrependimento; a esperança consoladora de que a Salvação existe e é possível e a certeza de que cada um a alcançará através do resgate de suas faltas. Essa, é que é a fórmula da equação da Salvação, simples, não? Porém, de responsabilidade de cada um, e é aí onde reside a sabedoria Divina, a justiça de Deus.

A Bíblia e Suas Controvérsias

A seguir, os bichos expõem ao leitor, as mais variadas dúvidas e controvérsias que encontraram sobre a Bíblia, com o intuito de melhor esclarecer e fazer-nos compreender e não para demolir, mas sim para desbastar e chegar ao essencial e não para destruir, mas para encontrar o consistente que não cai com o tempo, e se alguma coisa cair, para reconstruí-la mais condizente à realidade.

Assim afirmam: – A Bíblia, é um livro escrito pelo homem, com inúmeras manifestações espirituais. Contudo, trata-se de um livro de suma importância, pois tem profundos ensinamentos de elevado valor moral. Por ter sido escrita pelo homem, inculto na época, contém muitas falhas decorrentes de diversos fatores, principalmente por serem associados, naquele tempo, a uma sociedade extremamente machista. Nela a mulher está retratada sempre como uma personagem inexpressiva, refletindo, pois, a nosso ver, e até que nos provem o contrário, apenas a fatores culturais de um povo, onde o machismo, o espírito belicoso e ignorante eram os fatores que preponderavam na época.

Ela está cheia de erros – acidentais e intencionais, e a motivação para incrementá-los são muitas – que por serem óbvias, aqui deixamos de comentá-los. Mas recomendamos a leitura na íntegra do livro *O que Jesus Disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*, de Bart D. Ehrman. Nele o autor trata desses erros e das muitas variáveis que os influenciaram.

Aí o camaleão observou e indagou:

– Vocês humanos, nos dias de hoje, imaginam, por mais sábio, credenciado e destacado que sejam na sociedade, deter o direito de destratar uma mulher assim como está na Bíblia, do começo ao fim – do Gênesis ao Apocalipse? Não, vocês não imaginam, nem admitem mais esse desrespeito, certo? E Jesus Cristo, na sua opinião, como a tratou? Com muito amor e respeito, certo? E o que dizer de Deus, o criador de todas as coisas, Pai de todos nós?! Para esse nem cabe a infame pergunta, não? E o Deus atual não é o mesmo de antigamente? Está claro, pois, que esse tratamento dado à mulher, e indevidamente registrado na Bíblia, é devido ao império injusto e cruel que o homem tomou sobre ela. É o resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza; fruto dos homens pouco avançados do ponto de vista moral, onde a força faz o direito.

O camaleão continuou:

– Para bilhões de pessoas, a Bíblia é um livro sagrado que contém a palavra de Deus. É a fonte de suas convicções religiosas. Porém, poucos daqueles que acreditam na Bíblia a leram de fato. Isto pode parecer estranho, mas alguns nunca leram a Bíblia. Mas qualquer um que tenha se aventurado por suas trivialidades redundantes e cansativas, genealogias infinitas, histórias e leis insensatas, sabe que a Bíblia não é um livro fácil de ler. Assim, não

é surpreendente que aqueles que começam a ler o Gênesis raramente chegam ao Levítico. E os poucos crentes que sobrevivem ao fim amargo do Apocalipse, têm que enfrentar um dilema perturbador: a sua fé lhes diz que deveriam ler a Bíblia, mas lendo a Bíblia eles arriscam a sua fé. Então é melhor não a ler, basta a explicação dos pregadores, muitas das vezes não tão bem intencionados.

O problema é que em se acreditando que a Bíblia foi inspirada por Deus, quanto mais se lê, menos se acredita. Para proteger a fé na Bíblia, muitos deixam de lê-la, embora poucos admitam isto. Nem mesmo para eles. E quando lêem, o fazem apenas nas partes que lhes interessam, especialmente os que se dizem “pregadores” da palavra.

A solução mais popular para este problema é deixar a Bíblia a cargo do clero. O clero então faz citações da Bíblia em sermões, e explica seu significado aos outros. Um cuidado extremo é tomado, claro, para citar as partes da Bíblia que exibem o melhor lado de Deus e ignorar aqueles que não fazem. Isto significa que só uma fração da Bíblia é citada. Isto em si não é um grande problema, porque embora a Bíblia não seja um livro muito bom, é muito longo. Uma coisa não entendi – disse o camaleão – já que ela foi manipulada e somente é citada para os fiéis a parte boa, por que, àquela época já não excluíram estas partes ruins e tendenciosas? Vocês humanos são mesmo muito estranhos! Ah! Havia esquecido: é porque a Bíblia é um Livro Sagrado, e de inspiração Divina, não é? É preferível mantê-la como está e mostrarem consistência entre as passagens redundantes, nunca mencionando as contradições; promovem explicações e desculpas para os absurdos, crueldades, vulgaridades e insultos às mulheres – quando não os ignoram completamente; e enfatizam as poucas passagens que apresentam uma imagem decente

de Deus, ou ainda colocam anotações no rodapé para explicarem qualquer dificuldade.

São publicadas e distribuídas milhões de Bíblias a cada ano por crentes num esforço incansável para propagar suas convicções. Por conseguinte, quase todo o mundo, crente ou cético, tem uma cópia em casa. Entre estas Bíblias serão achadas muitas versões diferentes, mas todas têm algo em comum: todas edições apóiam, promovem e defendem-na.

Então o macaco pediu a palavra para desabafar e soltou o verbo em prol da mulher, essa grande criatura de Deus:

- Entendam, vocês humanos, que Deus a criou com amor e destinada ao seu "crescei e multiplicai", para junto com o homem, em igualdade e em tudo, amar os seus filhos queridos.

O amor de mãe é uma das muitas manifestações divinas que excedem ao entendimento de vocês humanos. Aliás, que seria da humanidade e de sua perpetuação no planeta, se não fora o sustentáculo desse amor?

Quis Deus, em Sua Infinita Sabedoria e Bondade, que toda a Sua criação estivesse amparada e garantida pelo desvelo maternal, em todos os segmentos da vida. Temos, pois, no amor de mãe, a garantia da sobrevivência de todas as espécies de vida animal que evoluem na Terra, e aí, nós os bichos, também estamos contemplados.

- Sem exagero, posso afirmar - desabafou o bicho: o amor de mãe vem logo abaixo do amor de Deus e do amor Universalista pregado e vivenciado por Jesus, nessa ordem - Amor de Deus, Amor de Jesus e Amor de mãe.

E me pergunto, continuou o macaco: - Por que essa grande criatura de Deus é tratada, na Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse, como um ser desprezível e até mesmo como

um pertence, um objeto, um bem, uma propriedade de vocês humanos?

- Para não se tornar enfadonho - disse o macaco - deixo de registrar todas as passagens que as depreciam, mas admiro-me e indago como pode Deus ter criado para nós animais irracionais, logo de cara, uma fêmea, mas não o fazendo igualmente para o homem, Sua criação racional, pensante e inteligente, somente o fazendo em seguida, quando se deu conta de que o homem necessitava de uma companheira, e da costela de Adão?! Evidente que Deus não procedeu assim. Isso é coisa de machista, pensada e com determinado e definido propósito, pois foi desta forma colocado lá, na Bíblia, justamente para que ela se apresentasse inferior a partir mesmo da criação, possibilitando assim que as passagens registradas no "sagrado livro", referentes a ela, fossem meras consequências, pois se Deus assim a posicionou, que fazer... né, humanos?!

- E quanto aos enganos contidos na Bíblia, que são vários? - lembram-nos os bichos do erro intencional, já citado à página 91 deste livro, no capítulo "Jesus e a Trindade", erro este criado através de uma manobra para introduzirem a Trindade.

- Vejam mais o que encontramos - frisaram os bichos - no livro *Conhecendo o Espiritismo* de L. Neilmoris:

Em que época, a reencarnação passou a ser retirada dos textos bíblicos? E por que isso aconteceu? Na verdade, ela não foi "retirada". O que tentam é dissimular os conteúdos. Mas, temos referências desde o século II depois de Cristo, do próprio Orígenes, um dos pais da Igreja: "Presentemente, é manifesto que grandes foram os desvios sofridos pelas cópias, quer pelo descuido de certos escribas, quer pela audácia perversa de diversos corretores, quer pelas adições ou supressões arbitrárias. Portanto, vemos que esta intenção é, de fato, muito antiga, mas restará sempre malograda.

E para que vocês humanos tenham uma ideia mais geral dos erros e das controvérsias que cercam a Bíblia, falaram os bichos, transcrevemos a seguir, na íntegra, por não ser tão extenso, do livro *Cristianismo e Espiritismo*, de Léon Denis, as observações que ele tece sobre o assunto.

Para a maior parte das igrejas cristãs a Bíblia é a suprema autoridade, sendo os sessenta e seis livros que compõem o Antigo e o Novo Testamento a expressão da “palavra de Deus”.

Nós, filhos curiosos do século XX, perguntamos: por que precisamente sessenta e seis livros? Por que nem mais, nem menos?

Os livros do Antigo Testamento foram escolhidos, entre muitos outros, por desconhecidos rabinos judeus. O teor desses livros é, de resto, muito desigual. O Segundo livro dos Macabeus, por exemplo, é muitíssimo superior ao de Ester, o livro da sabedoria excede em valor o Eclesiastes.

O mesmo aconteceu com o Novo Testamento, composto de conformidade com uma norma que os cristãos do primeiro século não conheciam. O Apocalipse foi escrito no ano 68 depois de Jesus-Cristo. O quarto Evangelho só apareceu em fins do século 1 - alguns dizem no ano 140; - um e outro trazem o nome de S. João; mas esses dois livros são animados de um espírito bem diferente. O primeiro é obra de um cristão judeu; o outro é escrito por um cristão da escola filosófica de Alexandria, que não só havia rompido com a dogmática judaica, mas se propunha mesmo combatê-la.

Compreende-se facilmente que os reformadores protestantes, baseando-se no princípio de que a Bíblia constitui a “palavra de Deus” tenham tropeçado em insuperáveis dificuldades. Foram eles sobretudo que emprestaram à Bíblia essa autoridade absoluta que tantos abusos devia ocasionar: é necessário, porém, não os julgar unicamente conforme os resultados da teologia que instituíram. As necessidades do tempo os coagiram a opor à autoridade da Igreja Romana, ao abuso das indulgências, ao culto

dos santos, às obras mortas de uma religião em que as frívolas práticas haviam substituído a fé vivificadora, a soberania de Deus e a autoridade da sua palavra, expressa na Bíblia.

Não obstante a disparidade dos elementos que compõem essa obra, não se lhe poderia contestar a alta importância e a inspiração por vezes elevada. Um rápido exame nos provará, todavia, que ela não pode ter a origem que lhe é atribuída.

Gênesis. – Se lermos com atenção os primeiros capítulos do Gênesis verificaremos que encerram duas narrativas distintas da Criação. Os capítulos I e II, vv. 1 a 3, contem uma primeira exposição, mas, no capítulo 11, 4, começa uma outra narração; essas duas narrativas nos revelam o pensamento de dois autores diferentes. Um, falando de Deus, o chama Eloim, isto é, “os deuses”.

“Eis aí, está feito Adão como um de nós”, lê-se por exemplo, no Gênesis: “Eu sou o Jahveh de vossos deuses”, diz o Levítico. No livro de Daniel, falando desse profeta, a mulher de Baltazar afirma que ele possui o espírito dos deuses santos. Com o plural Eloim, exprimindo a coletividade, o verbo deve ser empregado no singular: os deuses “criou”, ao passo que, falando essas forças de si mesmo, o verbo está no plural: “Disse Eloim: Façamos o homem à nossa imagem”.

O outro autor do Gênesis emprega o termo Jeová - Jahveh, segundo os modernos orientalistas - nome particular do Deus de Israel. Essa diferença é constante e se encontra em toda a obra, a tal ponto que os exegetas chegaram a distinguir esses dois autores, designando-os pelos nomes de autor Eloísta e autor Jeovista.

Cada um deles tem suas opiniões particulares. O primeiro, por exemplo, se esforçou por dar uma sanção divina à instituição do sábado, alegando que Deus havia, ao dia, repousado. O segundo explica o problema do sofrimento humano. Provém, diz ele, do pecado, e o pecado decorre da queda de Adão. Terrível encaideamento de conseqüências dogmáticas, que devia pesar aflitivamente sobre o pensamento humano e lhe

deter o surto. Renan proclama esse autor o maior dos filósofos. Aí está uma apreciação bem singular. Não se pode, inquestionavelmente, negar que as suas opiniões tivessem inspirado São Paulo, Santo Agostinho, Lutero, Calvino, Pascal; mas em que terríveis dédalos não as emaranharam a razão humana!

No capítulo IV do Gênesis uma estranha contradição se patenteia. Depois de haver morto Abel, Caim se retira para um país distante, no qual encontra homens, casa-se e funda uma cidade. Coisa é essa que gravemente afeta a narrativa da Criação e a teoria da unidade de origem das raças humanas.

Deuteronômio. - Tomemos agora em consideração este quinto livro do Antigo Testamento. Diz o cap. I, v. 1, que é ele obra de Moisés. Nisso há um primeiro exemplo dessas piedosas fraudes que consistiam em publicar um escrito sob o nome de um autor respeitável para lhe dar maior autoridade. Somos informados da origem desse livro pela narrativa dos Reis, II, XXII, vv. 8 e 10. Foi achado no templo, sob o reinado de Josias, um dos últimos reis de Judá, cinco séculos depois de Moisés, numa época em que o astro da dinastia de Judá já se inclinava para o ocaso. O verdadeiro autor o tinha evidentemente colocado no templo, a fim de que fosse descoberto e apresentado ao rei, piedoso homem, que tomou o livro a sério, acreditou que provinha de Moisés e empregou toda a sua autoridade no sentido de aplicar as reformas nele reclamadas. Os judeus achavam-se então engolfados na idolatria; os preceitos do Decálogo de tal modo estavam esquecidos que o autor do Deuteronômio, um reformador bem intencionado, tendo-se proposto recordá-los, provocou um verdadeiro temor nos espíritos e conseguiu fazer aceitar o seu livro como uma nova revelação.

Observemos, a esse respeito, no Deuteronômio, que as sedutoras promessas e as aterradoras ameaças com que se esforça o autor pelo restabelecimento do culto a Jeová se referem exclusivamente à vida terrestre, parecendo não possuir noção alguma da imortalidade.

A mesma coisa se dá com o Pentateuco, conjunto de obras atribuídas a Moisés. Em lugar algum o grande legislador judeu, ou os que falam em seu nome, faz menção da alma como entidade sobrevivente ao corpo. Na sua opinião, a vida do homem, criatura efêmera, se desdobra no acanhado círculo da Terra, sem perspectiva aberta para o céu, sem esperança e sem futuro.

Na maior parte, os outros livros do Antigo Testamento não falam do futuro do homem senão com a mesma dúvida, com o mesmo sentimento de desesperadora tristeza.

Diz Salomão (Ecl, 111, vv. 17 e seguintes): “Quem sabe se o espírito do homem sobe às alturas? Meditando sobre a condição dos homens, tenho visto que é ela a mesma que a dos animais. Seu fim é o mesmo; o homem perece como o animal; o que resta de um não é mais do que o que resta do outro; tudo é vaidade”.

É então isso a “palavra de Deus”? Pode admitir-se que ele tenha deixado ao seu povo predileto ignorar os destinos da alma e a vida futura, quando esse princípio essencial de toda doutrina espiritualista era, havia muito tempo, familiar na Índia, no Egito, na Grécia, na Gália?

A Bíblia estabelece como princípio o mais absoluto monoteísmo. Nela não se trata da Trindade. Jahveh reina sozinho no céu, zeloso e solitário. Mas Jahveh primitivamente não é mais que um deus nacional, oposto às divindades cultuadas pelos outros povos. Só mais tarde os hebreus se elevam à concepção desse Poder único, supremo, que rege o Universo. Os anjos não se mostram senão de longe em longe, como mensageiros do Eterno. Não há lugar algum para as almas dos homens nos céus tristes e vazios. No ponto de vista moral, Deus é apresentado na Bíblia sob aspectos múltiplos e contraditórios. Dizem-no o melhor dos pais e fazem-no desapiedado para com os filhos culpados. Atribuem-lhe a onipotência, a infinita bondade, a soberana justiça, e rebaixam-no até ao nível das paixões humanas, mostrando-o terrível, parcial e implacável. Fazem-no criador de tudo o que existe, dão-lhe a presciência, e, depois, apresentam-no

como arrependido da sua obra: Gênesis, cap. VI, vv. 6 e 7: “Ele se arrependeu de ter feito o homem na terra e teve por isso um grande desgosto em seu coração.”

E diz o Eterno: “Eu exterminarei da face da terra os seres que criei, desde os homens até os animais, até tudo o que se roja pelo chão, e até os pássaros dos céus, porque me arrependo de os haver criado.”

Só Noé e sua família encontraram graça diante do Eterno. Em que se tornam, depois dessa narrativa, a providência e o poder divino?

Assinalemos entretanto: A noção da Divindade se vai depurando à medida que evolue o povo. Os profetas, indivíduos inspirados, reprovam, em nome do Senhor, os sacrifícios cruentos, primeiras homenagens dos hebreus a Jahveh; condenam o jejum e os sinais exteriores de humilhação, nos quais o pensamento não tem a menor intervenção.

“Quando me oferecis os holocaustos de vossas rezes pingues, não me dais prazer algum”, exclama o Eterno pela boca de Amós. “O que exijo é que a retidão seja como uma água que transborda, e a justiça como uma torrente impetuosa”.

“Não jejuais como convém - escreve Isaias, - curvar a cabeça como um junco e fazer cama de saco e de cinza, chamarás tu a isso o jejum agradável ao Senhor? Mas o jejum que me agrada é antes este: Rompe as ligaduras da maldade; desata os laços da servidão, deixa ir livres os oprimidos; reparte o teu pão com o que tem fome e introduze em tua casa os infelizes e os peregrinos; dá de vestir aos nus e não desprezes os teus semelhantes, e então romperá como a aurora tua luz, a justiça irá diante de tua face e a glória do Eterno te acompanhará”. O que o Senhor requer de ti - diz Miqueias - é que pratiques a justiça, que ames a misericórdia e que andes humildemente com o teu Deus”.

Em sua obra intitulada “Em torno de um livrinho”, respondendo às críticas suscitadas pelo seu trabalho sobre O Evangelho e a Igreja, externa o abade Loisy a opinião de que, em seu conjunto, não tem os livros do Antigo

Testamento outro objetivo além da instrução religiosa e edificação moral do povo. “Nele se desconhece a exatidão bibliográfica - acrescenta; - a preocupação do fato material e da história objetiva brilha pela ausência.”

É também essa a minha opinião. Daí segue que não poderia a Bíblia ser considerada “a palavra de Deus” e nem uma revelação sobrenatural. O que se deve nela ver é uma compilação de narrativas históricas ou legendárias, de ensinamentos sublimes, de par com pormenores às vezes triviais.

Parece, em certos casos, se inspirarem os autores do Pentateuco em revelações mais antigas, como o faz notar Swedenborg, com provas em apoio. Os iniciados encararam o Antigo Testamento como puramente simbólico e nele pensam descobrir todas as verdades por meio da Cabala. Somos também de opinião que o pode revestir a forma de um símbolo. Do mesmo modo que aí vemos a preparação do povo hebreu para o advento do Cristianismo, sob a direção de Moisés e dos profetas, aos quais se mostra ele às vezes tão rebelde, pode igualmente esse livro representar-nos a marcha ascensional do espírito humano para a perfeição, a que o conduzem os Espíritos superiores de um e do outro mundo.

O Antigo Testamento parece destinado a servir de laço entre a raça semítica e a ariana. Jesus, com efeito, não parece mais ariano que judeu? Sua infinita mansidão, a serena claridade de seu pensamento não estão em oposição com os rígidos e com os sombrios aspectos do Judaísmo?

Essa obra não remonta a tão antiga data como se tem de bom grado feito crer. Foi em todo caso retocada em mais ou menos tempo, depois da volta da Babilônia, porque nela se encontram alusões ao cativeiro dos judeus nesse país. É bem a obra dos homens, o testemunho da sua fé, das suas aspirações, do seu saber, e também dos seus erros e superstições. Os profetas nela consignaram a palavra vibrante que lhes era inspirada; videntes descreveram as imagens das realidades invisíveis que lhes apareciam; escritores, delinearam as cenas da vida social e os costumes da época.

Foi com o intuito de dar a esses ensinos tão diversos maior peso e autoridade, que foram eles apresentados como emanados da soberana potência que rege os mundos.

Adão, Eva e o Pecado Original

Interessante, muito interessante o que os bichos acabaram de descobrir sobre o início da humanidade, do povoamento da Terra e sobre o pecado original.

Do livro *Conhecendo o Espiritismo* de L. Neilmoris, verificaram como é evidente a origem do “pecado original”:

– Pelo que entendi, então, a crença que se enraizou sobre o chamado “pecado original”, nos textos originais referia-se à reencarnação? De fato, a Bíblia está cheia de “ameaças” aos filhos, que pagariam pelos “pecados” de seus pais... Na realidade, seriam as gerações seguintes em que os mesmos Espíritos, já reencarnados, sofreriam as consequências de seus atos e não uma transferência de débitos? (que aliás seria incompatível com a justiça divina). Sem dúvida alguma. É exatamente isso!

Sobre o início da humanidade e o povoamento da Terra, os bichos acharam interessante citar esse trecho de *A Gênese*, de Allan Kardec, inspirado no primeiro livro da Bíblia, o Gênesis:

Ora, o Senhor Deus plantara desde o começo um jardim delicioso, no qual colocou o homem que formara. – O Senhor Deus também produzira da terra todas as espécies de árvores belas à visão e cujos frutos eram agradáveis ao gosto, e da árvore da vida no meio do paraíso, com a árvore da ciência do bem e do mal.

O Senhor tomou, pois, o homem e o colocou no paraíso de delícias, a fim de que o cultivasse e guardasse. Deu-lhe também esta ordem e lhe disse: Comei de todas as árvores do paraíso. Mas não comas o fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque no mesmo tempo que dela comerdes morrerás, muito certamente.

Ora, a serpente era o mais sagaz de todos os animais que o Senhor Deus formara sobre a terra. Ela disse à mulher: Por que Deus vos ordenou para não comer o fruto de todas as árvores do paraíso? A mulher lhe respondeu: Nós comemos os frutos de todas as árvores que estão no paraíso. Mas para o fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus ordenou para dela não comer, e não tocá-la, de medo que estivéssemos em perigo de morrer. A serpente respondeu à mulher: Seguramente, não morreréis; mas é que Deus sabe que logo que houverdes comido deste fruto, os vossos olhos serão abertos, e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal.

A mulher considerou, pois, que o fruto dessa árvore era bom para comer; que era belo e agradável à visão. E tendo-o tomado, comeu-o, e dele deu ao seu marido para que comesse também.

E como eles ouviram a voz do Senhor Deus, que passava no paraíso depois do meio-dia, quando se eleva um vento brando, eles se retiraram para o meio das árvores do paraíso, a fim de se esconderem de diante de sua face.

Então, o Senhor Deus chamou Adão e disse-lhe: Onde estais? Adão lhe respondeu: Eu ouvi a vossa voz no paraíso, e tive medo porque estava nu; foi por isso que me ocultei. O Senhor lhe respondeu: De onde soubestes que estáveis nu, senão porque comestes do fruto da árvore da qual vos proibi de comer? Adão lhe respondeu: A

mulher que me destes por companheira me apresentou o fruto dessa árvore, e eu o comi. O Senhor Deus disse à mulher: Por que fizestes isso? Ela respondeu: A serpente me enganou, e eu comi desse fruto.

Então o Senhor Deus disse à serpente: Porque fizeste isso, és maldita entre todos os animais e todas as bestas da terra; rastejarás sobre o ventre, e comerá a terra todos os dias da tua vida. Colocarei uma inimizade entre ti e a mulher, entre a sua raça e a tua. Ela te quebrará a cabeça e tu tratarás de mordê-la pelo calcanhar.

Deus disse também à mulher: Eu vos afligirei com vários males durante a vossa gravidez; parireis na dor; estareis sob a dominação do vosso marido, e ele vos dominará.

Disse em seguida a Adão: Porque escutastes a voz de vossa mulher, e comestes do fruto da árvore da qual vos proibi de comer, a terra será maldita por causa do que fizestes, e dela não tirareis de que vos alimentar durante toda a vossa vida, senão com o muito trabalho.

Ela vos produzirá espinhos e sarças, e vos nutrireis da erva da terra. E comereis o vossos pão com o suor de vosso rosto, até que retornéis à terra de onde foste tirado, porque sois pó, e em pó retornareis.

Adão deu à sua mulher o nome de Eva, que significa a vida, porque ela era a mãe de todos os viventes.

O Senhor Deus fez também, para Adão e sua mulher, roupas de peles com as quais os revestiu. E disse: Eis Adão tornado como um dos nossos sabendo o bem e o mal. Impeçamos, pois, agora, que não leve sua mão à árvore da vida, que não tome também de seu fruto, e que, comendo desse fruto, não viva eternamente.

O Senhor Deus fê-lo sair do jardim de delícias, a fim de que fosse trabalhar na cultura da terra de onde fora tirado.

E tendo-os expulsado, colocou os querubins diante do jardim de delícias, que faziam cintilar uma espada de fogo, para guardar o caminho que conduzia à árvore da vida.

- Mais uma vez a Doutrina Espírita vem em vosso socorro - alegaram os bichos. - Passamos a registrar o que

encontramos sobre esta história que parece mais história infantil. Fica claro que Adão não foi o primeiro habitante do planeta terra, vejam por que, ainda no livro *A Gênese*:

Caim (depois da morte de Abel) respondeu ao Senhor: Minha iniquidade é muito grande para poder dele obter o perdão. – Vós me expulsais hoje de cima da Terra, e eu irei me esconder de diante de vossa face. Eu serei fugitivo e vagabundo sobre a Terra, portanto, quem quer que me encontre, me matará. – O Senhor pôs um sinal sobre Caim, a fim de que aqueles que o encontrassem não o matassem.

Tendo Caim se retirado de diante da face do Senhor, foi vagabundo sobre a Terra, e habitou a região oriental do Éden. – e tendo conhecido sua mulher, ela concebeu e pariu Henocho. Ele edificou (vaiehi Bôné; lit.: estava edificando) uma cidade, a que chamou Henocho (Enochia) do nome de seu filho. (Cap. IV, v. de 13 a 16).

[...]

Adão e Eva estavam sozinhos no mundo depois de sua expulsão do paraíso terrestre; e não foi senão posteriormente que tiveram por filhos Caim e Abel. Ora, tendo Caim matado seu irmão e tendo se retirado para uma outra região, não reviu mais seu pai e sua mãe, que ficaram de novo sozinhos; não foi senão muito tempo depois, com a idade de cento e trinta anos, que Adão teve um terceiro filho, chamado Seth, ele viveu ainda, segundo a genealogia bíblica, oitocentos anos, e teve filhos e filhas.

Quando Caim veio se estabelecer no oriente do Éden, não havia, pois, sobre a Terra senão três pessoas; seu pai, sua mãe e ele, sozinho de seu lado. Entretanto, ele teve uma mulher e um filho; qual poderia ser essa mulher, e onde pudera tomá-la? O texto hebreu diz: Ele estava edificando uma cidade, e não ele edificou, o que indica uma ação presente e não uma ulterior; mas uma cidade supõe habitantes, porque não se deve presumir que Caim a fez para ele, sua mulher e seu filho, nem que pode construí-la sozinho.

É necessário, pois, inferir desse relato mesmo que a região estava povoada; ora, não poderia ser pelos descendentes de Adão, que então não tinha outro descendente, senão Caim.

A presença de outros habitantes ressalta igualmente desta palavra de Caim: “Eu serei fugitivo e vagabundo, e quem quer que me encontre me matará”, e da resposta que Deus lhe deu. Por quem poderia temer ser morto, e para que o sinal que Deus pôs sobre ele para preservá-lo, se não deveria encontrar ninguém? Se, pois, havia sobre a Terra outros homens fora da família de Adão, é porque aí estavam antes dele; de onde esta consequência, tirada do próprio texto da Gênese, de que Adão não foi nem o primeiro e nem o único pai do gênero humano (Cap. XI, número 34)

Da mesma forma, do livro *Os Exilados de Capela*, de Edgard Armond, extraímos as afirmativas seguintes:

Seja como for, qualquer das tradições aqui citadas indica o encadeamento natural e lógico dos fatos e das civilizações sequentes e desfaz o Mito de Adão, primeiro homem, do qual Deus retirou uma costela para lhe dar uma companheira, quando a própria Bíblia relata que nesse tempo havia outras mulheres no mundo, com uma das quais, aliás, o próprio Caim fugiu para se casar. Moisés, que conhecia a verdade, estabeleceu esse mito devido a ignorância e a imaturidade espiritual do povo que salvara da escravidão do Egito, com o qual deveria formar uma nação monoteísta

E do *Livro dos Espíritos*, Allan Kardec, citamos:

O homem, cuja tradição se conservou sob o nome de Adão, foi um dos que sobreviveram em certo país, após alguns dos grandes cataclismos que, em épocas diversas, perturbaram a superfície do globo e veio a ser o tronco de uma das raças que hoje o povoam. As leis da Natu-

reza se opõem a que os progressos da Humanidade, constatados muito tempo antes de Cristo, tenham-se cumprido em alguns séculos, se o homem não estivesse sobre a Terra, senão, depois da época assinalada para a existência de Adão. Alguns consideram, e com muito razão, Adão como um mito ou uma alegoria, personificando as primeiras idades do mundo.

Admitindo-se que o homem apareceu pela primeira vez sobre a Terra, 4000 anos antes de Cristo, se 1650 anos depois toda a raça humana foi destruída, à exceção de uma só família, disso resulta que o povoamento da Terra data de Noé, quer dizer, de 2350 anos antes da nossa era. Ora, quando os Hebreus emigraram do Egito, no décimo-oitavo século, encontraram esse país muito povoado e já bem avançado em civilização. A história prova que nessa época a Índia e outros países estavam igualmente florescentes, sem mesmo se levar em conta a cronologia de certos povos que remontam a uma época bem mais recuada. Seria preciso, pois, que, do vigésimo-quarto ao décimo-oitavo, quer dizer, num espaço de 600 anos, não somente a posteridade de um único homem pudesse povoar todos os imensos países então conhecidos, supondo-se que os outros não o fossem, mas que, nesse curto intervalo, a espécie humana pudesse se elevar da ignorância absoluta do estado primitivo, ao mais alto grau de desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas.

A diferença das raças vem, ainda, em apoio desta opinião. O clima e os costumes produzem, sem dúvida, modificações nos caracteres físicos, mas se conhece até onde podem chegar as influências dessas causas, e o exame fisiológico prova que há entre certas raças, diferenças constitucionais mais profundas que aquelas que podem o clima produzir. O cruzamento das raças produz os tipos intermediários. Ele tende a apagar os caracteres extremos, mas não os produz. Apenas cria variedades. Ora, para que houvesse cruzamento de raças era preciso que houvesse raças distintas, e como explicar sua existência dando-lhes uma tronco comum e, sobretudo, ainda próximo? Como se admitir que, em alguns séculos, certos descendentes

de Noé se transformaram ao ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo? Uma tal metamorfose não é mais admissível que a hipótese de um tronco comum para o lobo e o cordeiro, para o elefante e o pulgão, para o pássaro e o peixe. Ainda uma vez, nada pode prevalecer contra a evidencia dos fatos. Tudo se explica, ao contrário, em se admitindo a existência do homem antes da época que lhe é vulgarmente assinalada; que as origens são diversas; que vivendo há seis mil anos, Adão tenha povoado uma região ainda desabitada; o dilúvio de Noé como uma catástrofe parcial confundida com o cataclismo geológico; tendo-se enfim, a forma alegórica particular do estilo oriental e que se encontra nos livros sagrados de todos os povos. Por isso, é prudente não se negar, apressadamente, como falsas, doutrinas que cedo ou tarde, como tantas outras, podem desmentir aqueles que as combatem. As ideias religiosas, longe de perderem, se engrandecem, caminhando com a Ciência; esse é o único meio de não apresentarem ao ceticismo um lado vulnerável.

Os bichos, muito preocupados com a visão míope dos humanos ao afirmar que somente o planeta terra é habitado, pesquisaram e descobriram que todos os mundos, ou seja, todos os globos existentes no infinito espaço sideral, são habitados por seres espiritualizados. Citam o livro de Edgard Armond, *Os Exilados de Capela*, para imprimir mais esse recado, informando-nos: Capela é um desses mundos, porém bem mais evoluído que o planeta terra. É habitado por seres mais inteligentes e mais avançados que vós, moral e intelectualmente. Existiam, em épocas passadas, dentre eles, milhões de rebeldes, que estavam entravando o progresso daquele orbe, tornando-se necessário uma limpeza, um expurgo. Para que Capela evoluísse mais ainda, seria necessário eliminar os elementos contrários a esse progresso. Assim foi feito, sob as ordens e a orientação de Jesus, fazendo-os

reencarnar aqui na Terra, para eles um planeta inferior, de expiação e provas. Essa necessária providência baniu de Capela os perturbadores ao mesmo tempo em que trouxe para o planeta Terra uma prestimosa colaboração, tendo em vista serem os capelinos mais evoluídos, moral e intelectualmente, como já foi dito. Naquela ocasião, Jesus disse-lhes palavras de consolo e esperança, informando-lhes que voltariam um dia, tudo só dependia de cada um, pois cada qual seria responsável pelos seus atos. Teriam que trabalhar duro e viver do suor do seu corpo.

A perda da convivência com os entes queridos; a ausência do conforto e das benesses que tinham naquele aprazível planeta; as palavras de consolo, de esperança e a promessa de dias melhores, naquela ocasião, tudo isso ficou gravado nas suas consciências e ao longo dos séculos, pelas reminiscências, vieram à tona, motivo pelo qual os povos da antiguidade, seus descendentes, guardaram essa intuição. Por serem apenas reminiscências ou sentimentos intuitivos, é que na falta de uma melhor explicação está na Bíblia como o paraíso perdido, o pecado original, a terra prometida etc.

Esse grupo de capelinos não teria correspondido à evolução moral daquele planeta, por isso foi banido para o planeta Terra há cerca de 5.000 anos, dando início à jornada civilizacional humana por meio da encarnação dos mesmos e dando origem à raça chamada adâmica.

Devido ao alto grau de conhecimentos que possuíam, se destacaram na matemática, astronomia, arquitetura, agricultura e navegação, deixando obras como as pirâmides do Egito, os jardins suspensos da Babilônia e as edificações maias e astecas, entre outras.

Essa providência, necessária e saneadora, acontece sempre e é comum a todos os mundos. O planeta terra está

em transição, passará de expiação e provas para regeneração e para isso, fatalmente, os humanos que dificultarem essa transição migrarão para outro planeta inferior.

Finalmente, os bichos destacaram do livro *Jesus, O Maior Psicólogo Que Já Existiu*, de Mark W. Baker, o texto abaixo que está em concordância e confirma este:

Jesus via o trabalho da sua vida como a reconciliação da humanidade com Deus. As Escrituras judaicas ensinavam que Adão e Eva haviam sido expulsos do Jardim do Éden por terem desobedecido a Deus. Do ponto de vista teológico, esse evento foi chamado de Queda, porque a humanidade caiu em desgraça em relação a Deus. A missão de Jesus era mostrar-nos o caminho da casa.

Quando penso nessa “Queda” a partir de uma perspectiva psicológica, me pergunto: “De onde caíram”? A resposta que Jesus daria é a seguinte: “De um relacionamento com Deus. O que a humanidade perdeu no Jardim do Éden foi o relacionamento íntimo com Deus. Jesus viu a si mesmo como a ponte entre Deus e a humanidade. Essa foi a nossa redenção, o nosso relacionamento restaurado com Deus”.

Por último e enfim, os animais irracionais oferecem-nos a seguinte prece. Está na primeira pessoa, para que cada um se sirva dela como se sua fosse:

Criador de tudo e de todas as coisas, dai-me forças para praticar a caridade com plenitude; para, dia a dia, tornar-me mais humilde e menos orgulhoso; para amar e perdoar incondicionalmente o meu próximo; para reconhecer os meus erros e os meus defeitos, persistir e prosseguir em busca da perfeição; para compreender, tolerar e respeitar os erros e os defeitos dos outros; para vigiar a minha mente e os meus pensamentos, ocupando-os somente com utilidades e coisas do bem, enfim que a minha vida seja pautada somente no amor.

Referências Bibliográficas

A Bíblia.

A Caminho da Luz – História da Civilização à Luz do Espiritismo, pelo Espírito Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

A Gênese, de Allan Kardec.

A Grande Síntese, de Pietro Ubaldi.

A Personalidade de Jesus, de Leopoldo Cirne.

Bem-vindo à Vida, de Eduardo Aquino.

Conhecendo o Espiritismo, de L. Neilmoris.

Cristianismo e Espiritismo, de Léon Denis.

Depois da Morte, de Léon Denis, Editora FEB (Federação Espírita Brasileira).

Jesus e o Espiritismo, de Victor Rebelo.

Jesus, o Maior Psicólogo Que Já Existiu, de Mark W. Baker, Editora Sextante.

Nosso Lar, ditado pelo Espírito André Luiz, psicografado por Chico Xavier.

O Consolador, por Emmanuel, psicografado por Chico Xavier.

O Espiritismo em Sua Expressão Mais Simples, de Allan Kardec.

O Espírito e o Tempo, de J. Herculano Pires.

O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec.

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.

O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse? Quem Mudou a Bíblia e Por Quê, de Bart D. Ehrman.

O Redentor, de Edgard Armond.

Os Exilados de Capela, de Edgar Armond, Editora Aliança.

Voltei, de Irmão Jacob, psicografado por Chico Xavier.